

(REPRODUÇÃO DA CAPA DO PREGÃO DE 1902)

PREGÕES

de

SÃO NICOLAU

VOLUME II
1997 - 2017

As *Festas de São Nicolau*, festas escolásticas Vimaraneses que datam pelo menos, do séc XVII, têm raízes no culto deste santo padroeiro dos Estudantes.

Tradições académicas das mais antigas do país, a par das Coimbrás, possuem características únicas realçando-se a participação dos Velhos junto dos Novos, o que permite reunir todos os anos entre 29 de Novembro e 6 de Dezembro em Guimarães, gerações e gerações de *Nicolinos*.

As *Festas Nicolinas* marcadas pelos usos e os costumes populares da região, pela influência do Classicismo e do Romantismo e pela intervenção crítica no fenómeno social, são motivos de celebração e diversão com os folguedos próprios da juventude, quase sempre acompanhados por um característico som de fundo: o troar dos bombos e caixas executando os característicos *Toques Nicolinos*.

As Festas englobam vários números que constituem a sua matriz: as *Novenas*, as *Ceias*, o *Pinheiro*, as *Posses*, o *Magusto*, as *Roubalheiras*, o *Pregão*, as *Maçazinhas* e as *Danças*.

As *Novenas* são celebrações religiosas em honra de Nossa Senhora da Conceição realizadas na *Capelinha de Azurém* às quais assistem os Estudantes que, tocando os tambores, foram chamando o povo a participar.

As *Ceias* servem para juntar à mesa os *Nicolinos* que seguem para o *Pinheiro*.

O *Pinheiro* é erigido (ou "enterrado") no fim de um cortejo, transportado em carros de bois, acompanhado pelos zabumbas, Estudantes que percutem incessantemente os seus bombos e caixas, constituindo esse mastro anunciador, o prelúdio, a anunciação das *Festas*.

As *Posses* não são mais que ofertas que os Estudantes vão recolhendo por várias casas da cidade e que servem para alimentar o *Magusto* que realizam a seguir e que partilham com o povo.

As *Roubalheiras* servem para fazer aparecer junto ao *Pinheiro* bens de todo o tipo que, por piraça, foram desviados durante a noite.

O *Pregão* consiste na declamação de um texto satírico-retórico em verso que serve, principalmente, para exaltação de símbolos locais e nacionais, evocação dos clássicos, elogio das donzelas e feroz crítica social, e que é recitado pelo pregoeiro em vários pontos da cidade por onde se deslocam em préstito os Estudantes acompanhados, mais uma vez, pelos seus tambores.

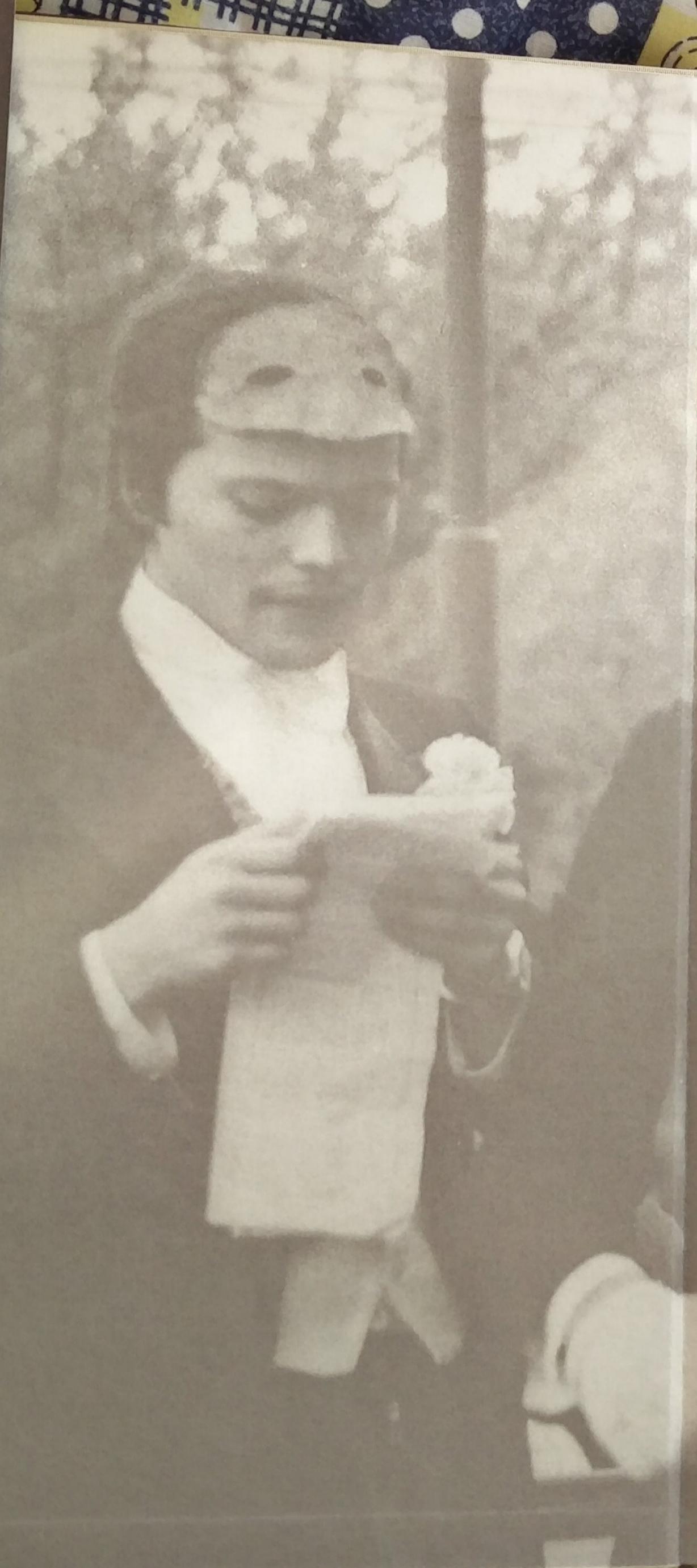
As *Maçazinhas* são, no fim de um cortejo de carros alegóricos, colocadas na ponta de uma lança enfeitada de fitas e oferecidas às donzelas que esperam nas sacadas e que retribuem com pequenas ofertas.

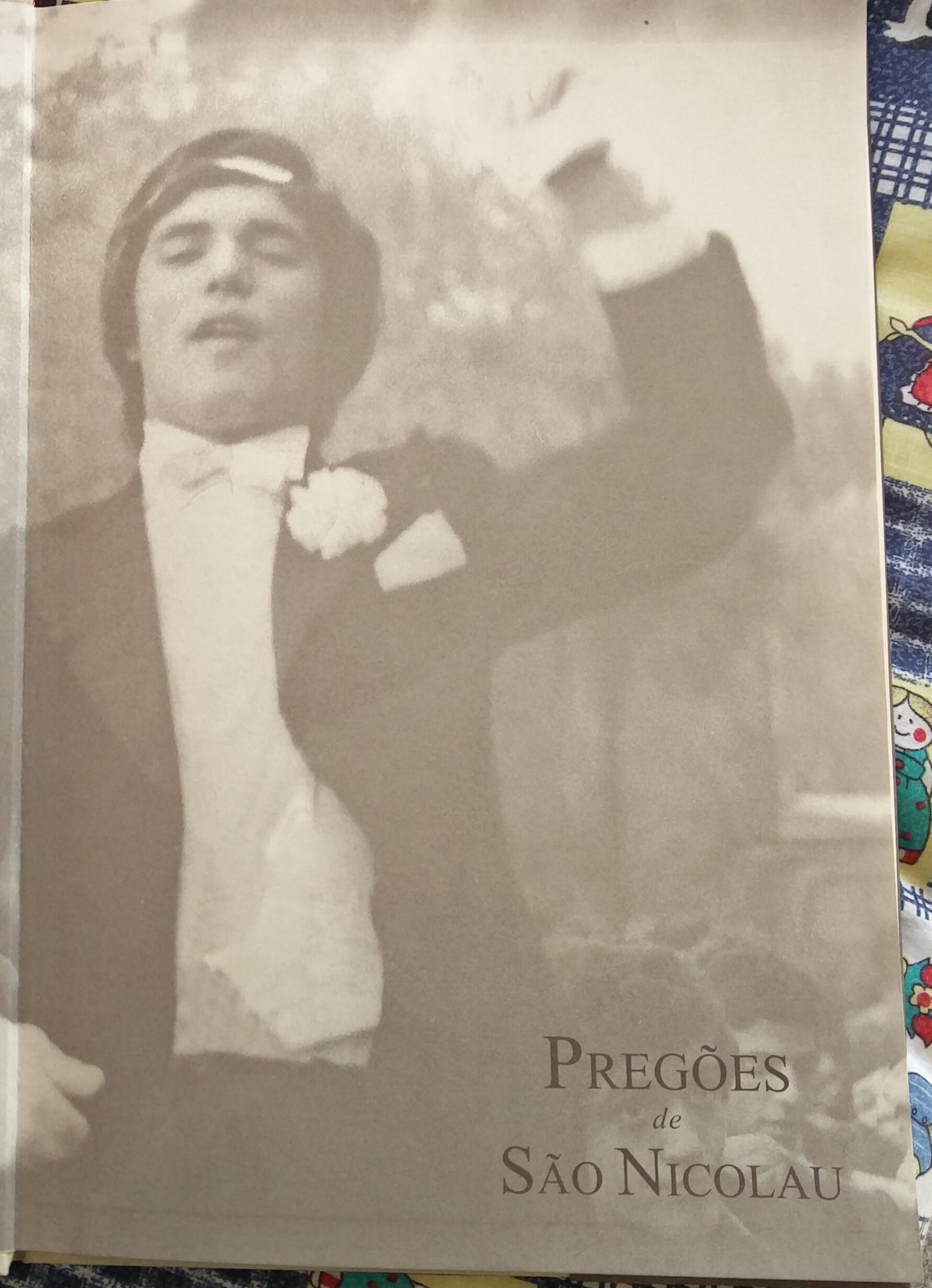
As *Danças* são, no sentido lato, rábulas, pequenas representações e cantorias que servem de diversão e incisiva crítica de costumes e personalidades, levadas à cena numa sala de teatro, embora no passado se tenham realizado, também, na rua ou em casas particulares e servem de encerramento das *Festas* com o entoar do Hino Escolástico.

Nas décadas mais recentes tem-se realizado um Baile que reúne novos e velhos *Nicolinos* prolongando, de certa maneira, as *Festas*, num repasto convivial seguido de actuação musical.

Este livro reúne todos os *Pregões* (ou *Bandos Escolásticos*) escritos, impressos e recitados entre os anos de 1997 e 2017, em edição fac-similada. Com formato variável e diferentes abordagens literárias são um testemunho das seculares *Festas Nicolinas* e da envolvimento histórico-social de Guimarães e as suas gentes nas duas últimas décadas, sucedendo ao anterior volume que compilava *pregões Nicolinos* entre 1817 e 1996.

Este segundo volume da obra constituirá, tal como o anterior, um inestimável documento de referência para os interessados no fenómeno académico Português.





PREGÕES
de
SÃO NICOLAU

A todos os Nicolinos,
Novos e Velhos,
Vimaranenses de Coração

	Introdução	5
Das Festas Nicolinas, Festas Académicas Vimeiranas		7
	Pregões de S. Nicolau desde 1997	17
	Índice dos Pregões	93

Introdução

«(...)“Para não serdes escravos martirizados do Tempo, embebedai-vos, embebedai-vos sem parar! De vinho, de poesia ou de virtude: a escolha é vossa.”»

Charles Baudelaire

Passam hoje duzentos anos sobre a récita do mais antigo dos pregões que chegou até nós.

João Evangelista de Morais Sarmiento tê-lo-á escrito no ano de 1817, teria então 44 anos de idade e viria a escrever outros três, nos anos seguintes.

No seu texto identificam-se muitos dos elementos que definem a forma e o conteúdo típico do poema-pregão que chegou até aos dias de hoje, como o recurso abundante à mitologia clássica, o desafio aos não estudantes, a referência aos principais acontecimentos da época, e, claro, a permanente elevação do amor e devoção às mulheres.

Muito provavelmente não terá sido o primeiro. O Bando Escolástico – como é também designado – deve ter nascido em data anterior, talvez pelo final do séc. XVII. Certo é que, a 5 de dezembro, um grupo de estudantes declama, ou melhor, proclama em vários pontos de Guimarães, um texto de características poético-satíricas que regista o Tempo. Dá-lhe voz um Pregoeiro, normalmente escolhido de entre os membros da Comissão de Festas, cuja chegada aos diversos locais de proclamação se faz anunciar por um cortejo de caixas e de bombos, zurzidos em toque específico do número, pelos estudantes.

É fácil relacionar o Pregoeiro com o Arauto de tempos mais antigos, funcionário público que se encarregava de, nos locais do estilo ou do costume, proclamar de viva voz, fazendo-se anunciar muitas vezes por instrumentos de percussão, sentenças, informações, avisos, regulamentos e outras mensagens de interesse para a comunidade.

É isso mesmo o Pregão de S. Nicolau ou Bando Escolástico: um texto identitário, um testemunho profundamente sério, para os que não se deixam iludir pelo tom usualmente satírico (mas é a rir que se corrigem os costumes), das críticas e das preocupações, mas também dos aplausos e anseios e da vontade popular, que o erige em original fonte de estudo e de preservação da nossa memória coletiva, para mais, em muitos casos, construído sobre elegantes exercícios de escrita poética, de preciosa valia literária.

Por todas estas razões, é-nos muito querida a preservação destes textos e a sua divulgação, o que fazemos, uma vez mais, através da publicação desta coletânea, a qual atualiza à data de hoje, 200 anos de história e de estórias, somando os 20 pregões escritos e proclamados desde a sua primeira edição, em 1997. Para que possamos, com os seus Autores, encontrados nos ecos dos seus Pregoeiros de todas as eras, libertar-nos da lei da morte e embebedar-nos desta singular poesia que regista a passagem do Tempo!

Guimarães, Dezembro de 2017

A Direcção da Associação dos Antigos
Alunos do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos

Das Festas Nicolinas, Festas Académicas Vimaraneses

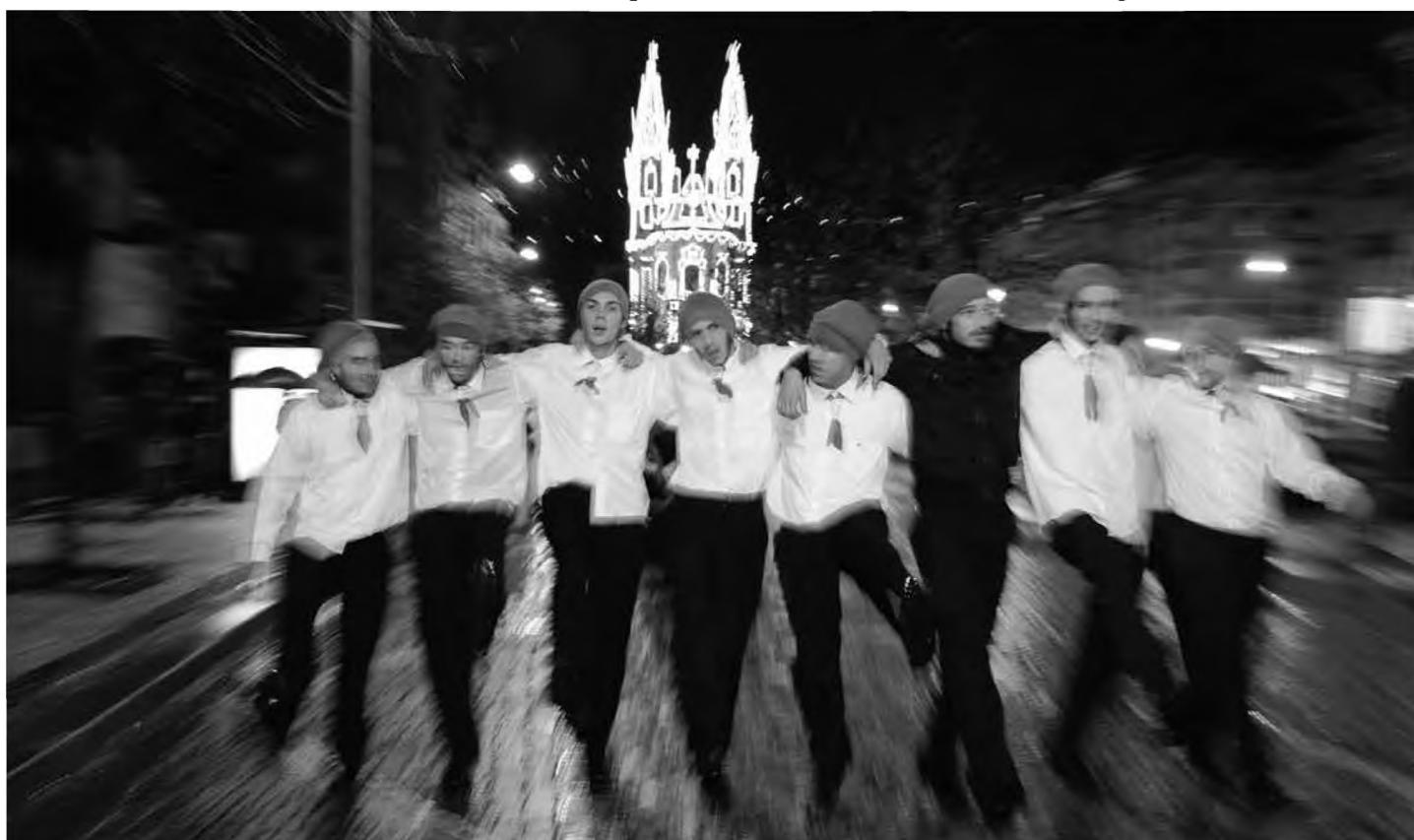
As Origens das Festas de S. Nicolau



em origens medievais a instituição de São Nicolau de Pátara, Bispo de Myra, como patrono dos Estudantes, tradição esta Europeia presente em países como a Espanha (Salamanca), França (Paris), Inglaterra (Oxford) e Portugal, com celebrações de que têm sido salientadas as afinidades às velhas saturnais romanas. Ainda hoje este santo é venerado principalmente no Norte da Europa sendo a origem da figura universal do Pai Natal.

Em Guimarães a devoção ao Santo provem da Alta Idade Média e sabe-se que, a 6 de dezembro de cada ano os Estudantes e Coreiros saíam à rua para festejar o S. Nicolau usurpando o uso de vestes eclesiásticas, “causando turvações na vila e muitas indecências”, como notaria o arcebispo D. Veríssimo de Lencastre, em janeiro de 1675, sendo tradição realizarem representações e Danças nesse dia. Em 1662 os Estudantes pedem ao cabido da Colegiada um local para erigirem uma capela evocativa de S. Nicolau Bispo para nela criarem confraria ou irmandade. Esta vê redigidos novos Estatutos, aprovados em 1691, que preveem a realização de Danças e Comédias para custear as obras da capela.

O documento mais antigo que se refere a estudantes em dia de S. Nicolau em Guimarães, foi revelado recentemente pelo historiador Rui Faria. Refere-se a uma queixa apresentada por uma tal Maria Cardoso contra dois estudantes que teriam arrombado um postigo de sua casa na noite de S. Nicolau do ano de 1645. Trata-se de um “instrumento de perdão” lavrado na Quaresma do ano seguinte,



quando a queixa foi retirada, por “descargo de consciência” da queixosa. Revela-nos que, naquele tempo, os estudantes de Guimarães já praticavam atos de subversão a coberto de S. Nicolau.

Entretanto a dimensão profana das Festas foi suplantando a dimensão religiosa destas, tendo sido introduzidas ao longo dos anos tradições populares exteriores e tradições universitárias europeias consequência da influência de Cónegos da Colegiada “estrangeirados”, e, quiçá, do breve funcionamento da Universidade da Costa. Nos séculos XIX e XX são notórias influências da Universidade de Coimbra e da Universidade do Porto, consequência da participação, como Nicolinos Velhos, de alunos Vimaranenses que aí cursavam em várias iniciativas das Festas de S. Nicolau, de que são exemplo alguns Pregões.

O Ensino em Guimarães



s primórdios do ensino em Guimarães estão ligados à Aula de Latim que funcionava anexa à Colegiada (os professores eram cónegos seus) com Coreiros e Estudantes. Há documentos do séc. XVI (1537-1543) que referem o funcionamento da Universidade da Costa sediada no Mosteiro aí situado. Autorizava o alvará de D. João III de 6 de junho de 1541 que aí se dessem os graus de Bacharéis, Licenciados e Mestres de Artes, gozando os alunos de todos os privilégios, liberdades, proeminências e isenções tal qual os que se graduavam na Universidade de Coimbra.

Para além das Aulas da Colegiada há notícias de Aulas de Gramática do Pe. Leandro de Castro no séc. XVIII, Aulas de Retórica e Poética no Convento de S. Domingos no início do séc. XIX, de um Curso de Aritmética, Geometria, Geografia e Línguas Francesa e Inglesa em 1860 e Aulas de Aritmética, Geometria aplicáveis à Indústria no edifício do Convento de S. Francisco em 1865.

Entretanto surgiram outros Estabelecimentos de Ensino, destacando-se, já no final do século passado: o Colégio das Hortas (que funcionou no Palácio do mesmo nome) em 1881, o Instituto Escolar da Sociedade Martins Sarmiento em 1882, a Escola Industrial “Francisco de Holanda” em 1885, o Seminário da Nossa Senhora da Oliveira em 1891, o Colégio de S. Nicolau em 1893, o Colégio de S. Dâmaso (que funcionou, também, no Mosteiro da Costa) em 1895. O Seminário começou na Praça de S. Tiago e instalou-se volvidos dois anos no extinto Convento de Sta. Clara.

Em 1896 foi criado o Seminário-Liceu, em 1911 este acaba e permanece o Liceu Nacional que entretanto passa a Central em 1917 e é apelidado de “Martins Sarmiento” em 1919, sendo depois despromovido a Municipal em 1935. Em 1947 passa novamente a Liceu Nacional e em 1960 deixa a o Convento de Sta. Clara e é instalado no Edifício que atualmente alberga a “Escola Secundária Martins Sarmiento”.

Após a reforma do ensino, há quatro décadas atrás, a Escola Industrial e Comercial passa a “Escola Secundária Francisco de Holanda” e à “Escola Secundária da Veiga” sucede a “Escola Básica e Secundária Santos Simões”. Entretanto o “Colégio Egas Moniz” foi extinto.

Como corolário da evolução do ensino nesta cidade, é criado, na década de 70, o Pólo de Guimarães da Universidade do Minho.

Os Movimentos Académicos Vimaranenses



ando primeiros sinais de associativismo, em 1662 os Estudantes pedem ao cabido da Colegiada um local para erigirem uma capela evocativa de S. Nicolau Bispo para nela criarem confraria ou irmandade. Os Cónegos autorizam a sua construção na parte direita da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, encostada à sacristia, junto à capela de Santo Estêvão, entregando-lhes o terreno de então para todo o sempre. Na



sequência, a Irmandade de S. Nicolau vê redigidos novos Estatutos, aprovados em 1691.

Já no século XIX e em virtude da decisão da Colegiada em retirar aos Estudantes um famoso legado de que faremos a seguir, que era um uso adquirido, houve uma reação por parte destes interpondo uma ação que foi ganha, em 1837, mas que, após o recurso do cabido, viria a ser revogada por decisão da relação do Porto. Em consequência de todo este movimento foi fundada nesse mesmo ano a Associação Escolástica

Vimaranense dotada de estatutos numa linha de continuidade do referido Compromisso de S. Nicolau de 1691.

Na década de 60 do séc. XX os “Velhos Nicolinos” fundam a Associação do Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, com estatutos aprovados por despacho ministerial de 17 de julho de 1961 e publicado no Diário do Governo n.º 196 de 22 de agosto desse ano.

Esta instituição pretendendo albergar todos os antigos estudantes do ensino secundário vimaranense aglutinou, entretanto, à sua designação o epíteto “Velhos Nicolinos”.

As Festas Nicolinas



As Festas de São Nicolau são as festas de todos os Estudantes de Guimarães.

Foram evoluindo ao longo do tempo, com altos e baixos e sem um modelo estático, definitivo e são o esteio das tradições académicas Vimaranenses. Das mais antigas do país, a par das Coimbrãs, e com características únicas das quais se destaca a participação efetiva dos Velhos a par dos Novos, permitem reunir entre 29 de novembro e 6 de dezembro gerações e gerações de Nicolinos.

Conservam os Estudantes Vimaranenses, ou pelo menos a Comissão Organizadora das Festas, ininterruptamente, desde do século passado até hoje, o uso do traje académico. Do verdadeiro traje da “capa e batina”, que não é só universitário (como aqui se prova), nem só de Coimbra.

São Festas únicas, como se disse, marcadas pelas tradições populares, pela influência do classicismo e do romantismo e pela intervenção crítica no fenómeno social, são motivo de diversão com os folguedos próprios da juventude quase sempre acompanhados pelo bater dos bombos e caixas, o característico som de fundo das Nicolinas.

Dos desfiles às cerimónias, das declamações às encenações os Estudantes, desde o mês de novembro, vão ensaiando para as Festas, mas aquilo em que mais se empenham é no ensaio dos “Toques Nicolinos”, o som das “orquestras de bombos e caixas”, para que estejam afinados e de acordo com os cânones quando tal for exigido. Por tradição os “Toques Nicolinos” são três: o das Novenas, o do Pinheiro e o do Pregão.

Os números das festas não cabiam todos a 6 de dezembro e foram-se espalhando pela semana de 29 de novembro a 6 de dezembro a partir de fins do séc. XIX. O núcleo fundador das Nicolinas relaciona-se com os festejos do Santo com representações, Danças e comédias, acrescidas da recolha e distribuição da renda (Posses). A isto juntou o anúncio das festas pela ereção do Pinheiro e a sua apresentação e exaltação com o Pregão. Parece ser este o



movimento histórico das nossas Festas, desde o início intimamente ligado ao rossio do Toural.

Os Festejos a São Nicolau são apodados de Festas Nicolinas pela primeira vez por João de Meira num Pregão de 1904. Estas Festas, ao longo dos tempos, foram englobando vários “números” que constituem a sua matriz e que são:

- As Novenas
- As Ceias
- O Pinheiro
- As Posses
- O Magusto
- As Roubalheiras
- O Pregão
- As Maçãzinhas
- As Danças

Passemos, então, à sua breve descrição.

Novenas



Festividade de Nossa Senhora da Conceição (padroeira de Portugal a partir do reinado de D. João IV) era já celebrada em Guimarães desde 1329 com grande enraizamento popular, em consequência desse facto, no séc. XIV foi levantada a capelinha de Azurém ou de Nossa Senhora da Conceição de Fora, pois era “extramuros” da vila.

No Séc. XVIII existem notícias de uma Irmandade de sediada na dita capelinha de que faziam parte Cónegos e Estudantes herdeira de uma antiga confraria do século anterior.

Vem daí o empenhamento dos Estudantes na celebração dos nove dias que antecedem o 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição. Assistiam às novenas acompanhados dos coreiros da Colegiada e faziam-se acompanhar de bombos e caixas.

Desde o dia 29 de novembro e durante mais oito dias, ao romper da aurora e ao “Toque da Novena” eles passavam por casa uns dos outros chamando-os a participar e a integrar a coluna que se dirigia à celebração daquele ato religioso. Chegados às imediações da Capelinha e para enganar o frio, iam-se entretendo, numa taberna vizinha, com uma malga de caldo d’unto.

O uso de abrilhantar as novenas com bombos e caixas era um costume antigo do povo da região a propósito de várias outras celebrações deste cariz.

Ceias



ra costume dos Estudantes cearem após a ereção do Pinheiro permitindo assim o convívio entre todos. Essa ceia foi entretanto sendo substituída por um Jantar que junta à mesa várias gerações de Nicolinos.

De uma dessas “Ceia dos Velhos” de meados deste século e que terminava com a entoação do Hino Escolástico transcrevemos a Ementa recheada da melhor oferta gastronómica que oferece a região:

“Papas de sarrabulho, Rojões de porco com batatas, Tripas com Grelos, Caldo Verde com tora, Bolinhos de Bacalhau, Sardinhas assadas, um copinho de Verde carrascão e um Trago de bagaço...”

São destes Jantares que então enchiam as tabernas Vimaranenses e que ainda hoje enchem os restaurantes citadinos que partem os Novos e Velhos Nicolinos bem comidos e bem bebidos, à força de “Filintilízios”, brindes, discursos, pseudodiscussões e divagações “académico-filosóficas”, constituindo a primeira etapa da grande noite do Pinheiro.

Pinheiro



o dia 29 de novembro os Nicolinos propõe-se, no fim de um cortejo, erguer um pinheiro, o mais alto da região, para anunciarem as suas Festas e marcarem no terreno, pelo menos assim era antigamente, o local de eleição para o convívio e reunião de todos.

As raízes deste cortejo remontarão aos inícios do séc. XIX e o seu modelo mantém-se na essência inalterado: o Pinheiro, oferecido por uma rica família vimaranense e enfeitado com lanternas, segue pousado em carros puxados por várias juntas de bois (chegaram a ser dezenas...), à sua frente segue a figura de Minerva, deusa da sabedoria (evocação da formação clássica Greco-latina dos Estudantes Vimaraneses no século passado), seguem, então, os Estudantes, novos e velhos, que ininterruptamente percutem bombos e caixas executando o característico Toque do Pinheiro e fecha o cortejo uma banda de música (que, por tradição, deveria executar, entre outras peças, o Hino Escolástico).

Costumes populares de antanho evocam a simbologia do grande mastro, o tronco de árvore que, nas festas e jogos das aldeias, anuncia a realização das mais variadas celebrações e são exemplo disso os festejos de São João. Nas Festas Nicolinas o Pinheiro levantado constitui o prelúdio, uma introdução à sucessão de acontecimentos e manifestações que lhe seguirão e que concorrem para a mais inolvidável semana do sentir do Estudante Vimaranesense.



Em meados do séc. XIX a bandeira escolástica era hasteada junto com a figura de Minerva no tronco já erigido, costume que foi abandonado, sendo hoje o extremo do Pinheiro encimado pela “crouinha”.

Este cortejo tem origem no Largo do Cano, atrás do campo de S. Mamede, e segue um percurso extramuros da “antiga vila”, terminando no local onde será erigido o Pinheiro e onde este se manterá até ao fim das Festas.

Esse local é, atualmente, o terreiro junto à Igreja dos Santos Passos no extremo do Campo da Feira. O destino final foi sendo alterado ao longo do tempo: começou por ser o Toural, o rossio da vila, passou depois pelo Campo de S. Francisco e pelo Campo da Feira até se fixar ao lado da igreja de Nossa Senhora de Consolação e Santos Passos onde lhes está reservado local próprio com placa evocativa. Aí se ergue o Pinheiro junto do Monumento Nicolino da autoria de José de Guimarães, ele próprio “velho nicolino”, inaugurado a 25 de janeiro de 2008.

O cortejo do Pinheiro é hoje o número mais concorrido já que, como se disse, junta Nicolinos de todas as gerações, que assim se reúnem anualmente relembrando os velhos tempos. E é vê-los aos Novos e Velhos em convívio, barrete na cabeça à camponesa, goelas bem “aquecidas” que o frio é já muito, fazendo vibrar milhares de peles distendidas ao golpe de baquetas e maçanetas. Estranho espetáculo se depara a quem vem a Guimarães e vê o percurso do Campo de S. Mamede ao Campo da Feira preenchido, praticamente na totalidade, por enérgicos Nicolinos.

Depois da cerimónia os Estudantes não recolhem a casa antes se espalham em grupos pela cidade e toda a noite tocam as caixas e bombos, exibindo orgulhosamente, no dia seguinte, as indeléveis marcas do esforço nas suas próprias mãos.

Posses



Segundo reza a tradição: “foi um cónego da Colegiada que legou em testamento (séc. XVII) uma dádiva anual aos Coreiros da Colegiada, que se instituiu como Posse. Dela usufruíam, a par dos coreiros, também os Estudantes que conjuntamente com eles frequentavam as aulas de Latim na Escola da Colegiada. Essa Posse recolhida na casa da Renda, em Santo Estêvão de Urgeses, era constituída por castanhas, vinho, maçãs, tremoços, nozes e palha”.



As Posses Nicolinas, que não sendo mais que a recolha feita pelos Estudantes de várias oferendas, distribuíam-se pelos vários dias das Festas Nicolinas, embora num dia específico, que começou por ser o dia 6, passou pelo dia 5 e se fixou, depois no dia 4 de dezembro, houvesse lugar a um cortejo.

Ao toque de bombos e caixas e munidos de archotes, seguiam os Estudantes a reclamar as posses instituídas, levando uma banda de música a abrir o cortejo. Este dirigia-se à Cruz de Pedra onde era levantado o mato, oferta do Oleiros aí radicados e que serviria de combustível ao Magusto.

Os Estudantes levantavam as várias Posses nos locais onde sabiam ser bem recebidos ou, então, estas eram-lhes enviadas ao Toural onde se aguardava o início do Magusto. Para além destas Posses que consistiam em bens comestíveis, outras haviam só de atos ou de treta que se chamavam Macarrónicas.

Muitas Posses ficaram famosas como as do Cucúcio (glosadas por Raul Brandão), as do Dr. Matos Chaves, as das Freiras de Sta. Clara, as do Mestre Venâncio, as do Chasco, as do Barroca, as do Penafort...

Magusto



pós a recolha das Posses iniciava-se o Magusto aproveitando as oferendas que eram levadas para junto do Pinheiro onde se acendia uma gigantesca fogueira alimentada pelo mato oferecido pelos Oleiros. Comia-se e bebia-se toda a noite com os Nicolinos partilhando o bodo com o povo e convivendo assim todos, Estudantes e futricas.

O local do Magusto que era inicialmente o Toural, foi mudando de modo a acompanhar o local da ereção do Pinheiro. Depois do Magusto alguns Estudantes em grupos ainda recorriam à “moinice” e procuravam as casas senhorias para a Posse da Ceia...

Os descatos entretanto surgidos naquele que se pretendia que fosse um são convívio, levaram à sua interdição por parte das autoridades.

Hoje em dia este costume foi reimplantado, rematando as Posses, sendo a Praça de S. Tiago o local escolhido para a sua realização.



Roubalheiras



erminado o Magusto e as Ceias que se lhe seguiam os Estudantes espalhavam-se pela cidade e sorratamente faziam mudar de lugar as mais variadas coisas desde as mais prosaicas às mais bizarras, que

apareciam, manhã cedo, junto ao Pinheiro. Galinhas, patos, perus, tabuletas trocadas, utensílios, fechaduras, nada era poupado à voracidade dos Estudantes que também faziam aparecer cartazes com dizeres vários, virando nessa noite a cidade de pernas pro ar.

As roubalheiras têm origem num costume antigo desta região, da altura das Festas de São João (a “noite das fogueiras”) e que ainda subsiste em certas localidades do país.

Pregão



Pregão ou Bando Escolástico dá-se a 5 de dezembro e consiste na declamação de um texto satírico-retórico, aferado, da autoria de Novos ou Velhos Nicolinos, recitado de modo entusiasta por um Estudante-pregoeiro em vários pontos da cidade por onde se deslocam em cortejo os Estudantes bramindo as baquetas e castigando os bombos e caixas, executando o Toque do Pregão. O nome de Pregão de S. Nicolau tem justificação óbvia, enquanto o nome de Bando Escolástico, caído em desuso, se reporta ao grupo de académicos que se constituía para o efeito e o fazia ecoar.

Foi, quiçá, nos fins do séc. XVIII que surgiram os primeiros Pregões Nicolinos, mas o primeiro deles documentado é o de 1817 da autoria de João Evangelista de Morais Sarmiento, tendo-se perdido os que lhe serão anteriores.

As suas origens radicarão por um lado, no costume medieval de publicitar mensagens de diverso teor que diziam respeito à comunidade, recorrendo a um pregoeiro a cavalo que, escoltado de peões munidos de tromberas ou tambores, se fazia anunciar, e por outro, nos “testamentos carnavalescos” de feição popular. É de referir, a propósito, a proliferação no início do século passado dos poemas heroico-cômicos, que sob a forma de epopeia versavam assuntos banais ou ridícu-



los e que eram do conhecimento dos Estudantes Vimeanenses que dominavam, também, a obra camoniana e os clássicos Latinos como Virgílio ou Ovídio, devido à sua formação escolar.

Acerca dos temas versados neste Pregões socorremo-nos de A. L. de Carvalho: “Sumariando os assuntos constitutivos dos pregões Nicolinos, são estes os mais visados: Epigramas satíricos aos costumes, alusões pícaras aos sucessos escolares, amavios românticos às Damas; coriscadas virulentas aos intrusos; panegíricos camonianos aos deuses gentílicos; brejeirices picantes às criadas e costureiras; facécias críticas aos governantes municipais; ditirambos graciosos ao Patrono; pancadas risonhas ao burguês; hossanas em louvor das musas e mais das tradições escolásticas”.

Nos fins do século passado abria o préstito um Estudante a cavalo, trajado a rigor, ostentando a bandeira da Academia Vimaranesa. Acompanhava-o uma guarda de honra, também a cavalo ou a pé. A esta última e ao guarda-bandeira seguiam-se os zabumbas e o grosso dos Estudantes fazendo-o mascarados, antes de este costume ser abolido (hoje ainda o fazem de mascarilha). Seguia-se o carro do Pregão, puxado por uma ou duas parelhas de cavalos, com cocheiro e trintanário, de chapéu alto e sobrecasaca de cerimónia.

No carro, tomavam lugar, usualmente, quatro Estudantes incluindo o pregoeiro. Este era escolhido entre aqueles que revelavam dotes de declamação e dicção condizente com o exigido bem como pose para a ocasião.

O Pregão era, então, recitado do alto do carro nos locais do costume: casas particulares, o Toural, a porta das escolas e praças e ruas de maior importância. Hoje também se declama frente à porta da Senhora Aninhas, madrinha dos Estudantes.

Anos houve com mais que um pregão e outros houve com lugar ao Pregão dos Velhos.

Maçãzinhas



As Maçãzinhas são um número que, uma vez mais, envolve um cortejo, este de carros alegóricos, de onde saem os Estudantes empunhando uma lança materializada por uma ponta em metal com motivos trabalhados, enfeitada com várias fitas oferecidas por amigas e namoradas e colocada na ponta de uma cana, onde se enfiam as pequenas maçãs para oferecer às donzelas que esperam nas sacadas e que retribuem colocando na ponta da lança pequenos presentes.

A origem deste número é especulativa podendo evocar-se o movimento romântico que atravessou a Europa nos fins do séc. XVIII e no séc. XIX que apelava ao sentimentalismo e ao regresso à medievalidade, à adoração da pessoa amada. De origem medieval eram os Torneios e Justas que foram substituídos pelas cavalladas, estas ligadas ao povo e que não eram mais que jogos de destreza a pé ou a cavalo, que recorriam, por vezes, a



paus e lanças. Outra das raízes que se poderá evocar é a das “Cerimónias de triunfo” de Roma que chegaram à Idade Média e que faziam uso de um desfile de carros alegóricos.

Ao que se sabe este número existe desde a terceira década do século XX, sempre realizado no dia 6 de dezembro, dia de S. Nicolau e teve variações na sua hora de saída, desde a manhã até ao princípio da tarde, que é altura em que se fixou nos dias de hoje.

O atual Cortejo das Maçãzinhas é um resquício do costume em partilhar com o povo as maçãs que faziam parte do famoso legado da Colegiada já referido.

O Cortejo era quase sempre imponente, constituído por carros alegóricos e Estudantes trajados a rigor. Os motivos presentes eram a cultura clássica e a mito-

logia greco-romana conhecida pelos participantes pois fazia parte dos currículos escolares. O guarda-roupa e os adereços eram previstos com todo o rigor, às vezes com fatos alugados para a ocasião vindos do Porto ou de Lisboa. Participavam neste cortejo Novos e Velhos Nicolinos e a abrilhantar o préstito seguia, uma vez mais, a habitual banda de música.

As fitas que pendem das lanças são oferta feminina e ostentam, muitas vezes, inscrições bordadas ou pintadas e dedicatórias muito especiais. O destaque principal vai para a fita do laço, aquela que, sendo a mais comprida, envolve as demais. Era oferecida pela namorada ou por aquela que tendo um lugar muito especial no coração do Estudante recebe a primeira maçã, a mais coradinha delas.

As Damas vestindo como num dia de festa esperavam pelos Estudantes nas janelas e sacadas (e relembre-se como antigamente era difícil o contacto aberto entre os jovens de ambos os sexos...) recolhendo as pequenas maçãs e retribuindo com pequenas ofertas: cigareiras, cigarros, chocolates, garrafinhas, bugigangas, botões de punho, gravatas, livros, canetas, pisa-papéis, entre outras.

O cortejo tinha início na casa da renda em Urgeses, seguindo pela Cruz de Pedra até ao Toural onde se concentravam as donzelas. Hoje o seu destino final tem sido a Praça de S. Tiago, coração do Centro Histórico de Guimarães, ou o Largo do Toural.

Danças



As suas origens estão ligadas à necessidade de angariar fundos para a instituição e manutenção do culto de São Nicolau, construção da sua Capela e demais obrigações impostas pelo levantamento da sua Irmandade. Essa necessidade levou à decisão de realizar representações e danças, como determinava o Compromisso da Irmandade de São Nicolau, datado de 1691. A capela de S. Nicolau, finalmente reconstruída em 1998 após criminoso derrube pelos idos de 1970, foi justamente levantada com dinheiro assim conseguido.

No final do séc. XVII e princípios do séc. XVIII as danças que os Irmãos, Coreiros e Estudantes executavam seriam; a Folia Preta, a dança Preta, a dança Militar e a dança Chinesa ou, quiçá, outras próprias da Procissão do Corpo de



Deus como a dança do rei David, a dança da Judenga, a dança da Mourisca ou a dança da pela. Eram números coreográficos a que se anexavam rábulas, ditos espirituosos, pequenas dramatizações e cantorias. No mesmo âmbito se integravam as “danças de armas”, as “óperas” e as “operetas”.

Socorremo-nos, agora, de Amaro das Neves:

“As danças de S. Nicolau são, de todos os números das Festas Nicolinas, aquele que está mais marcadamente ligado às origens destas festividades.

Ao longo do tempo, estas manifestações foram evoluindo. No início eram exibições de teatro de rua, de cariz jocoso e burlesco, cujos intérpretes declamavam, cantavam e dançavam nas ruas, ao som do de tambores e pandeiros. Estas

demonstrações tinham um cariz eminentemente carnavalesco, em que os estudantes apareciam mascarados, tradição que nas primeiras décadas do século XIX já era classificada como muito antiga). Por aquele tempo, as autoridades, com a pretexto da manutenção da ordem, proibiam, recorrentemente, os estudantes de saírem à rua com máscaras. Eram, então, frequentes os conflitos entre os estudantes e aqueles que, não gozando do foro escolástico, se introduziam nos seus festejos, com as identidades ocultadas por máscaras”

No século XIX era costume que uma banda percorresse as ruas da cidade, de 29 de novembro a 6 de dezembro, “ao raiar da aurora”, uso antigo que anunciava os dias especiais das Nicolinas. O encerramento das Festas era feito a 6 de dezembro, com realização durante todo o dia de Cavalhadas e exibições, e à noite com as Danças Nicolinas no Teatro - o “baile mascarado”, os “quadros vivos” e outros divertimentos, com destaque para a personificação de deuses da mitologia clássica.

As Danças saíam do teatro ao princípio da tarde, aonde regressariam, e espalhavam-se pela cidade em grupos, tomando o nome de Turnos das Danças. Participavam, também, no início deste século, no cortejo das Maçãzinhas com um carro próprio onde abriam o apetite do povo para a representação que teria lugar nessa noite.

Foi da iniciativa dos Estudantes a construção do Teatro de S. Francisco em instalações do Convento do mesmo nome, em 1849, onde se representaram Danças até 1854 quando fechou, mas a sala mais emblemática foi o Teatro D. Afonso Henriques, inaugurado em 1855 e entretanto demolido. No século XX cabe referir o Teatro Jordão e, depois, o Auditório da Universidade do Minho. Atualmente decorrem no Grande auditório do Centro Cultural Vila Flor.

As Danças, sendo o número de encerramento das Festas, terminam com o Hino Escolástico entoado em conjunto pelos Estudantes e pelo povo.

Com os altos e baixos que foram tendo ao longo dos anos, períodos houve em que não foram mesmo realizadas e passaram a chamar-se Danças dos Velhos, sendo este o seu nome na altura em que se retomaram por 1972.

Desde 1986 que se realizam ininterruptamente sempre com casa esgotadíssima.

Nota Final

Outras manifestações se têm acolitado no seio das Festas Nicolinas.

Falamos do “Cortejo do Retábulo” também dito o “Pinheirinho” em que os muitos jovens do ensino pré-primário integram um desfile que recolhe um oratório do Santo depositado na sua capela e o leva até à Torre dos Almadas.

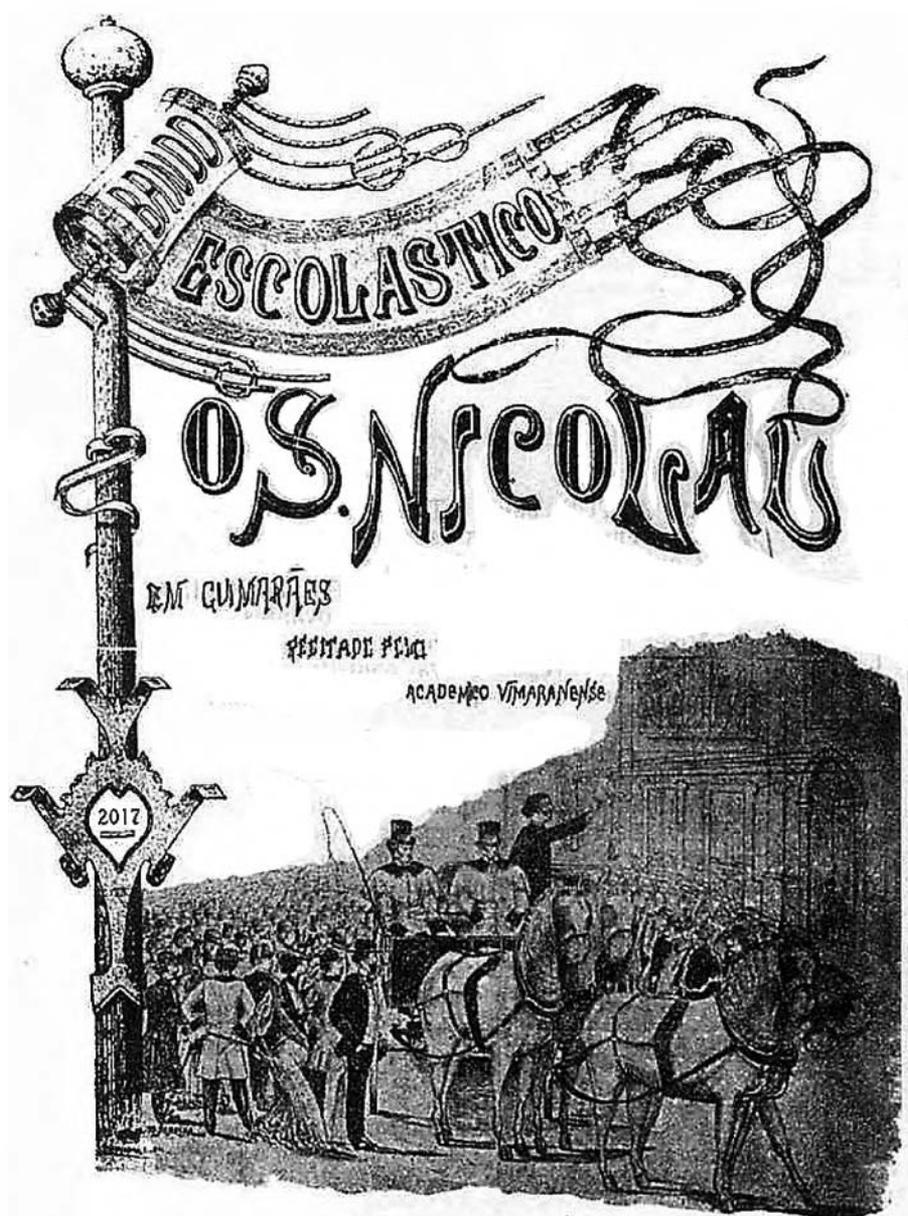
Falamos, também, da “Plantação dos Pineiros” em que novos e velhos nicolinos plantam espécimes de *Pinus Pinaster* na Quinta de Aldão de modo a repor, numa preocupação ecológica, o povoamento de pinheiros que, num dia vindouro, sirvam os futuros nicolinos.

Cabe ainda referir que no ano de 2016 foi inaugurada a “Rua de São Nicolau dos Estudantes” que liga as “Hortas” ao “Campo da Feira”.

Texto do livro “Pregões de S.Nicolau desde 1817” publicado a 20.10.1997
Revisto em novembro de 2017 (Miguel Bastos)

Bibliografia

- Mário Cardoso e Francisco da Silva (dir.) e vv. aa. - “Os Velhos” (I), 1920
Antonino Dias Pinto de Castro (dir.) e vv. aa. - “Os Velhos” (II), 1945
Antonino Dias Pinto de Castro (dir.) e vv. aa. - “Os Velhos” (III), 1970
A. L. de Carvalho - “São Nicolau dos Estudantes”, Guimarães, 1956
Lino Moreira da Silva - “Guimarães e as Festas Nicolinas”, Guimarães, 1991
Hélder Rocha - “Efemérides Vimaranenses”, Guimarães, 1996
António Amaro das Neves, blog “Memórias de Araduca”



(REPRODUÇÃO DA CAPA DO PREGÃO DE 1902)

PREGÕES
de
SÃO NICOLAU
VOLUME II
1997 - 2017





O PREGÃO DE S. NICOLAU

*Recitado aos 5 de Dezembro de 1997, nas
ruas e praças da cidade de Guimarães pelo
jovem nicolino:*

LUÍS ROCHA

e pelo autor dedicado a:

MADRE TERESA DE CALCUTÁ
(DEFENSORA DOS OPRIMIDOS)

SIC transit gloria mundi

*Silêncio! Chegou o teu pregoeiro
Um saco de novas tenho a dar
Por isso, meu povo, pouco basqueiro
Que este ano tudo vai estalar
P'ra começar S. Nicolau vetou
A mitologia Grega e Romana
E de rompante nos asseverou:
"A festa é religiosa, não profana"*

*S. Nicolau da minha devoção
Abençoi este meu palavreado
Abençoi o leitor deste Pregão
Pois ele se acha emocionado
Silêncio, demando meu povinho
Para escutar a Nicolina mensagem
É que eu já hebi um copinho
E minhas pernas tremem de coragem*

Cubram-se as musas de vergonha
Sobre elas caíam mil trovões
Por esta altura ataca-lhes a peçonha
São candidatas às eleições!
De pouco me valerá a inspiração
A rima não me sairá de pronto
Mas para isso é que neste Pregão
É valorosa a ajuda do meu Ponto

★★★★★

Esta campanha é das mais renhidas
Que Magalhães tem de enfrentar
A oposição aposta em caras conhecidas
Para o nosso Presidente derrubar
A campanha rouba-lhes anos de vida
São todos contra si a vociferar
Sua senhoria não esteja convencida
Que por piedade o irei poupar

*A peleja será mesmo complicada
A oposição ninguém amansa
E como amiúde sai derrotada
Contratou três pontas de lança:*

*Pela esquerda ataca Salgado
É o ponta de lança comunista
Com isto Capela foi saneado
Ocupa o número dois da lista
Um lugar deve ter de vereador
Mas tenha cuidado em toda a linha
Do assento não diga: "Sou senhor"
Lembre-se: "cautela e caldos de galinha"...*

*Entra derrotado, cinco a zero
Mas promete o jogo não perder
Pois como é avançado fero
Seis a cinco propõe vencer
Com ele a mudança é certa
Pelo menos o partido assim crê
Quem tiver computador, alerta
Ao www.AlvesPinto.pt*

*À direita um Monteiro, nem mais
O P. P. ataca c'o veterano de guerra
Dele se espera qu'assente arraiais
No executivo cumarário da terra
Nota-se que houve estudo de mercado
Huja candidato, mas seja certo
A profissão não é posta de lado
Como o Toneca é engenheiro*

★★★★★

Cuidado vou abrir meus pulmões
Minha língua está a ferver
Deixemos outras considerações
Vamos aos problemas do "nosso lar"
Podem crer: vou ser trauliteiro
Ponham câmaras de video a gravar
Eu cá não sou um arruaceiro
Sôr Presidente, vamos lá falar

*Para calar o empresário lá vai
O grosso e milagroso subsídio
Para espreitar o povo não há pai
P'ra portentosa câmara de video!
O pior é a liberdade cerceada
Que na Constituição tem seu assento
Aqui vai a primeira alfinetada
Senhor Presidente, o meu lamento*

*Até é capaz de ter sua piada
Na ânsia do "centro" se proteger
Na cassete "a posteriori" visionada
Muitos manguitos s'irão erguer
É tempo ainda de retirar
Esquecer essa tua proposta
Muitos amargos de boca irão causar
Doutor Magalhães vai uma aposta?*

*(Mãezinha, quero fazer xixi
Não podes a câmara 'ta virada para aqui)*

*Quem vem do tribunal ao SMAS
Ao contornar a velha muralha
A surpresa é de cair p'ra trás
Surpreenda-se toda a "maralha"
Se por acaso o incanto sarraceno
Atacar a muralha p'lo flanco
Não depara c/ espada ou veneno
Mas sim c/ a caixa multibanco*

*Ao sábado é costume ver
À praça de Santiago afluir
O jovem para uns copos beber
E o princípio da noite "curtir"
Pessoal, uma coisa há a dizer
Há muita gente a dormir
Há quem vá lá só conviver
E quem vá só para ganhar*

*Paciência se pede aos moradores
Aos jovens-haja maior contenção
Por eles ninguém se perde d'amores
Enquanto armarem confusão
A polícia mais cedo fecha bares
À meia-noite as portas cerradas:
"Meus amigos, ou mudam de ares
Ou curtem d'outra forma as noitadas"*

*Nem ata, nem desata São Francisco
As obras já pararam há um ano
Os proprietários correm o risco
De pegarem no hábito franciscano
Já apareceu empreiteiro? Boatos?
Aos mil correm pela cidade,
Fala-se muito e não há actos?
Eis a triste e dura realidade*

*Estaria bem lá o estacionamento?
Não, que há muito sítio para parar
Subterrâneos? Vêm lá, um momento!
Estamos quase a desesperar
Proliferam, entretanto, arrumadores
Faz-se tudo como na cidade grande
Quando tal esses nossos benfeitores
Arrumam carros lá para Sande...*

*O trânsito lá anda por Silvares
Carros há-os e à fartazana
Andas? Ora a hora é de parares
Dantes era só fim-de-semana
Era o shopping e o hospital
Agora é a saída d'auto-estrada
Prof. Magalhães algo vai mal
Mas esperamos pela consoada.*

*A primeira palavra que aprendem
As crianças do burgo é "pópó"
Coitadas só ainda não entendem
"A culpa é da câmara". Tenham dó.
As ambulâncias passam na rodovia?
A custo se os carros não empatarem
Quem me tira dest'apertada via
Sem a vida previamente me tirarem?*

*Da Avenida Dom João não esqueci
Nem da parafernália de canteiros
E muita gente apertada eu vi
Tentar passar entre os loureiros.
Aprovo a inovação. É progressista!
Só que não havia necessidade
De ser o primeiro da lista
O passeio mais "in" da cidade*

*Cidade? Que cidade? Diz Vizela
Em sua loucura concelhia
Sr. Presidente aquela "gamela"
Concelho há-de ser um dia
O nosso primeiro já mandou
Não adianta o seu finca-pé
Pois só você o contestou
E o partido prometeu. Não é?*

*Dom Monteiro, que ingenuidade
Lá meteu seu "garfo popular"
Diga-nos em boa verdade
O que esperava lá ganhar?
Popularidade? As eleições?
Espere sentadinho num pote
Dos vizelenses não conhece decisões
De novos apelos ao boicote*

*Se mais um mandato quer estar
Na câmara, na sua presidência
Ouça, seu povo, sussurrar:
Oh Magalhães, clemência!*

★★★★★

Bem vindos sejam, oh meninos
Fizeram renascer nosso concelho
A juventude já fala, já ouvimos,
Façam abanar o aparelho!
Mas não metam, na poça, a pata
Como fez o vosso presidente
Não há ninguém que tenha lata
E que com peito lhe faça frente?

*Apoiar Alves Pinto era escusado
Esqueces-te da tua imparcialidade
Depois vem o discurso estafado
Não foi o presidente. Foi sua personalidade
Haja vergonha! Abstem-te de falar
Ou airoosamente pede demissão
Não mandes é atoardas para o ar
Que dos jovens ofendes a condição*

*A política chegou ao presbitério
Sim, vós que tendes cura de almas
Apoiais um candidato? Despautério!
Fazei silêncio que eu bato palmas.
Mas as desgraças não acabam
Por aqui sem mais haver
Só falo nas que se sabem.
E as que ainda falta saber?*

*Sabemos que por aí anda droga
Por todo o lado, é de estarrecer
"Sôr" Magistrado envergue a toga
Condene-os para na cadeia os meter.
E a policia devia estar atenta
Ao pessoal que pela frente lhe passa
Ao invés pega em sua ferramenta
E ao sábado veste-se e vai à praça*

*Nota zero. Para o nosso empresário
Que dá trabalho, no burgo, à criança
Aproveitam do povo o parco erário
E engordam sua farta pança
Mas a culpa não é só vossa
Os pais metem baixa no aperto
A segurança social faz moessa
Quando, da baixa, vem fazer o acerto*

*Ah! Esquecia-me de "José solidário"
Cidadão Vimaranense de gema
Que com mais um seu partidário
Ensaçou um solene esquema.
O P. S. N. está mal organizado
O presidente foi no "conto do vigário"
Mas para se ser jornalista afamado
Sinceramente não era necessário*

★★★★★

Atenção! Agora fala-vos a comissão
As Escolas Vimaranenses atrapalham
Deixai aderir a multidão
Para as nicolinas eles trabalham
De longe já vem esta questão
Na hora está de a solucionar
Juntemo-nos em reunião
Alunos e profs., vamos acordar

*Salvé, oh Gabinete de Imprensa
Que nos deu tecto para reunir
Ainda bem pois vossa dispensa
Nosso ânimo nas festas fez subir
Assim gritemos viva o rés do chão!
Vivam, das maçãs, as garinas!
Viva a nossa grande comissão!
Vivam as festas Nicolinas!*

★★★★★

Pimenta Machado, o altmista
A todos gosta de dar a mão.
Ultimamente é vero socialista
Mas aos outros não diz que não.
Nas eleições pretéritas chegou-se aventar
Que pelos populares se candidataria
Este ano Marcelo decidiu recusar
Sem nome lançado pela concelhia

*Então Pimenta, fino como o rato,
Decidiu cambiar o ponto de vista
"Se pelo P. S. D. não me candidato
Como Independente, do P. S., apoio a lista"
E assim Pimenta rege sua vida
Do palanque do jet-set não se retira
Vem à memória uma frase já batida:
"O que hoje é verdade, amanhã é mentira"*

*O Vitória vai no terceiro lugar.
Como no poder, haja alternância!
No banco Pacheco estava a mofar
Chicoteie-se sem relutância
Não jogava futebol bonito-dizia
Pimenta de seu velho pedestal
Quinto esse tem a magia
As equipas dele são de futebol total!*

★★★★★

Com Cavaco o disparate era notório
Agora nada, nem sequer um erro
Fizeram ao disparate o velório
Ou seguiu enfim para o desterro?
Nenhuma das respostas é correcta.
Os socialistas fizeram grande achado:
Inventaram em sala circunspecta,
O fóssil do "disparate disfarçado".

*Pela colecta mínima comecemos
O pequeno comerciante critica
"O dinheiro nem sequer recebemos
E estes gajos já vêm à bica".
Num golpe de rins diabólico
Sousa Franco voltou atrás
Esquecem o decreto estrambólico
Minha gente, ninguém sabe o que faz.*

*Marcelo uma raposa matreira
Sempre em busca de sua sorte
Tirou uma foto porreira
E à colecta deu pena de morte.
Conhecido por suas tiradas
Marcelo não ficou nada mal:
Aproveitou-se dessas cavaladas
E começou sua campanha eleitoral.*

*Outra "história" começa a feder
Malfadada a regionalização
Ora anda, ora toca a retroceder
Permanece grande a confusão.
P. S. e P. C. elaboraram o mapa
Que teria um só Alentejo
Como diz o brazuca: "Meu chapa
Há quem diga que foi tudo p'ró brejo!"*

*Negativa é também a inauguração
Doença cuja raiz é tropical
Para ela não há vacinação
E só ataca no período eleitoral
Anos atrás muito queixoso Toneca
(Ainda imperava o cavaquistão)
Corria "anafoso" seca e Meca
Lutando pela sua irradiação*

*Mas a doença a todos ataca
Principalmente quem está no poder
Esta maleita "pega de estaca"
Até o último voto sorver.
Debalde tratados criticou Monteiro
Tentou solução negociada
Marcelo lá fez seu basqueiro
Mas todo o palrar deu nada*

*Carvalhas, espetou o alfinete
Defendendo a pensão do reformado.
Disse: "O aumento é um barrete
No fim da vida 'inda se é defraudado"
Dessa vez ficou de fora na negociata
O P. S. nos aliados tem sentido
Pois tem a destinta lata
De com todos já se haver entendido*

*Ontem, com o P. P. no orçamento
Hoje, com P. C. na tal colecta
Para acabar com o financiamento
Atingindo assim sua meta.
De Marcelo abstinente aproveitou
O voto lá no nosso parlamento
E devagarinho já passou
De noventa e oito, o orçamento.*

*Quem assim tem inimigos
Para nada precisa de amigos*

*Às vezes não queriam colaborar
Mas Guterres não é nenhum jumento
Bastava a dúvida relançar
Que o Governo caía no momento.
Três ou quatro vezes quase caíu
Porque a proposta não passava
Em todas a oposição decidiu
Deixar tudo como estava*

*A louca exposição portuguesa
Em que toda a gente põe esperança
Peca (isto já é uma certeza)
Pela intolerável falta de segurança.
Lá não chega do trabalho a inspecção
Os trabalhadores são deixados à sorte
Vão lá para ganharem o pão
Mas muitos encontram é a morte*

*A nação inteira está de luto
Pelas vítimas do temporal
Não havia de terra um palmo enxuto
Em todo o mapa de Portugal.
Correu tudo do Minho ao Algarve
Nos Açores potente por lá atacou
Era chuva em quantidade alarve
Que dos órfãos e viúvas deixou.*

*Alberto Costa dizem Ter decretado
Estado de pública calamidade
Mas o povo está equivocado
Quando morreu toda uma cidade
O Governo tem de ser remodelado
Há que varrer alguns ministérios
Mas a Guterres isto passa ao lado
Governar para ele não tem mistérios*

*Esse Costa, já devia ter ido
Junto com o Silva da agricultura.
Outro que anda perdido
É nosso ministro da Cultura
Há falta de Sentido de Estado
Toneca, ouve o que te digo:
Que tu arrumas com eles
Ou são eles que arrumam contigo*

*Salvou-se do Vitória a conduta
Foi lá e fez o que melhor sabe
Ajudou os Açores naquela luta
Grande gesto de solidariedade
"Foi bonito, sôr Pimenta, obrigado"
Terão dito as pessoas açorianas
Em seu território alagado
Houve grandes misérias humanas*

★★★★★

E que dizer, da belga, pedofilia
Que assentou arraiais na Madeira?
Era à escancara, e ninguém a via
Sobrou a filmagem grosseira
Azar, a pena de morte abolida
A socapa de porrada um arraial
Porque não se pode tirar a vida
Pelo nosso processo penal

★★★★★

Dois nomes: Diana e Madre Teresa
Para elas vai minha nota final
Pois inumdaram de tristeza
As pessoas à escala mundial
Diana que foi vítima de acidente
Madre Teresa, de sua própria doença
A partir de hoje fique já assente
A grande injustiça da sentença

★★★★★

Mas o que faz falta é animar
No Sábado das "Maçãs" sai o cortejo
Ao rapaz, toca as lanças afiar
E esperar por um fugidio beijo
Benditas as pessoas da Praça
Não deixam morrer a tradição
Raparigas, acorrei em massa
Neste dia, de vós, precisão

*Muito haveria ainda para falar
Vimaranenses, quero vosso perdão
Mas não tenho muito tempo a sobrar
Para acabar este velho pregão
Em boa verdade devo dizer
No contra-relógio adquiri mestria
Pois a custo consegui fazer
Este ilustre pregão em dois dias*

*Assim mais um pregão finda
Sigam p'la rua cachopos e cachopas
Mostrem nesta jornada linda
A força das Nicolinas tropas!
Caixas e bombos, comecem a afinar
Pelas peles, não há que temer
Até a mão sangue jorrar
Longo caminho há a percorrer*

*São Nicolau refastelado no trono
De júbilo deve estar delirante
Nicolinos vamos tirar-lhe o sono
Devolvamo-lo à Terra num instante
Sinto-o aqui mesmo a meu lado
E com o frio? Não está incomodado
Meu povo, na zabumba forte o bater
Quero sentir esta nobre terra tremer*

IN VINO VERITAS

Rui Teixeira Melo dixit





PREGÃO DE S. NICOLAU

*Recitado nas Ruas e Praças da CIDADE
DE GUIMARÃES pelo Jovem Nicolino:
BRUNO MOURA*

*e dedicado pelos autores a:
Todos aqueles que lutam
directamente pela causa nicolina*

*Guimarães, cidade de gente honrada
Cá estão elas, mais uma vez
As festas que levam em desvaivada
Todo aquele que é hom português.
Oh pá, cala-te! Já comecei a recitar
Por isso muita atenção
A S. Nicolau vou orar
Em nome do berço da nação.*

*Baco, nosso Deus da copofonia
Encontra-se com nosso culto pasmado
Ao ver em tamanha alegria
Que o seu vulto não foi sepultado
E agora me vou virar
Para a minha terra, para o meu povo
Pois a revolta que me está a dar
Já nada tem de novo*

*Muita coisa quero dizer
Nesta nobre reunião
Ninguém anda a dormir
Por isso muita atenção*

Guimarães, vai dar na televisão
Pelo menos é o que se anda a dizer
E que nela também aparecerão
As Nicolinas, para a malta ver
A novela, não sei do que se trata
Mas os gastos já ouvi falar
A oposição diz que não é barata
Para o que se vai andar a filmar

*A cidade já não é o que era
Faltam fontes, senhor Presidente???
Sabe que o Povo sempre espera
Que apareça uma brevemente*

*Falta de espaço! Deve ser ...
Na agricultura deve faltar
Imagine-se o que foi aparecer
Quem ao Toural está a chegar
Tomates!!! Alguém semeou tomates.
Na murulha do berço da nação
Andam a fazer disparates
Em vez de ficarem com eles na mão*

*Viro agora a minha bateria
Para o nosso orçamento
Sei que a câmara não gostaria
De ouvir nosso lamento
No Guimarães JAZZ é que foi gastar
Para as Nicolinas é o que se vê
Cá nos temas de arranjar
Com o que o povo nos dá*

*Para onde irá a feira
Ainda está para descobrir
Arranje-se um sítio à maneira
Para a clientela não fugir
Mas para ficar tudo porreiro
É preciso um parque de estacionamento
Não é só arranjar um palheiro
E não Ter palha para pôr lá dentro*

Oh Vitória, meu Vitórinha!
O que te está a acontecer
Estás mesmo à beirinha
De divisão descer
Pimenta tens de acordar
E dar mais tostões
Temos de começar a ganhar
E subir mais posições

*No seio do berço Luso
O momento é de grande tensão
O Vitória não faz grande uso
Do seu plantel campeão
O treinador anda a dormir
Erro crasso, o do Pimenta
Ao continuar a permitir
Esse mal que nos atormenta*

*Calamitoso foi do N'Dinga o acto
Desapareceu sem nenhum sinal dar
Fugiria para o africano mato,
Ou teriam o mandado matar?
Bela questão, senhor Pimenta.
Confesse, ele fugiu com suas poupanças
e com traição não aguenta,
Mandou-lhe atigar as lanças.*

Por isso toma uma decisão.
Despede o treinador
Ou pede a demissão.

A terra é de quem a trabalha
E a concelho passou Vizela
Com um bocadinho de manha
A concelho passa a rua D'Arcela
Mas por um lado foi ótimo
Pois ides me dar razão
Foi menos Um quelho
No berço da Nação

O governador, fosse eu deste país!
Guimarães, minha nobre terriola,
E da pátria, inerente raiz?
Como pode aquela aldeola
Viver assim tão feliz?
Vizelinha, à que esta sorte aproveitar!
Pois da minha querida terrinha,
não haveis nem de um peido levar!

Tonecas, não mandes referenciar
Aquilo que não te dêem razão
Sabes que quem está a ganhar
É a nossa amiga abstenção
O aborto, foi mal feito
A regionalização, um mal entendido
Há aí algum defeito
Que te está a deixar perdido

E o aborto que tanta polémica fazia
Por um lado a trindade que se opôs
Por outro o governo admitia:
"Quem foi que tantas questões pôs."
Nesta hora de tristes lembranças
Ao pensar no que o governo quis
Com a regionalização tinham esperanças
De dividir nosso rico país.

Da agricultura, à economia
Tudo anda às avessas
O franco perdeu a alegria
E já não cumpre promessas
Continua com a trabalhadeira
Por aquilo que escreveu
Uma carta intrigueira
Que descobriu um colega seu

A nossa agricultura é de pasmar
Os animais andam todos loucos
Foi a vez de se protestar
Por os parcos se venderem poucos
Mas participaram numa corrida
Até acho que era ilegal
A policia apareceu de seguida
E prendeu tudo que era animal.

Ai triste de governo este!
Já não duras muitos anos!
Assim que tal, livramo-nos deste,
E a Monarquia assentará os seus panos
Como prova de algum feito fazer
Aumentarão, do "Zé Povinho" a pensão
Mas só ouviram o povo dizer:
"É este o meu ganha pão?"

Parabéns camarada Saramago
Pela tua grande conquista
Foi o Nóbél carago
E o dinheiro que te encheu a vista
Muchas gracias ,ienes nuestra consideracion
Mas se aqui não queres viver
Despede-te da nação
E gasta aí o dinheirão

Meus ouvintes ,ouçam isto!
Este caso é duvidoso
Guimarães está pelo visto
A tornar-se um casal ventoso!
A droga governa por inteiro
Já não se pode fazer estacionamento
Se o paquímetro não pede dinheiro
No seu lugar pede um poeirento

As autoridades não querem saber
Não se dignam ao uso averiguar
Neste caso vamos Ter, sem querer
De recorrer à milícia popular!
Drogados, inermes intoxicados,
Deixai a droga, em que tanto vos enterrais
Não vos sentiis assim rebaixados
Ao dar tão calamitosos sinais?

Chegou agora o momento certo
Da comissão agora falar
As maçãzinhas estão perto
Toca nas lanças pegar
Rapurigas desta cidade
Vamos as varandas encher
E mostrar que é verdade
Que as festa estão a crescer.

Estas festas são dos estudantes
Mas as escolas não participam
Já não é nada com dantes
À nossa causa não solicitam
As Nicolinas não podem morrer
Por isso vamos acordar
Longo caminho há a percorrer
Até os profs. Cooperar

Chegou uma grande novidade
Viagra, dizem se chamar
Para quem em qualquer idade
Já não o consegue levantar

Ó velhinho acorda
Que é tempo de alegria
Com o viagra na cómoda
És jovem noite-e-dia
Mas é preciso atenção
Porque o que não se queria
Era ter ataques no coração
Devido aquela folia

E o velhino, experimenta contente
Esquece-se assim da impotencial praga
Faz recordar como era antigamente
E no dia seguinte, compra mais um viagra.

De boca em boca anda Clinton o Presidente
Por o povo, dizem, querer enganar
Pois as secretárias que tem em mente
São as que não precisam de falar

A Expo foi um sucesso
Como toda a gente previa
Mas para vergonha do país
Muito dinheiro se dividia
As contas ninguém as viu
Mas ouve quem as ajustasse
O castigo! Foi que ele saiu
Antes que a festa acabasse.

No estacionamento,
O arrumador era formado
Na tipografia
O homem era licenciado

A selecção anda a vestir
Com made in Indonésia
Será que é para iludir
Ou estamos com amnésia
O embargo que se está a fazer
No futebol também deve contar
Depois das etiquetas alguém ver
Vieram logo se desculpar

Cortai as etiquetas! É uma forma de falar
Ó Madail clemência
Que ao país queres enfiar
Uma pata por excelência.

Pró jovens agora me dirijo
Conservai esta tradição
A vós cabe seu abrigo
Em todo belo coração
Pelo nosso brilhante passado
Os vimanarenses trabalham
Mas para que ninguém fique pasmado
Correi com aqueles que atrapalham.

Quem disse que o pregão
Tem perdido afluência?
Pois eu digo-vos que não
Antes adquira competência!
Para prová-lo está cá a comissão
Que trabalhou para ser diferente
Pois zelou pela tradição,
E mostrou-se a melhor de sempre!

Bem haja a reconstrução
Da capela do nosso Santo
Já tardava à organização
Arranjar para ela um canto.

Oh Gabinete de Imprensa, agora digo
Glória te seja dada
Mais um ano nos deste de abrigo
Para alegria da rapaziada
O rés-do-chão nos cedês-te
Para lá reunirmos
Logo não te esqueces-te
De nós, os Nicolinos!

Grande é o meu talento
Aqui a recitar!
Faça chuva faça vento
O meu ponto me vai ajudar
Por isso meu povo
Eu não podia arrasar
Se com a ajuda do meu ponto
Não pudesse eu contar

À vossa atenção apelo
Pois vou agora homenagear
O Rui Teixeira e Melo
Vamo-nos todos lembrar!
Foi muito tempo a escrever
Por esta causa tiveste amor
Nunca havemos de esquecer
O que fazias com primor

Anos e anos a trabalhar
Por isso esta quadra lhe é dedicada
Pois as festas veio ajudar
Ao Manel das Vacas, muito obrigada

Para a Nicarágua vai meu pesar
Pela morte de seus filhos
Há sempre que lamentar
Quando a Natureza não segue seus trilhos
Famílias foram destruídas
Outras sem lar ficaram
Pelas águas enraivecidas
Que do céu jorraram

Para as vítimas das tempestades calamitosas
Aqui deixo a minha mensagem :
"Meus amigos, em horas duvidosas,
é preciso ter grã coragem!"

Não é hora de difamar!
Este trecho, mostrou-se trabalhoso
Ou por acaso pensam dissecar
Nosso querido trabalho honroso?
Pois do feiticeiro somos aprendizes
Esta foi a primeira vez
Invocamos as nossas raízes,
Para nos inspirarmos os três.

À comissão deveis respeitinho
Pois muito tiveram que trabalhar
Percorreram longo caminho
Para aqui, vós poderdes estar
Têm todos grande pujança
Não interessa tamanho nem idade
Pois a vós deram segurança
De as festas tornar realidade

Vamos enaltecer a cidade
Remexer a tradição para se ver
S. Nicolau em sua divindade
Mostrar o Nicolino poder

Daqui de cima tenho a visão
De que vos estais a preparar
Para que acabe este pregão
E no instrumento pegar
Pois agora findo esta oração
Minha garganta está cansada
Mas não tenham compaixão
Sigam nas peles a baquetada

IN VINO VERITAS

Os autores:
Luis Rocha
José Ribeiro
Rui Dias

dixit





1997



1997



1998



1997



1997



1998



O PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado aos 5 de Dezembro de 1999, nas ruas e praças da cidade de Guimarães pelo jovem nicolino:

RUI DIAS

Dedicado pelo autor a:

José Miguel Ribeiro e a todos os Mártires Timorenses

*Aqui vai esta jocosa versalhada,
Por "vocêlências" encomendada
De um novo estudante aposentado
Que vos ajuda sempre com agrado
Em prol da nossa festa imortal
Que se faz com renovado moral
Me orgulho de vos entregar em mão
O texto que vós o fareis **PREGÃO**.*

*E que não tentem nessa tipografia
Entalar-me com a ortografia
Erros não dou, o aviso vos vou dando
Apenas copiar, é o que eu demando!*

Guimarães, eis a tua Academia
Em júbilo, te saúda neste dia,
Orgulhosa de teus feitos imortais,
Que lembrá-los nunca será demais!

*Até breve, oh velhos calhamaços
Num canto arrumados aos pedaços!
Pois hoje a bandeira que se empina
É da mui nobre FESTA NICOLINA.*

*Sacrossanto estudo dá-nos descanso.
Regressaremos um dia, fica manso!
Perdoem os Mestres nossa cabulice
Mas estudar é uma grande chatice!
O Pinheiro altivo já o erguemos.
Que ricas Posses ontem recebemos,
O Magusto então foi um fartote,
Agora no Pregão é outro o mote.*

*Nosso fruto levaremos amanhã,
Sem bicho, é pura a nossa maçã
Que daremos às belas donzelas
Esperando uma "prendinha" delas
À noitinha, é a hora das Danças
Velhos mostrarão as gordas panças
Encenando esta vida cidadina
Dando ao Berço vera aula Nicolina.*

*Com o Baile é a consagração.
O Nicolino, assaz belo rapagão,
Aproveita e mostra à "Miquelina"
Que afinal também é gente fina
As Roubulheiras foram recuperadas
Não diremos onde são efectuadas
Porque podem entrar nesse devaneio
Os verdadeiros "amigos do alheio"*

*Eis assim o majestático programa
Que nos lançou nos doces braços da fama
E que séculos mais irá permanecer
Pois esta Festa não há-de fenecer!
E bedelho não meta a "futricense"
De contrário em sua homenagem
Renascera das cinzas o chafariz
Onde muitos chafurdaram c'o nariz!*

★★★★★

Povo de Guimarães, oh nobre estudantada
Chegou aquela hora, de em verso dar pancada
Este ano unidos em assembleia geral
Urdimos sentença em Supremo Tribunal
Pela minha rouca goela será ditada
Pois pela velha Academia foi mandatada
Ora faça-se silêncio que é minha fala
Senão enlouqueço e evacuo a sala

*Em mim ora revivem as vozes de antanho.
Só salam verdade e acham muito estranho,
Que nesta cidade, berço deste nobre povo
Muito haja de velho, muito pouco de novo!
Começando no trânsito que anda febril
E só não enfada aqui o nosso edil
As obras ou não andam ou tardam a acabar
E mais o Jordão que já começa a chatear.*

*Imagem malta os recursos da ciência!
Breve estaremos em vídeo conferência
No histórico centro nos estará a mirar
Atento Magalhães, de olho, a espreitar
Esqueça-se de vez essa câmara maldita
"Amande-se" o projecto p'ró rato da sanita
Sossegue-se assim a hoste policial
Não sendo trocada por um vídeo-canal!*

*Seja tudo em nome da nossa segurança
Mas outras coisas há para sua lembrança
A cadeia já não prende, está "condenada"
Muitos presos viram sua pena "comutada"
Seguindo os passos do famoso Zé Lingrinhas
Usando uma gazua, um carro de linhas
Se faz uma fuga, sem se ter qualquer ideia
Ou estarão só "McGyver's" presos na cadeia?*

Seguros nos T. U. G.? Então nem sequer vos falamos!
De arder um perto da Escola nos lembramos.
Povo que viaja num aperto desgraçado
E nem sequer lá cabe em dia de mercado.
São os pitos que lá fogem autocarro fora
As velhas que lá gritam pela farta demora
O puto que aviaram com forte safanão
Tudo lá se encontra para sua "diversão".

Sobrelotação? Lá regressamos à escola,
Nós jovens o que ansiamos não é esmola.
No nosso Liceu, ser estudante é medonho.
Lugar para os livros? é milagre ou sonho?
O mesmo se aplica às outras "Secundárias"
"Doutos" estudantes em salas imaginárias
Já não falando da "Veiga", é outra história:
A da escola eternamente provisória.

Seguros? De certas coisas podemos ficar.
Ou a moedinha ao "arruma" vai parar
Ou então se a mantemos bem agasalhada
Pagamos na oficina pela consoada.
Do fim-de-século é a grande profissão.
Em vez de o salário se pedir ao patrão
"Trabalhar todo o dia? É dura tormenta
E arrumar carros de impostos nos isenta!"

Alternativas? O arruma é seu discípulo
"Deixe a moeda rolar, rode o manipulo"
Se ficar louco, danado e alto grunhir
Lembre-se que há sempre um edil a sorrir.
"Esfrego as mãos com esta choruda receita
E se aos meus fiscais atacar vil maleita
Tendo eu aqueles maquinismos satânicos
Hei-de arranjar-los robustos e mecânicos.

De resto são várias promessas adiadas
Na gaveta (que bem se quedam!) organizadas.
Tiveram a mesma sina que o socialismo
Que nesse sítio foi votado ao ostracismo.
De B. I.'s esse potente centro emissor
Que na oposição levantou grande clamor,
Mais aquela ditosa Conservatória
Para que dos prédios haja memória.

Magalhães, bem calmo deverás permanecer
A oposição pouco te dá para fazer
Pois preferem internamente se guerrear
Do que contra tua política atentar.
Oh Guerreiro! Foi valente a "encirilada",
Tua proposta, pela "Nacional" vetada.
O Luís Cirilo matreiro recuperou
E no hemiciclo de pronto se "assentou".

Neste concelho a loucura ataca tudo
O agricultor tem razões p'ra estar sisudo.
"Atão" não é que o juízo que se apouca
Atacou a nossa vaca e ficou louca?
Neste concelho ainda há essa morrinha
Agora é o porco, o perú e a galinha
Qualquer dia para o povo não falecer
Todo o dia iremos vegetais comer!

Quando Guimarães se aproximar dessa altura
E se eu não fizer já hirto na sepultura
Contraio concerteza doença perigosa
Mas sou pessoa extremamente cuidadosa,
A morrer que seja em sítio descansado
Deixarei dito, em papel azul exarado
Para que se cumpram as palavras como tal
"Eu quero morrer distante deste Hospital!"

Magalhães e as piscinas? O que aconteceu?
O Vitória não lucrou e lhas devolveu.
A generosidade deverá ter limites
O Vitória e a Câmara estão quites:
Por mil contos esse estádio foi vendido
E as piscinas também doadas terão sido
Agora compra-se o que antes foi doado?
Presidente é assim? Estarei enganado?

Vizela, triste começou a tua história.
Faço esta estrofe em última memória,
Adeus para sempre, novo concelho ingrato
Pela última vez és citada neste acto.
Braúlio, escuto o tanger de tua lira
Guimarães como um filho muito te admira.
És de Guimarães! Não des mais voltas nessa tumba
Não deixaremos que a tua lira sucumba.

Na "Casa dos Coutos" começará a laborar
Nova "Domus Justitiae" pronta a estrear
Guimarães terá um Tribunal da Relação
Venham céleres os aplausos, oh meu povo!
Fartos estamos de recorrer para o Porto
De onde vem o acórdão com o réu já morto.
Quanto às obras findarão lá para Setembro?
Cuidado, não diga o ministro: "Não me lembro!!!"

Entretanto, ao Egas Moniz vão dando uso,
O mestre de obras devia estar confuso
Quando em papel pegou e lá gizou a planta
Podem crer que esse artista "pintou a manta".
Em quase trinta salas os trochas retalharam
O velho Colégio todo abandonaram
Melhor seria deixarem como já estava
Naquele prédio espaço até sobrava!

Agora são dois juizes numa sala só
Noutras, pilhas de livros "comidos" pelo pó
Foi no meio dessas obras "iluminadistas"
Que puseram a funcionar as Varas Mistas.
Gastos milhares nessa anarquia provisória
Se for como a Veiga ficará p'rá história
Da judicial memória para o arquivo
O provisório Tribunal definitivo.

O povo até talvez diga: "Oh, que se lixe!"
Este ano, presidente, foi mesmo fixe
Esta Câmara esqueceu-se de nos esquecer
E presenteou-nos com a "Feira do Comer".
Era tasca de comes, era tasca de bebes
Foi beber e comer e mijar "antre" as sebes.
Ora imagine-se lá que coisa porreira
Toda a noite curtir uma grande borracheira!

Ditosa ano, grandiosa celebração
Para aquela ancestral agremiação
Fundada pelo nosso mestre Martins Sarmento,
Que se fosse vivo, anos faria um cento.
Santos Simões agora segue o seu caminho
E sem Sarmento não haveria esse livrinho
Que todos os pregões conhecidos compilou
E a associação dos velhos já editou.

★★★★★

Aqui vai Vimaraneses o nosso alerta
A Comissão de Festas está sempre desperta.
Para que na acta fiquem escarrapachados
Queremos deixar alguns pontos aqui focados:

Uma falta já se sabe, e essa é crónica
Não somos uma mera banda filarmónica.
Mas aproveite o Natal e seja bonzinho
Toni: que tal a sede no nosso sapatinho?
É que sem casa teremos de fazer campismo,
Com frio nas costas apanhamos reumatismo!
O que nos safa é cederem-nos o Gabinete
Ei-lo Presidente, o primeiro raspanete!

Mas temos na cartola radical solução
Nos vinte e cinco anos da revolução
Em noite ignota de bombo atacaremos
E a Câmara em sede nós transformaremos.
Não tema, fulgurante ocupação Nicolina
Ninguém mexe num papel ou despede a menina
Quem deve temer com a Câmara ocupada
São os burocratas; expulsos à chapada!

Mestres olhem para mim, eu hoje marco falta
Ao som de minha voz toda a baqueta salta
Escutem a juventude, o nosso bom conselho
Senão a vossa falta será mais a vermelho
Outra coisa nos traz verdadeiramente descontentes
Canseiras nós tivemos, oh nossos caros lentes.
Com outros andei, a trabalhar como um tonto
De manhã nas aulas nem "toleram o ponto".

★★★★★

Viremo-nos agora p'rás novas de Belém
E algumas de S. Bento sairão também
Pois esta política do doce fare niente
Põe qualquer pessoa louca, de impaciente.
Pouco hei-de falar mas não é por sensatez
É de olhar para trás e ver: nada se fez.
O som do Governo é o mesmo da Justiça
Vão juntos entoando o Hino da Preguiça!

*Começo a abrir pela malfadada quota
Ao Nicolino causa uma farta risota
Porque não se olha se elas são competentes
Preciso é por mulheres nos cargos permanentes.
Não que discorde que a mulher no mundo mande
E fiquemos nós, a preparar a nossa sande.
O som dos homens é o mesmo da Justiça
Grotescos entoando o Hino da Preguiça!*

*O Procurador descobriu que faltava o ar
Os nossos deputados fora a "deputar"
Foi por causa desse mal e dessa nova asma
Que inquérito se fez às "viagens fantasma".
A música não muda nem sequer uma letra
Porque cumprir as regras é uma grande treta!
O som dos deputados é o mesmo da Justiça,
Alegres entoando o Hino da Preguiça!*

*Falar desta Saúde é um pouco ingrato
Da greve dos médicos daquele sindicato.
Nova forma de greve agora é self-service
Médicos e ministra na mesma caturrice.
Esqueceram o povo doente sem consulta
Sobrou a discussão, a retórica estulta.
O som da Saúde é o mesmo da Justiça,
De greve, entoando o Hino da Preguiça!*

*Essa ministra na Igualdade desterrada
Foi o que deu da Saúde a bagunçada
Esforce-se o adulto e a criança imberbe
Vamos descobrir para o que a pasta serve.
O que me parece e tenho minha razão
É que se juntaram em solene união.
O som deles todos é o mesmo da Justiça,
Em coro entoando o Hino da Preguiça!*

*Droga outro assunto que "de gás" se arruma
Pois se formos a ver toda a gente a fuma.
O haxixe, a erva se vai legalizar
Esperemos que aqui seja para parar.
Estamos mesmo já, "de olho" a entrever
O putro a enrolar, um charro a fazer
Chama a professora: "Oh minha, dá-me light!"
Que trip, é que vai ser, fumar este "berlaite".*

*Longo tempo se esperou a amnistia
Muito rápido se acalmou a euforia
Quando se soube que era só perdão de penas
Que não amnistiava as infracções pequenas.
Aquele pessoal que bebe mais um copinho
E os que não metem a moeda, p'ró carrinho
A amnistia queriam, tiveram azar
De inibições e coimas, foi trágico faltar.*

*Guterres lá ganhou mais umas legislativas
E assim lá vão duas vitórias "relativas".
Quase tudo se passou como nas previsões
Entraram do "Bloco" aqueles canastrões.
Na campanha se pediu uma maioria clara
A gente sabia o que Guterres pensara
O que ele ansiava, a tática arguta
Era ter o Poder da maioria absoluta.*

*Falhou a previsão de nosso "El rei Tonecas"
Quando já o champagne vertia nas canecas
Empate a cento e quinze - tudo igual
E pensando bem, nem correu nada mal.
O pior agora é para os deputados
Terão que ter sempre os seus rabos alapados
Porque se falta um... o melhor é nem pensar
Têm de ir a casa o cento e quinze buscar!*

*A "Política Champô" é sua nova tática
Pois o "dois em um" é uma solução prática.
Super-Ministério, é nova invenção
Quando homens capazes são uma excepção.
Quando os ministérios fazem reuniões
Devem-se estabelecer enormes confusões,
O Pina que é o chefe da Economia
E o Pina que das Finanças tem a chefia.*

*"Estou, Palmira? Mas que raio é que tu queres?
Tu és a mais chata entre todas as mulheres.
Não vês que agora falo para a multidão
Esforço minha voz, recito este pregão".
Meu povo desculpai! Era minha namorada
Com esta máquina, a gente é espiada
No começo poucos tinham era uma alegria
Agora todos têm e dizem que os vicia.*

O povo Maubere venceu pela paciência
Dura se mostrou a sua resistência
Com o Xanana detido, o seu timoneiro
Deram uma lição a este mundo inteiro.
Crie-se o Tribunal, façam-se julgamentos.
Faça-se JUSTIÇA!! Condensem-se os jumentos!
Se com vida ficarem, (olha que grande sorte)
Pois a minha sentença é a pena de morte.

*Do meu povo guardado tenho muito orgulho
Apesar de impotente assistir ao esbulho
A solidariedade mostrou-se grandiosa
Com lenços brancos e suas pétalas de rosa.*

É tempo de virar o verso para a bola
O nosso Carlos Cruz deu-lhes a volta à tola
Que grande sova te demos, oh espanhol
Esfregavas as mãos? Estavas com briol?
E nos safamos das horríveis qualificações
De onde Portugal sai chutado aos repelões
O orçamento se fez, mas já veio a mensagem
Há falta de dinheiro. Lá vem a derrapagem!!!

*Na bola continuamos. Viva o Vitória!
Pimenta tremeu, mas não passou à história
Viú os associados ameaçar-lhe o trono
E ele pouco argumentou em seu abono.
Grandes vedetas se foram anunciando
O sócio incauto já se foi animando
Marcelo e Tuta bateram em retirada
Quais as ilações a tirar desta debandada?*

*Finalmente vem a aposta na juventude
No veterano se deu um biqueiro rude
Quinito valeu a pena a tua aposta
Tu sabes que de ti o povo inteiro gosta.
E mesmo que arranques derrota inaudita
Não fique a equipa veramente afrita
Pois és o cozinheiro, não cozas couve-flor
Põe mas é a carne toda nesse assador!*

A última foi dada que siga o cortejo,
Abraços ao homem, à menina um beijo.
Pujantes arranquem esses bombos do solo
Amarrem essa cinua ao vosso grosso polo.
Aqueçam essas mãos com um golo da botelha
Esqueçam a namorada, está com a telha
Rigor e dureza! Aqui é que bate o ponto,
E então? Oh malta, já estará tudo pronto?

*Levantem a baqueta! Façam rude esgar
Ferrem os lábios, p'rá força não escapar.
Arreiem nessas peles quando eu der comando
E à baquetada corram quanquer desmando
Pois São Nicolau está olhando para nós
Façamos basqueiro, um barulhão atroz
Para outro sítio vamos já disparados
Que a minha "grossa" voz já soa a finados!*

*O Mundo até pode em dois mil acabar
As FESTAS NICOLINAS se irão efectuar
Cale-se tudo o que esse profeta canta
Que este PREGÃO mais alto se alevanta!*

*No bombo batam forte e rufem nessa caixa
Quero vê-los amanhã, todos a meter baixa
POIS A NOSSA FESTA ESTÁ AQUI P'RA ALEGRAR
E o "funeral" da gata que vá bugiar!*

*In Nominae Vimaransensis Academiae, in Vino Veritas,
Rui Teixeira e Melo*

XXIII DE NOVEMBRO DE MCMXCIX





O Pregão de São Nicolau

Recitado aos 5 de Dezembro
de 2000, nas ruas e praças
da Cidade de Guimarães
pelo jovem nicolino:

Filipe Manuel Freitas Guimarães

e pelo autor dedicado a:

Trabalhadores do Vale do Ave

“Vós não deixeis cair em saco roto
De Campelo a lição fundamental:
Também podeis vender o vosso voto
Porque tudo se compra em Portugal!...”



Do “BIG” nem falar! O nojo é tão profundo
Que melhor é cocar aqueles que no mundo
Bem sabem ocultar e o Povo distrair
De tramas a tramar e teias para urdir...
Atentos pois sejais ao nosso Santo amigo!
Calados ouvireis este Pregão que digo...

**Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!**

Ó velha e miserável vida morta
Do futuro nos abre já a porta
E que seja o Porvir nosso tesouro!
E não penses que falo em barras de ouro
Que os míseros desejam possuir:
Eu falo da alegria de existir
E de poder dizer no fim da vida
Que a nossa passagem foi cumprida.

Eu falo da desgraça deste estudo
Pois querem que sozinho saiba tudo
Um grau por cima mais do professor!
E eu que vivo a vida com amor
Por muito que estude não me nego
Ao destino fatal do desemprego:
**Protesto ao velho jeito nicolino
A falência geral do nosso Ensino!**

E se ao policia mor já foi roubado
Por um drogado o próprio capachinho
Merece o do Ensino ser chumbado
Com chumbo grosso ou chumbo miudinho
Que lhe provoque a grande comichão
Das provas a que eu vou sujeitado:
**Não pode suportar esta Nação
As grandes tropelias do coitado!**

Se a prova afinal nunca reprova
E vinga sempre ao fim a melhor nota
Para que vamos nós fazer tal prova
Calçando e descalçando a mesma bota?
S. Nicolau nos disse p’ra faltar
Munidos por igual dum atestado:
**O Sor Ministro pode não gostar
Mas com provas assim tome cuidado!**

**O ensino é um poço de doença
Muito maior e fundo do que pensa...**

Nós não somos aqui mercadoria
A um futuro imposto sonegada:
Nosso atestado a Lei já o previa...
Tudo legal! Não inventamos nada!

**Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!**

A vida é de viver com emoção
E sem contrariar a natureza
Um pouco de gasalho, um duro pão
Uma batata nossa, portuguesa
Um luso nabo que já se não topa
Serão melhor presigo em mesa nossa
**Que as pizzas que nos manda essa Europa
Com cheiro e paladar de grande fossa!**

Só de pensar eu até fico neuro
E se quiserem mostro um atestado:
Mais doente que eu está o Euro
E vai morrer antes do baptizado!
É fácil de prever que a moedinha
Com a velha Albion tão encolhida
Nem vai nascer a pobre coitadinha
E se nascer será de curta vida...

**Desse bezerro de ouro idolatrado
Farás o Deus mais vil e desprezado!**

É o oiro que faz todo o programa
Desta vida terrível, desumana
Que o homem gera no fatal invento
Que devora a raiz do Pensamento...
Tudo girando à volta do cifrão
Neste disfarce da globalização
**O poder argentário tudo come
E global será só mesmo a fome!**

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

O século a mudar não traz mudança
E abalada a nossa confiança
Teremos nós o tempo de mudar
A tramóia que estão a preparar?
Que o tempo não cumpra o que promete
O Guterres que vê na Internet
Cá do luso portuga a salvação...
Há outros que por menos lá estão!

De pavilhões e expos fartos vamos
E mais das tropelias que pagamos!
Nós queremos é ver arroteado
O solo pátrio liberto do silvado
A que a PAC megera o condenou
Nas directivas loucas que traçou!
Não queremos a troco de uns trocados
Dum Bruxelas Café sermos criados...

E o Homem que agora aí vê
– O tradutor das leis em português –
Anda triste, perdido e assaz neuro
Cansado de correr atrás do Euro...
Irá pedir esmola ao alemão
Que vem espaiar ao nosso Algarve?
O Santo manda aqui rotundo não...
Protesta do poder o sim alarve!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

A Europa tão cheia de mazelas
Cozinha em gabinetes de Bruxelas
As directivas com que nos estoura
A indústria, as pescas e a lavoura!
Só a velha Albion de orelhas moucas
Invocando a razão das vacas loucas
Não aceita cumprir as directrizes
Que por cá nós cumprimos tão felizes...

E sem ela, senhores, como é
Que se vai construir a CEE?
Já ouço gargalhar o americano...
Vejo o dólar trepar e muito ufano
A Europa fazer aberta à China
E obrigá-la até, pobre menina
A comer seu arroz com dois pauzinhos!
Ai que tristes que são estes caminhos...

Já nada neste mundo tem perdão
É digo só a ti que vais por mim
Que até nos copiaram o melão
Que antigamente era de Almeirim!
Outros vêm aqui comprar meixão
E lá fica a Murtosa sem enguia...
Daqui nos levam tudo quanto é bom...
De lá nos mandam toda a porcaria!

Agora que chegou século novo
E vem o vinte e um e vai o vinte
Deseja Nicolau ao seu bom Povo
Não o tomem por burro nem pedinte!
Tu no rolo não vás e faz-te fino:
Teu voto precioso debes dar
Se for o candidato um Nicolino
Capaz de nos Caquinhos te abraçar!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Eu quero ver ainda o Século virar
Na esperança vital de começar o novo
Por apear do mando aqueles que a mandar
Insistem no engano de enganar o Povo!
Eu quero que se salve ao menos Portugal
Da desgraça que vem no mito trapaceiro
Dum mundo sem nações, na Aldeia Global
A que aspiram chegar os donos do dinheiro!

Fariseus do progresso que em jeito astuto
Querem fazer no mundo circular a droga
E que o povo lhes pague as “casas de chuto”
Tal como o enforcado compra sua corda!
E tantos por aí que andam disfarçados
De pios cidadãos, excelsos benfeitores
A entregar em mão, à guisa de trocados
A droga de que são reais importadores...

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

O mundo que se lixe! Está perdido
E valerá a pena, faz sentido
Falar agora só de Guimarães
Que embora pertença a Magalhães
Nós desejamos seja terra nossa
E onde viver livre um Homem possa
Sem ter de Magalhães molesto olho
A mirá-lo no escuro e com sobrolho:

Se o montasse decerto acontecia
Sentença igual à da cutelaria!
Mas agora que o olho vê tapado
Os olhos põe muito lesto no Mercado
Que deseja dali prestes mudar
Sem vozes adversas escutar:
Contrariando ele toda a gente
Com o Mercado alarga o Continente!

E lá se vão as velhas amoreiras
As tendas, os marchantes, as peixeiras
Para ali expedito ele fazer
O que mais gosta: um centro de lazer!
O nosso Presidente: eu quero vê-lo
Limpar a tal gringada do Castelo
Que serve para tudo e até de feira!
O resto é distração, é brincadeira...

É abuso de força desusada:
Pior este fazer que fazer nada!

A Veiga lá se foi! Projecto caro
Mais valia fazer por Santo Amaro
A Pavidém aquela rodovia:
A Veiga para nós só merecia
Ser da Cidade um parque natural
– O mais belo do nosso Portugal! –
Agora a saber fica toda a gente
Que chega mais depressa ao Continente...

Abracadabra!

Ao mando do progresso a Veiga lá morreu
O seu verde vencido no negro do asfalto:
O prado verdejante foi um ar que lhe deu
E se isto é progredir eu ao progresso falto!
Eu moro em Creixomil e solto pelos ares
Meu grito em desespero: se quero ir p'ra casa
Eu tenho de apanhar um nó cego em Silveiras
E voltar para traz! **Progresso assim arrasa!**

Entendo já melhor protestos da Morreira
Que chegam lá de Braga aqui ao meu ouvido:
A nossa Engenharia comanda a brincadeira
Das obras a gastar, das obras sem sentido!
Agora Creixomil é um povo isolado
Do resto da Cidade! E sem cidadania
De impostos deve ser em vida libertado
Quem mora deste lado, do lado da Atouguia!

Abra...

Mas vejam lá: para o carro parar
No centro da cidade, em qualquer lado
A estes três teremos de pagar:
À Câmara, ao Policia e ao drogado!
E quem ignorar a maquina
Ou o sinal fizer ignorado
Logo verá no carro a papeleta
Ou na pintura aviso mais riscado!

Mas tudo bem. Às vezes o progresso
É visto à martelada e do avesso:
A Cidade da noite para o dia
Vê milagres de Santa Alvenaria!
De pedra já se vê que estamos ricos
Em praças, alamedas e penicos
Faremos mundial o património...
Mas obras destas leve-as o demónio!

Avance lá na Quinta de Monchique
E faça dela um cemitério chique
Pois seria decerto despautério
Fazer da velha praça um cemitério...
Aprenda a ouvir nossas opiniões
E com razão ouça o Dr. Simões
Que é vizinho da Praça, na Sarmento:
Nosso mercado é um monumento!

Ouçã pois, Presidente, esta verdade:
Não roube as nossas marcas à cidade!
Não pretenda imitar santos de Braga:
Se o fizer mais certamente estraga
A obra feita em que nem tudo é mau
Pois tem tornado esta cidade bela!
O nosso Santo, o Santo Nicolau
Não esquece sua ajuda na Capela!

Venha ao nosso pensar sem arrogância
E veja se encurta a distância
Que vai do povo à força do mandato:
Não abuse de povo tão cordato!
Do mais alto poder qualquer um tomba:
Relembre o Ditador de Santa Comba...
E pense bem, pense por uma vez
Que Guimarães é longe de Cavez!

E já agora mande pintar a espada
Que a Afonso fizeram mal soldada...

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Falemos ora e já dos deputados
Que eleitos por nós vão a Lisboa
E por lá ficam mudos e calados
Amantes do lazer, da vida boa!
Não dispensam chorudos ordenados
E se falam por lá, no Parlamento
É a pedir que sejam aumentados
Quando não fazem jus ao vencimento...

Todos iguais, de todos os partidos
Metida a mão no saco do Orçamento
Por lá ficam solenes, esquecidos
Do seu povo eleitor, esse jumento!
Dele se vingam lá e vingam bem
Das escamas dos beijos na peixeira:
Mudada a fatiota vai também
Mudar toda a promessa eleicoeira!

Agora o Povo é a infrene tropa
Que foge a bom fugir a quanto imposto:
Mal traduzida a Lei "made in Europa"
Só lhes resta esperar o sol de Agosto!
Assim sendo, que vão para o inferno
Para que percam o jeito de mamar
E que levem com eles o governo:
O bom turismo faz-se a viajar!

É Bruxelas que agora tudo trata
Tudo dirige e manda, tudo ordena:
Regula o pão, o vinho e a batata
E à fome da nossa nos condena...
E nem um só aí que se demita
E de São Bento largue a tal cadeira
Dizendo aos pares que se o povo grita
É porque farto vai da pepineira!

Vão da couve galega à couve roxa
Vão da broa de milho ao caviar...
Pensam que o eleitor é esse trouxa
Que só vive feliz se protestar!
Mas ouve tu aí, ó desgraçado
Que teimas em lá ir e em votar:
Exige um Parlamento - um deputado!
Para apagar a luz deve chegar...
Abracadabra!

Meu amado Guterres: Eu desejo
Que teu esforço seja premiado
E o voto comprado por um queijo
Nos saia saboroso e amanteigado...
Mais uma prova é que o Orçamento
Se pode dispensar e ser trocado
Por qualquer coisa aí que dê sustento!
Para o ano será leitão assado...

Que contratados sejam cozinheiros
Para gerir a nossa Economia:
Se a beber já somos os primeiros
Melhor façamos na gastronomia!
Um queijo, uma estradinha, um hospital
E lá se vai a douta discussão:
O Orçamento fica tal e qual...
O Campelo venceu a oposição!

Ho! Que santo país, brandos costumes
Enobrecem no povo a raça lusa:
Para cozinha assim de estranhos lumes
Nem tacho nem panela se recusa!
Aos grandes **cozinheiros** de certeza
Competirá manter viva a receita:
O Povo pagará sempre a despesa
Sem ver jamais sua comida feita!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Tu que sabes da nova Economia
Se não entendes nada de trapaça?
Agora até se chama engenharia
A qualquer vigarice que se faça!
E o Estado atrás, a encobrir
No disfarce da lei a trampolina
Lá permite que tudo vá subir
Enquanto contenção a ti destina...
E discute um tostão ao reformado
Que novo ainda, ainda atura a sogra
Para cuidar apenas do drogado
A quem seringas dá porque se droga...

Descuida as leis e faz democracia
À custa do trabalho e do direito:
E isto a que se chama "engenharia"
Eu considero falta de respeito!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Agora o "Bem-lhe-vai" é todo do Pimenta
Que ganha à Unidade as terras e piscina
E não deixa tomar banhocas na Cidade...
Enquanto de cimento as obras acrescenta!
É sempre ao treinador que tal mago destina
Dos golos marcação sem dó nem piedade...

E agora que no jogo a coisa vai "piori"
Convence a regressar o "mister" Autuori
Da selva brasileira ao Berço da Nação
À espera do recado da Rádio Fundação!

Assim é que se manda! Assim é que se quer!
Do Meira já sabeis que foi um "fait-divers"...
O Vitória novinho é velho como dantes
E de nada valeram as "bocas" do Arantes
Nas mais belas, luzidas e loucas eleições
Que a Cidade mostrou a outros aldrabões:
Tomara já o Horta votos do Vilarinho!
Tomara o Amaral os votos de Azevedo!

Mas sabe bem melhor **Sampaio** esse caminho
Que o Pimenta abriu e percorreu sem medo:
Para nossa vaidade e para nossa glória
Todos bebem aqui na fonte do Vitória!

Os que andam aos votos na Cidade
E a Pimenta pedem a mãozinha
Do Vitória não querem ver a SAD
E recusam dar mão ao Pimentinha!
Mas não de ter ainda aflições:
Se querem um SMAS privatizado
Só mesmo a SAD comprará acções
Com Pimenta a marcar no seu relvado!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Vós ó damas gentis que na Cidade
Arejais a peitaca no calor
Sois o verão melhor que a edilidade
Nos pode prometer sem mais favor!
Vós sois lindas e lindas de verdade
E tudo que mostrais não é por mal:
Sentir calor assim na vossa idade
É muito saudável por sinal...

E de ver-vos passar, até me passo
- E passo às vezes mesmo muito mal -
Por não saber se me aceitais o braço
P'ra dar uma voltinha no Toural!

Bendita seja pois a caloraça
Que neste meu jardim vos faz passar
Com a leveza tanta e tanta graça
Que a beleza põe no vosso andar...
Tornais assim tão belo o meu jardim
Nessa beleza grande e não pequena
Que eu garanto aqui que para mim
Perder um tal verão é uma pena!

Com a vossa beleza em Guimarães
Os verões por aqui são mesmo belos!
Bem melhores que os de Magalhães
"Cafilando" a cidade de camelos...

Bem mereceis a nossa maçãzinha
Numa lança de amor bem espetada:
Sem a graça gentil dessa perninha
Verão em Guimarães não vale nada!

Vinde todas à festa para ver
Erguer-se por si só nosso Pinheiro
Que para muitas certo pode ser
O mastro mais bonito, o derradeiro...

Abra!

Aqui vos fique pois bem claro no registo
Um gesto de carinho, um preito e um louvor
Pois sois do nosso tiro o alvo nunca visto
Dum Cupido céguinho, o deus do nosso amor!
Vinde todas a nós e em qualquer idade
Retirem a maçã que vai na nossa lança
Tão verde de sentir, tão rubra de Saudade
Que bem merece ter a vossa confiança...

E trinquem à vontade!

Nós sabemos amar como Flor Espanca
E como amou e "só" o nosso António Nobre:
Se só um puro amor a vossa sede estanca
Alfobre não vereis onde amor tanto sobre...
Vinde todas a nós, abertas em sorriso
Pois se gostais de amar, amar perdidamente
E fugir deste inferno, subir ao paraíso...
Com licença do Santo, podeis contar c' a gente!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Que o tempo que vem seja de novo Amor
E a juventude agora, atenta e instruída
Consiga construir um mundo bem melhor
Onde o Homem possua o seu lugar na vida!
Nela possa sonhar e ganhar a certeza
De que viver terá apenas valimento
Se o Homem sentir do trabalho a beleza
E só dele colher para os seus o sustento...

Fazer voltar ao mundo os antigos afectos
Trazer de novo à vida a tribo ancestral:
É dar os pais aos filhos, os avós aos netos
O professor à escola, amando Portugal
Que tem lá por Timor uma real fronteira
Num povo que sofreu e lutou com firmeza
E nem calca sequer a sombra da bandeira
Da Pátria que foi sua: a Pátria Portuguesa!

Fechemos de repente as creches e asilos
Soltando nos jardins os velhos e crianças...
E passaremos todos a viver tranquilos
Sem copiar da Europa a trampa das mudanças!
Passemos a viver longe das auto estradas...
Deixemos de viver na onda hertziana...
E pelos campos fora façamos as enxadas
Cavar o nosso pão em vida mais humana!

□ □ □

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Manda o Santo acabar esta magia
Que é milagre e tanto não parece:
Ser o trabalhador quem levaria
Mais porrada no tal IRS!

Tudo cai afinal no mesmo lombo:
Cai o IVA, o IA e tudo o resto
Que faz o Povo ser eterno bombo!
Ordena o Santo aqui nosso protesto:
Fazei em Nicolina sinfonia
Fugir o nosso Povo da tortura
Vivendo em nossa Festa a Alegria
Que é de Guimarães tradição pura!

Dessas caixas e bombos à mistura
Com a algazarra viva do bom Povo
À Europa mostrai o sangue novo
Do Euro que perdido ela procura!

Soltai vossa Alegria na Cidade
Que sois da juventude a grande nau!
Zurzi-me nesses bombos com vontade
Puxai-me dessa força e dai ao pau:

Avance a Tradição no tempo fora
Em centúrias de Festa Nicolina!
Mostrai ao mundo já, aqui, agora
A força de Juventa mais ferina:
Por Nicolau em santa trovoada
Zurzi pele de cabra mais caprina
E que a Europa saiba, a descarada
Que pouco sabe e nada nos ensina!



Vai tudo à baquetada!

A. Meireles Graça,
fecit in su Tebaida Creixomil - Guimarães.



2000



1999



1999



2000



1999



2000



PREGÃO ACADÉMICO

ÉPOCA BALNEAR DE 2001

Recitado aos 5 de Dezembro
de 2001, nas ruas e praças
da Cidade de Guimarães
pelo jovem nicolino:

ANTERO MANUEL CRESPO MARQUES DIAS

e pelo autor dedicado a:

**ANDRÉ ALMEIDA FREITAS e a
ANTÓNIO MARIA DE SOUSA VAZ VIEIRA**

Abraço uma vez mais esta nobre empresa
De voltar a dar ao prelo, o estudantil protesto
Que me põe delirante, sentado a uma mesa
Deixando o trabalho, o lazer e tudo o resto.
Ao repto por vós lançado, respondo: Presente!
Orgulhoso, empunharei a verrinosa caneta
Pois tal como vós, meu coração sente
As Festas Nicolinas - as maiores do Planeta!

"Albarda-se o burro à vontade do dono"

Acorda Guimarães! O Pregão está na rua!
Eu sou o porta - voz da Academia tua!
Eu canto a juventude e a rebeldia
E já Nicolau me deu carta de alforria.
Futricas, ouvi-me, que eu por aqui não fico,
Porei vossa tola em forma de penico.
Se eu ouço um ai, se levantai o nariz,
Acabareis molhados no velho chafariz!

Outros que cá venham o Pregão avacalhar
Saibam que esta hora não foi feita p'ra zurrar
Porque este estudante ninguém o amansa
E poderá findar, em teu rabo, minha lança.
Hoje eu detenho o poder legislativo
Decretei silêncio no programa festivo
E se daqui vislumbre o focinho do camelo
Nesse meu Decreto ao murro ponho o selo.

Perdoem-me senhores, molhei minha goela.
Nosso cavaleiro já vai torto em sua sela.
O Código Estradal não tem aplicação
A quem anda a cavalo em dia de Pregão!
Quem veio para cá meus dotes apreciar
Seja benévolo não se ponha a criticar.
Pois se vier por bem e fizer pouco "chiqueiro"
Vai perceber tudo o que recita o pregoeiro!

O Século vinte e um que este ano começa
Já demanda que se faça fogo nesta peça.
Deixei os calhamaços da arcaica ciência
Para hoje vir chagar a vossa paciência.
À mingua do "tintol" na tasca lá da esquina
A "pomada martelada" cumpriu sua sina.
Desprendeu-nos a língua e aqui vai vertido
O que durante o ano arranha nosso ouvido.

Oh Guimarães berço do meu ilustre Afonso
Ouvirás agora meu sonoro responso.
Dizer mal de ti - já sabes que não consigo
Mas zurzirei os males a que tu dás abrigo.
Meus caros cidadãos, já tenho a jeito o malho
E vou atirar certo, pois eu cá não falho.
É que o estudante não morde pela calada.
Assim, haja respeito ou cai já bordoad!

Quem ainda não viu por aí uns papelões
Que anunciam ao povo novas eleições
É tempo dos "colantes" e visitas à feira,
Tempo de bajular, da lábia beijoqueira.
Tempo de altifalante, o chinfrim costumeiro,
Discurso eloquente na praça e no lameiro
Do centro da cidade ao longínquo "ghetto"
A palavra - chave, meus caros, é "Prometo"!

O trono do edil não está em vacatura
Lançou-se Magalhães em nova candidatura
Por mais que a oposição contra ele proteste
O povo cá do burgo sempre no "chefe" investe.
À tímida oposição, ele quase não liga
À indiferença vota a hoste inimiga.
No dia do Pregão tem sempre outros planos
Já aqui não o vemos há mais de quatro anos!

(Sábio Magalhães! Já sabe o que espera.
Atura duras críticas desta malta fera
Ele sabe que aqui ouve das que não gosta
E neste Pregão não há direito de resposta!)

Alves Pinto, ex-chefe lá daquela Escola
Mandou cá um cartaz que me baralhou a tola,
Pois que parece estar este homem já eleito
Agora, as freguesias lhe façam bom proveito!
Mas não virou nunca a cara ao combate
Deixou sua Escola, p'ra vencer o embate.
Até pode subir se trabalhar como um mouro
Mas vai continuar vereador sem pelouro.

À esquerda tudo igual: a força comunista
Lança o Dr. Almeida p'ra "curar" o socialista.
Muito se alvitrou: o comunismo está morto
Mas caro Magalhães a coisa deu para o torto.
Pensavas que os sete eram favas contadas
Mas essas tuas contas safram-te furadas
Muito cuidado Magalhães com este senhor
Roubou-te há quatro anos um vereador.

Aos novos populares, muita falta lhes faz
O vereador perdido há anos atrás!
Carvalho discute, põe o dedo na ferida
E nos jornais locais tem sempre sua saída.
A falada Alternativa em coligação
Quase nunca sai e aqui não foi excepção.
Neste casa-descasa quem perde é o partido
Porque sai do divórcio sempre combalido.

O Paço Municipal ainda é do "Toni"
Que a todos faz saber que só ele manda aqui.
O Cirilo lá manda as bocas de deputado
Mas o som de Lisboa vem sempre abafado.
Assim já aconteceu naquela "Casfiguice"
Que ficou a cheirar a alguma malandrice.
A nóvel revolução de nome "Ermelindada"
Podia trazer à Comissão uma morada.

**Tudo foi esquecido, tudo foi repostado,
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Se mais outro Inverno igual se adivinhar
Muita chuva no trombil iremos apanhar
Da mente não me sai a Rua da Caldeiroa
E a sorte que eu tenho de ter uma canoa!
Ter um carro novo é um luxo p'ra poucos
Ir à Conservatória, meus caros, é de loucos
Vai ser tal o lamaçal por entre a buraqueira
A viagem de estreia será a derradeira!

**Tudo foi esquecido, nem tudo foi bem posto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

E para quem tem espírito aventureiro
E a viajar se lança sem pensar primeiro
Guimarães oferece o repouso divino
Envolto em perfume de alto manancial.
Já está quase acabado de construir
O Hotel ideal para o turista dormir.
É lá para as Lameiras que o fumo do camião
Se misturará com um “Kouros” de eleição!

**Tudo será esquecido, o cheiro a contra-gosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Gente aí vem, mas rápido irá voltar
Se o rio de Couros assim continuar!
Caros concidadãos era aquela fedentina
Que matava os bois. Que morte mais suína!

**O cheiro será esquecido, nesse teu alto posto?
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

(De resto contentará ao turista a segurança
Que esta cidade serve em lauta “comilança”.)

E se o turista nas Hortas se aventurar
Se num dia solarengo lá for passear
Despercebidamente por lá vai aparecer
Um bruto meliante só para os entreter.
Há sempre o Castelo: Que belo devaneio!
Para quem quiser dar um histórico passeio.
Se sorte tiver e usar passo pouco curto
Talvez se possa safar de um rápido furto!

(Se não fôr pior!)

**Tudo será esquecido, resta o desgosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Ouçá-me Presidente lá onde estiver:
Quira nova saída o problema já requer
E não será preciso no bolso dar um rombo
Há uma solução estilo “Ovo de Colombo”.
Se a polficia não andasse deambulando
Ao fim-de-semana todos os bares fechando,
Podia, aos gatunos, rápido as mãos deitar
Em vez de repousarem, nos bolsos a coçar...

**Tudo será esquecido, trabalhar é contra-gosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Praga menos recente é o arrumador
Então lá para o Centro é mesmo um terror.
O nosso edil já alvitrou a solução
Que é muito fácil, meu caro concidadão:
Se no Centro Histórico o carro não andar
Deixará de haver alguém para o arrumar!
E pelo rumo que se toma ainda é decidido
Que no Centro Histórico andar é proibido.

**Tudo será esquecido, andar é um desgosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Será impopular a medida a tomar
O nosso povo é difícil de aquietar
Este tempo frio é mesmo um desconsolo
E quem não se mexe pode crer que é tolo.
O “Censos - dois mil e um” – foi um reboliço.
É só para estatística? Nem pense nisso!
É que por cá o povo com ânsia de acção
Até correu o “Censos” ao forte bofetão!

**Tudo à pancadaria, nem que seja no Posto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

O “rombo financeiro” também tem cá assento
E nem sequer se estranha o seu surgimento
Naquela nobre empresa aero-transportada.
O nosso teleférico chega à consoada?
Não seduz o turista, nem o vimaranense
Nem a linda paisagem aérea os convence
Não fosse a Câmara injectar uns milhares
E aquelas cabines não andavam pelos ares.

**Tudo será esquecido lá para Agosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Meus caros conterrâneos nem tudo é sombrio
Guimarães encher-se-à de todo o seu brio
Pois será galardoadá já neste Dezembro
Do Património Mundial será novo membro.
Justiça se fez a ti, oh bela Guimarães!
Venham de lá os ossos, oh chefe Magalhães!
Louve-se o esforço, o trabalho de sapa,
Que ajudaram a pôr Guimarães no mapa!

**Não convém ser esquecido, o resto é um desgosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

No mapa judicial um posto ocupamos
Há nova obra de que todos nos orgulhamos
Nos Coutos já terminaram as obras em curso,
No Largo João Franco se decide o recurso.
Rói-te de inveja, Bracarense! Nós vencemos!
A Relação já cá canta, bem a merecemos!
*Fartos estávamos de recorrer para o Porto
De onde vinha o acórdão com o réu já morto!*

**Não deve ser esquecido, o resto é um desgosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Ergueu Magalhães um majestoso pavilhão
A malta lá acorreu em grosso turbilhão
Diz quem lá entrou que é uma maravilha,
É espaçoso, bonito, à noite até brilha.
Pode é dar azo a outras actividades
No estacionamento e nas proximidades
Veja-se o que se passou na inauguração
Em que o carro intacto era excepção!

**Não deve ser esquecido o larápio sem rosto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

Abra-se o Tribunal, marquem o julgamento
Do artista que criou aquele “monumento”
Obra desse mestre de sua graça Cutileiro
Que devia levar com um pau de marmeleiro.
É que quando o vi quase caí espantado
Pensei que o Frankenstein havia ressuscitado
Se Afonso fosse vivo, vendo o monstro hediondo
Julgando-o um Mouro tombava-o redondo.

**Tudo será esquecido, se estiver bem disposto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

As Festas são esquecidas por ti Magalhães.
Estamos tristes, envergonhada Guimarães.
O monumento Nicolino tem paradeiro?
Terei de fazer greve e fomentar basqueiro?
É tempo de erguer esse nobre monumento
Naquela mesmo lugar onde deve ter assento.
Mexa-se engenheiro, mexa-se arquitecto!
Em breve quero ver o monumento erecto.

**Esta não é esquecida, e estou mal disposto.
É tudo à Magalhães, é tudo a seu gosto!**

De resto, meu povo, quase tudo está na mesma
O trânsito quando anda é em passo de lesma
Pois da nossa Guarda a competente Brigada
Só vê seu rasto à entrada da auto-estrada.

“Ora saia do carro e mostre os seus documentos
Fizemos a inspecção ou estamos isentos?
Ora, tome lá isto, assopre no tubinho
Você tem mesmo cara de quem gosta de vinho!”
-“Oh Senhor Guarda, de virtudes, eu sou um poço
Bebi um copinho mas não nada estou grosso!
- “Cale-se para aí, ora dê atrás um passo.
Meu infeliz amigo você está com`ó aço!”
- “Mas, oh senhor Guarda afinal quanto acusa?
Que método é esse? Que maquinismo usa?
- “Meu caro amigo, tem cá zero ponto dois
Vai pagar a multa, justifica-se depois.”
-“Maldita vida! Que dirá a minha mulher?
Quando a prometida prenda não lhe trouxer?
Oh Senhor Guarda a multa vai ser pesada?
Terei dinheiro para o peru da consoada?
Afinal porque estão na rotunda de Silves?
Perdoe-me, agente, podia mudar de ares.
- Oh homem, vá-se embora. Não viu o que fez?
No meio da rotunda nem a curva desfez!
Não viu o presidente, Magalhães nosso chefe?
Rebentou-lhe os placards. Merecia um tabefe”.
- “Bem, vou-me embora. Hoje já fiz asneiras.
Para as compras de Natal vou assaltar carteiras.
É que queria encomendar no meu alfaiate
Aqueles rijas calças para andar ao engate
Quando as tiver as mulheres não fogem mais!
Serei um ganhão com calças sexuais”.

**Tudo será esquecido, até qualquer imposto
Se nos falta o vinho, eu tenho um desgosto!**

Livra-te Vitória de outra época má
Que o estudante a torcer por ti está
Salva o vereador de outra estafadela
De a pé abalar para terras de Castela.
A “Sionite” que não ataque esse plantel
Haja muito respeito cesse qualquer granel
Inácio é trabalhosa a tua tarefa
De levar o grupo à velha Taça UEFA.

**Tudo será esquecido até o desgosto
É tudo à Pimenta, é tudo a seu gosto!**

Vire-se a página falemos da Nação
Que navega à deriva sem ter um capitão.
Guterres já não sabe o que anda a fazer
A mudança de ministros foi p`ra inglês ver.
Cartas até mandaram o Moura e a Arcanjo
“Não as recebi!”- diz Guterres «cara de anjo».
Lesto saiu de casa. Estariam a picá-lo?
E não deu nas vistas foi p`la porta do cavalo.

A Saúde continua em profundo coma.
As dívidas ascendem a enorme soma.
Queixa-se o médico, queixa-se o enfermeiro
E não há maneira de acertarem o ponteiro.
Mas mais ainda sofre o pobre doente
Com as filas de espera não há quem agente
Toda a gente aponta falhas no sistema
Mas não há quem ponha fim a este problema.

Da Justiça, já não se sabe o que esperar
Fazem disparate, vem outro p'ró superar.
Legisla-se à balda, é uma baralhada
Veja o exemplo do Código da Estrada!
Decidiu a abolição da carta registada
Ficando-se sem saber se a pessoa é citada
Assim não pode ser isto vai dar para o torto
Ainda o Tribunal vai condenar um morto.

Quanto às nossas Finanças nem sei que dizer
Este orçamento nem deu muito que fazer
O profeta Campelo cumpriu o seu desejo
Trocou o diploma pelo limiano queijo.
E o nosso Ministro já deu nova mensagem
Disse que o orçamento estava em derrapagem
Alivie-se o povo, não é nada aflitivo
Virá outro salvador, um rectificativo.

O lapso nas previsões daquele orçamento
Não é culpa do Governo, nem do parlamento.
É da queda geral de toda a economia
Pois que em todo o Mundo foi uma razia.
É da queda das torres, do horrendo atentado.
Da subida do crude em qualquer Emirado.
Qualquer desculpa agora cheira a esturro
Qualquer coisa serve, porque o povo é burro!

O Zé já nem se queixa. O Zé Faz-se de nabo.
Ao seu representante deu lume no rabo.
Em Lisboa o deputado anda no "arejo"
Que deu outro sabor ao decreto do queijo.
O Campelo cumpriu com sua abstenção
Outros abstiveram-se de estar na votação.
Um estava emigrado em terras de França
Outros lanchando a encher a sua pança.

A indústria arrasta-se, vai decadente
Que não há trabalho, toda a gente o sente.
Falências sucedem-se em ritmo feroz
Sendo do trabalhador o pérfido algoz.
Os processos arrastam-se pelos Tribunais
Protestam fortemente as frentes sindicais,
Sendo que o mais certo é o povo acabar
Sem salários, sem direitos, de mãos a abanar.

Desemprego, o fim, a fatal consequência
De um Vale do Ave há muito em decadência
De que valem as greves e as manifestações
Se no fim de cada mês não caem uns tostões?
E vêm os Bancos, com o crédito mal parado
Quando se dá por ela está tudo penhorado
De resto, está tudo bem - diz o Ministério.
Porque berra o povo? Para nós é mistério!

O Governo é culpado e incompetente
Mas nossa oposição continua conivente.
Muita treta existe, protesta-se nos jornais
É tempo de dizer basta: que já é demais.
Mas esta oposição não pode ir mais longe,
Mais valia fazer um silêncio de monge
Eles têm é medo, estão aterrorizados
De em novas eleições saírem derrotados.

Uma nota de pesar para os norte americanos
Vítimas de atentado de uma mente insana.
Meu sangue gelou de ver cair as duas torres
Pessoas em agonia no maior dos horrores.
A guerra ao terrorismo seja descentralizada
A E.T.A., o I.R.A. e toda essa canzoada
Também sinta no pêlo o mal que nos faz
Sirvam-lhes veneno. Que lhes dêem antraz.

Foi simpática a visita desse Dalai Lama
Vítima dos malefícios da Chinesa trama
Lembre-se de Timor não perca a esperança
Um dia ganhará o que perdeu em criança!

Agora a este verso eu darei novo rumo
Pois de tanto pensar até já boto fumo!
Sossegue por aí o Público Ministério.
Criminoso, o estudante? Que despautério!
As Provas Globais fazem parte do passado,
Não cometi o crime, eu durmo descansado.
Na Escola se aprecia se eu tenho mérito
Acabe-se o processo, archive-se o inquérito.

Quanto a outro assunto ouça-me o professor
Não pode ele funcionar em contra-vapor
Que a Academia não pode estar contente
Com algumas que nos faz esse "corpo docente".
A contra-informação anda aí dissimulada
Dos que não querem esta Festa bem tratada.
A dizer mal de nós alguém forte se empenha
Mas quem vem de fora, só tem é que rachar lenha.

Porque quem não é daqui disto percebe nada
E não tem que falar desta Festa abençoada.
Saibam, "caros lentos", que o trabalho é meritório
E não vamos fazer das Festas um velório.
Que esta Comissão será sempre nomeada
No Jardim do Carmo, nem que caia saraivada.
Isso não impede que se seja bom estudante
Nem que em cada membro esteja um tratante!

Apoio se pede não podem levar a mal
Que amemos as Festas de nome mundial
O Pinheiro é acto que nos dá muito prazer,
O Pregão, as Maçazinhas são lindos de morrer.
As Posses e o Magusto são muito animados
O ânimo, a devoção não estão quebrados.
As Danças e o Baile são de grande emoção.
A Roubalheira é fixe... mas dá um trabalhão!

As Novenas fazemos - ordens de Nicolau
Levantar de manhãzinha nem é nada mau.
Nas Moinas descansamos é um lauto manjar
Eis o programa da Nossa Festa secular.
Este ano dedicamos às mais belas donzelas
Um número mais forte feito só para elas
Cuide-se a mãezinha e aquela tia chata
À noite vem nicolino em fera Serenata.

Menina cá da terra, oh minha tentação
Eu aqui não te esqueço neste meu Pregão
Amanhã à janela te quero encontrar
E meu madrigal depois te vou sussurrar.
Perdoa-me o mau jeito, o atrevimento
Dou-te uma maçã pelo meu descaramento.
Lança-te o pedido (eu sou bom menino):
Queres vir comigo ao Baile Nicolino?

Muito já foi dito, não se pode dizer tudo
Não sobra para o ano, e terei de ficar mudo
A mim a Legião, a potente hoste Nicolina
Que a minha voz já está quase na ruína.
Empurrem esse coche para outra paragem
Que outros esperam ouvir minha mensagem.
Quem aqui não esteve que me ouça em cassette
Que me leia por carta ou veja na Internet.

Que se roam todos por cá os pés não pôr
Que venham para o ano, há outro trovador
Velha Academia, estudante aposentado
Que por aí andas sempre mal disfarçado,
É aqui que darei por findo meu discurso
Agradeço ao ponto que é o meu recurso.
Cessem desde já os vossos dentes de bater
Pois agora é a rasgar, agora é a doer!

Levantem a baqueta quando eu der sinal
Executem o toque de forma magistral
Corramos a cidade sempre anunciando
Que é a Academia que hoje tem comando.
Fustiguem essas peles, cesse a letargia
A voz que se alevanta espalhe a alegria.
Para o Largo João Franco acabareis por ir
Tocar sempre mais alto até o monstro cair.

Eu que muito falei, terei dito disparates
Demando outras paragens, recolho-me a penates
Alegra-te, Nicolau! Cumpriu-se a Tradição!
Prepara o firmamento para o toque do Pregão.

IN NOMINAE VIMARANENSIS ACADEMIAE, IN VINO VERITAS

Sou quem sabes

RUI TEIXEIRA E MELO

XXVIII DE NOVEMBRO DE MMI

COSTA GUERREIRO, Lda.

www.costaguerreiro.com

Gabinete de
Psicologia e
Gestão de
Recursos
Humanos

psicosan

Rua de S. Gonçalo, 967 - Salas 9 /10
4810-526 GUIMARÃES
Tel.: 253 511 436



PREGÃO ACADÉMICO 2002

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2002, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

Fernando Daniel Paredes de Freitas Almeida

e pelo autor dedicado a:

*Edgar Guimarães
e ao Prof. Oscar Machado*

*Eis-me, oh rapazes, já na sétima cruzada
Por vós pedida e por Nicolau reclamada.
Rodeado de livros e calhamaços mil
Escrevendo, ainda que me quede febril.
Com orgulho darei voz à nossa Academia
Por vós representada sempre com galhardia.
Denunciarei o lobby e o cambalacho
No protesto exarado e assinado abaixo.*

*Parem o batuque! Cesse o chavasca!
Que ninguém boicote o nóvel edital.
Fimde o palrar, nem sequer um gorgeio,
Requer Nicolau que acabe o paleio.
Exige o Pregão apenas o basqueiro
De agulha que cai em macio palheiro!
Saibam que hoje São Nicolau é Rei
Eu sou o Juiz, o Pregão - minha Lei.*

*E a tradição se cumpre a preceito
Uso olhar feroz e encho de ar o peito
Dou um tom solene à proclamação
Assim demanda esta reclamação!
Requer atenção a nossa Sabatina
Ouçam a lição da horda Nicolina.*

*Mandou Nicolau nova legislação
Que recitarei em jeito de Pregão.*

*Para quem cá não esteve ou anda distraído
Pra quem se quede vesgo ou mouco de ouvido
Alto anunciarei que no mês precedente
A malta lá ressurgiu no Cano sorridente.
E a vinte e nove em cortejo triunfal
Descemos desde o Cano, passando no Toural
E no Campo da Feira com o toque certo
Bem alto foi erguido um garboso Pinheiro!*

*Depois de erguermos o mastro anunciador
Sempre trabalhando recuperamos fulgor.
Saímos de novo em ataque fulgurante
Com uma sede de cão e fome de elefante!
Saiu novo cortejo, nunca estamos sozinhos
Reclamamos a Posse acordando vizinhos.
Pegamos no "saque", para o manjar augusto
Fomos para a Praça e fizemos o Magusto.*

*Depois da comilança veio a inspiração
De uma assentada lemos todos o Pregão.
Deixamos os filmes, a T. V. e a "consola"
O Pregão decoramos, está aqui na carola.
Da grandiosa FESTA São Nicolau é Rei.
Hoje eu boto bitaite, revogo qualquer lei.
Se falhar a memória, eu cá não sou tonto
Vim já prevenido com este atento ponto.*

*No dia de amanhã, a programada festança
Afinada já está, meninas, minha lança.
Mal vos veja o vulto ou um fugaz assomo
Lesto entregarei o meu encarnado pomo.
O Dia de Nicolau às belas devotado
É sempre para nós, o dia mais ansiado.
Será tempo de cantar, toda vossa beleza:
Eu estarei na rua e vós na fortaleza.*

*É lá pela noitinha no programa constante
Sirvo um outro número sempre fulgurante:
Juntamo-nos aos Velhos, mete jantarada
Temos bailarinos, sermão e missa cantada.
Seremos mordazes, uma pitada de audácia
Estaremos em palco, qual lobo da Alsácia.
Não há idas a bares, noctívagas andanças,
É noite de folgado, é a noite das Danças.*

*Em tempos passados existiram outros feitos
Cumprindo o programa e todos os preceitos.
Por culpa dessas Moinas, a malta animada
Convivia com todos, manjando a "rojoada".
Protagonistas fomos da "Noite do Assalto",
Calcorreamos terra, galgamos o asfalto.
Nessa ignota noite de infame Roubalheira
Espalhamos o terror pela cidade inteira!*

*Nem tudo é reinar, nem tudo é brincadeira
As Novenas cumprimos até à derradeira.
E de bombo em punho, Nicolau abençoou
Quem pela sua causa sempre forte lutou.
Pra fechar, a sete, curtimos um "musicol".
Abanar o capacete afasta o "briol"
No Baile terminam estas Festas Nicolinas
Sempre de braço dado com as belas meninas.*

*Cumprindo o Decreto com base no Estatuto
O vosso mensageiro de linguajar arguto
Permanece atento durante todo o ano.
Tem um olho no burro e outro no cigano.*

*Oh bela cidade! Guimarães, berço dilecto.
Tens na televisão um excelente aspecto.
Na Rua da Rainha, na Praça da Oliveira
No anúncio apareces sempre prazenteira.
Cerveja era a bebida e não foi bom exemplo
Estar a anuncia-la perto daquele Templo.
Por isso, acabou. Arrepiaste caminho
Nessa Praça agora só se bebe suminho.*

*Caro Magalhães: novo ano, novo Pregão
Sou o teu novo aluno, não armo confusão.
Dir-te-ei certamente coisas a contra-gosto
Mas já sei que ficarás na mesma bem disposto.
É com "linhas de Ferro" que ainda te cozes
Pedes "guita" ao Governo mas não chegam as vozes.
Mas manda Nicolau que não "feche a matraca"
E requer desde já que te corte na casaca.*

Outras linhas de ferro se constroem por cá
Dizem que o comboio mais rápido andar.
Quando vamos ao Porto mais vale ir a pé
Aqueles comboios são mais velhos que a Sé.
A promessa da construção dessa via larga
Acabará de vez com a viagem amarga.
Mas o pior, Magalhães, é termos de aturar
Os homens da Refor que nos querem expropriar.

Possui dez andares a polémica actual
Dizem que viola o Plano, que lá fica mal.
Certo é que Magalhães exarou o despacho
Que autoriza aquele enorme mamarracho.
O Chefe já falou defendendo a sua dama:
Este "prédio alto" não incorre em qualquer trama.
Disse que criticá-lo seria uma estultice
E que a sociedade só via malandrice.

Mas a paixão do Presidente, seu mealheiro
Não se quebra, não é um qualquer porco foleiro.
Estando o arrumador quase afastado
É a vez do parcómetro. É seu consulado!
Emanam dessas coisas mais de cem multas/dia
A moeda entrou, o papelinho não se via...
O erário da Câmara vai marcando pontos,
Cada parcómetro dá um lucro de mil contos!

Carros fora do Centro - o lema já batido:
Ao fim-de-semana o carrinho foi banido.
A cidade chegou a nova revolução
Páras mal? Vem reboque e paralisação.
Quase não há stio para o pópo parar
No Largo João Franco? Ai é a pagar.
Resta só uma solução: o Parque das Hortas
Onde há sempre um vilão para as horas mortas.

Pois quanto à segurança está tudo na mesma
São furtos a "pacotes" e roubos é à "resma".
Deixo o carro em casa, eu vou andar de mota
Ou eu meto a moeda ou roubam-me a nota.
Mas deixo, Presidente, aqui a sugestão
O parcómetro é feio, custa um dinheirão.
É p'ra meter moeda? Pense em nossos filhos
Troque os parcómetros por uns matraquilhos.

Meter-lhe a mão no bolso, António não deixe
É que este nosso edil nem gosta de peixe.
O Cheme pouco abre, da bolsa, os cordões
E cá o nosso chefe não tem contemplanções:
"Venha lá a massa para o Centro Cultural
Pois senão meto o Governo, já em Tribunal."
Debandou o Carrilho e chegou o Roseta
Há que apertar o cinto e o resto é treta.

Saúde-se o Arquivo, algo de inovador
Acabou a obra mas não findou o labor.
Em boa verdade o trabalho vai a meio
Já temos as paredes mas falta o recheio.
Lá falta aquilo que o cego faz cantar
É que nem um escudo (!) se ouve tilintar.
Mas já tem um nome, que bem que lhe assenta,
Em homenagem ao homem Alfredo Pimenta.

Da Praça de Santiago vem o meu lamento
Ver o Centro de Saúde dá-me desalento.
Que Praça bonita! Mas tem um prédio a ruir
Votado ao abandono com o tecto a cair.
Essa casa que foi sede desta Comissão
Merece Presidente uma rápida atenção.
Porque brevemente deixa de haver saída
E a bela casa terá de ser demolida.

As Termas das Taipas por lá jazem esquecidas
Um mar de matagal e altas hieras erguidas.
O que dava a vida àquela freguesia
Agora a toda a Vila só traz nostalgia.
Mexe o executivo, façam reuniões!
Convém recuperar aquelas instalações!
Aqueles águas que afastavam a peçonha,
Ora cobrem as Taipas de imensa vergonha.

Há um novo bar para os lados dos Bombeiros
Que cria atritos, os ódios costumeiros.
Vizinhos acusam: "Um barulho infernal."
O dono recalçitra: "Está tudo legal."
Longos relatórios p'ra o ruído examinar
Não foram bastantes para o povo acalmar.
Quem lhe deu a licença, deu a autorização
Para pôr um bar em zona de habitação?

Caros conterrâneos, há granel no Vitória
De tal rebaldaria não havia memória
Ainda não chegou cá a novíssima Bic?
A novel invenção do tempo do Titanic!
Quem foi desastrado? Azarado dirigente
Que num gesto largo e pouco previdente
Estragou o trabalho do plenário inteiro
Derrubando na acta um infame tinteiro?

Lá foi a autorização p'ra venda do terreno...
Mas não é só nisto que o Vitória é pequeno.
A Assembleia das contas deu enorme confusão
E por pouco não findou tudo ao estaladão.
Por lá apareceram uns novos dromedários
Tentando fazer passar os sócios por otários.
Não se sabe sequer se eram sócios verdadeiros
É mais uma história p'ra os secretos ficheiros.

Nos ficheiros do Vitória andaram a mexer
Os agentes da "Judite" tiveram que o fazer.
A transacção do Meira, feita em má hora
É felino escondido com o rabo de fora.
E foi lá descoberta a infracção fiscal
Os duplos contratos tinham de acabar mal!
"Mas porque é que os outros não são investigados?"
E as culpas dos outros perdoam teus pecados?

Palavra de Pimenta! "Já estou de saída."
Oh meu bom povo nada é certo nesta vida!
Qualquer afirmação desde logo se retira:
O que hoje é verdade, amanhã é mentira.
Longe do cenário, em Felgueiras desterrados
Por causa dessas obras, pelo Europeu chutados
Os nossos jogadores vão fazendo figura
Um bom campeonato à equipa se augura.

Não fica por aqui o estudantil protesto
Na Nação o panorama é assaz funesto.
Deu triste pio o descansado Guterrismo
Experimentamos este nóvel Barrosismo.
Depois de frustrada a fugaz Alternativa,
A Direita toma a cadeira governativa,
Acede ao Poder e arregaçando a manga,
Rápido assevera: "O País está de tanga!"

Que amigos eles são! Agora os dois juntos!
Enterram o machado, acertam os assuntos.
E um Governo saiu desta frágil abanção!
Parecem os amigos dos tempos de criança...
Um berrava aos sete ventos "O povo unido..."
O outro um social democrata arrependido.
Esqueceram as origens. P'ra quê o ideal?
Não é a política um eterno Carnaval?

Culpas, aos socialistas, o Governo assaca:
O País está doente, deitado numa maca.
Quereis minha opinião? Eu meto o nariz:
Caminhamos p'ra ser uma tanga de País.
Cá neste nosso canto em pitoresco jeito
Não temos um tostão mas fazemos duro peito.
O diálogo acabou, ora é outro toque
Meus caros, eu vos sirvo política de choque.

Tais são os choques que os cabelos tenho em pé
Se dizem: "Ao trabalho", o povo faz banzé.
O novo Código o trabalhador não serve
É pano de fundo p'ra toda e qualquer greve.
Quanto a este ponto vamo-nos já entender:
Será que é vencedor quem mais retroceder?
Se o vil Código é do tempo do fascismo
As greves gerais lembrem-me o Gonçalvismo.

No próximo dia dez, vem mais uma geral
Fecha a Escola, a Câmara, o Tribunal.
Esta guerra de mentes ninguém irá ganhar
Pior sai o País, assim vai paralisar!
Quem dá voz de greve? O patrão do Sindicato.
Quem fala, quem manda? A Frente do Patronato.
A culpa nunca é minha. E sempre do vizinho:
Cá por casa tudo bem... desde que haja vinho!

Escancaradas estão as Portas da Defesa
Ora mete água, ora dá murro na mesa.
Achou que estava a mais a Velha Guarda trenga:
Saiu de requitó o General Alvarenga.
Entre os militares grangeou inimizade
E meus caros amigos vos digo com verdade:
Certo é que ele arranjou um forte berbicachio,
E inda pensei que ia levar no penachio!

*Pelo meio ressuscitou o Caso da Moderna
E foi grande a rasteira na falheira perna.
Pelo costume, julguei que a remodelação
Mais cedo começasse, com sua demissão.
Com a negra maré ganhou um outro alento:
Esperemos que não vire para cá o vento!
Atacaste de chofre com a lusa Corveta
E o frágil "Prestige" foi mesmo p'ra o maneta!*

*A Justiça, travestida de "Jardim da Celeste"
Para essa senhora constitui rude teste.
Também precisava duma valente guinada
Que reinasse o rigor depois da baralhada.
Urgia que a Justiça fosse recomposta
Depois do furacão - esse António Costa!
Mas ao invés essa postura incendiária
Só deu descrédito à nossa Judiciária.*

*Mas o verdadeiro choque, o choque final
Meu povo já o sentes, é o choque fiscal!
Pra já atenuado com um perdão de juros
Para ver se o Governo sobe mais uns furos.
Subir os impostos - esse fim é manifesto.
Mas há outras saídas, daí o meu protesto:
Se se desse caça a quem a eles se furta,
A factura das Finanças seria mais curta.*

*Nas mãos dessa senhora já passamos horrores
Pois pelo estudante, não morria de amores.
Da próxima avisa! Qualquer coisa explica!
Corriamos a comprar as acções do Benfical
Não darás perspectivas nem profecias falsas.
Pois neste Governo ainda és tu quem tem calças.
Agarre-se à carteira! E sem juros! Aproveite!
Não se sabe o que virá desta Ferreira Leite.*

*Para terminar, no fundo desta minha lista
Um coelho na cartola, foi fogo de vista.
A primeira ideia do Governo deu nada
Foi um primeiro flop, uma primeira banhada.
Principal medida para emagrecer o Estado
Pôr fim ao Segundo, o canal mal-amado.
Esbarrou em áduros actos, em prolixa treta
E lá foi o despacho mofar para a gaveta.*

*Afinal Portugal já está quase vendido
Nem fronteiras há, navegamos sem sentido.
Eu não sou conivente, eu não me quedo mudo:
Quem fez o funeral ao nosso antigo escudo?
Não traz este nosso povo os olhos vendados
Mas apesar de tudo já saímos burlados.
Como é?! Com o Euro é tudo mais barato
E nem tenho dinheiro p'rá sola dum sapato?*

*Afinal o que mudou? Cresceu a economia?
Subiram os salários? Cessou a carestia?
Baixaram os preços? O Zé vive melhor?
A vossa velha lábia conheço-a de cor!
Afinal para que serve? Julgam que sou nabo?
Essas notas nem servem para limpar o rabo.
Minhas cores serão sempre verde e vermelho
As malvas mandarei o Europeu Conselho.*

*Serei sempre o Zé e beberei vinho tinto
Serei sempre Português e até aperto o cinto.
Música não me dáis estou surdo de ouvido
Ide cantar p'rá Europa a Canção do Bandido!*

*Já que por uma vez a Academia me dá palco
E das pilosidades há um mês não me desfalco
Queiram Bocelências fazer pouco estrilho
Que a brincar, a brincar já meti um quartilho.
Quero pouco barulho vai falar a Comissão
Se estiverem atentos vão me dar razão
Pois sou iluminado pela Deusa Minerva
Ouça o estudante. O futrica coma erva.*

*A vós me dirijo, belas musas, oh meninas
Amanhã é sexta e nas nossas Nicolinas
O dia é dedicado às belas donzelas
Oferecido por nós em festivas farpelas.
Vossas mães já deram a contribuição
Agora é a vez de estendendo a mão
Apanhardes a maçã erquida na lança
Entregando a prenda à nossa confiança.*

*Nem penses, oh vil futrica, andar ao ataque
Olha que na testa cresce-te um destaque.
Nicoláu decreta e demanda o Estatuto*

*Que não haja futrica que se quede enxuto.
Por isso meu menino bem conheces a pena,
Não armes "escabeche" nem "futrriqueira" cena.
O caminho já sabes, traçada está a rota,
No chafariz do Carmo o futrica capota.*

*(É que todos os anos ando nesta demanda
O futrica não se lava tem cheiro pestilento
A cabeça não pensa e o corpo tresanda
Daí que o banho hostil seja tratamento.)*

*Mas deixê-mo-lo lá, na diária higiene
E falemos da Festa que é coisa mais perene.*

*Fizeram o projecto, entramos no esquema
Agora amigos somos estrelas de cinema.
A Festa não parou não anda a marcar passo
Rodrigo Areias cá vai o nosso abraço.
Tudo foi rodado connosco em plena Festa
Porque cá as meninas já não caem nesta:
"Desculpa amor. Ir a tua casa não pude,
Estou a gravar a Festa em Hollywood".*

*P'rá posteridade fica o documentário
Fiel espelho do Nicolino ideário.
Não há tempo igual ao tempo de estudante
E tempo de reinar, gozar, ser extravagante.*

*Nem tudo é mar de rosas. A vida é dura.
Ninguém pode adivinhar a vida futura
Por isso Edgar, meu colega, meu irmão,
Trazemos tua lembrança junto ao coração.
O teu amor á Festa, a tua simpatia
É candeia que nos guia, que nos alumia.
Lá onde tu estás, junta a Nicolina malta.
Vê o teu Pregão que recito em voz alta!*

*Alegres estudantes, vou levantar a tenda
Viremos para o ano pois não temos emenda
Que sirva a vossa voz de eco ao Pregoeiro
As Nicolinas anunciem p'lo Mundo inteiro.
Levo da Academia a verdejante bandeira
Que me deu coragem, me tirou a tremedeira.
Daqui a mil anos, neste mês, no dia cinco
Haverá um Pregão recitado com afinco!*

*Seja tudo em prol das Nicolinas imortais
Que findem os enterros, os negros funerais.
Orgulhoso uso a batina e a capa
Quem não quer usar, desapareça do mapa.
Possuo a força destas Festas Seculares
Cá os estudantes usam gorros aos milhares
Todos os dias rio e dou graças aos Céus
Por não terem três bicos. Não uso chapéus.*

*Ora debandemos de forma organizada
Preparem os bombos vem aí a trovoadá.
Que dêem essas caixas o ritmo costumeiro
Seja o pau de carvalho seja de castanheiro.
É hora de fechar, já de tudo dei notícia
E quem não gostou faça queixa na policia!
Sigam-me estudantes e toda a população
Desanquem essas peles até à exaustão!*

IN NOMINE VIMARANENSIS
ACADEMIAE, IN VINO VERITAS

RUI TEIXEIRA E MELO

XXVIII DE NOVEMBRO DE MMII

COSTA GUERREIRO, Lda.

www.costaguerreiro.com ARTES GRÁFICAS
www.costaguerreiro.com

GUERREIRO&C.LDA.
PASSAMANARIAS - ETIQUETAS

www.guerreiro-ca.pt



PREGÃO ACADÉMICO 2003

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2003, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*Jorge Alexandre Pires Marques
(estudante do 12º ano no liceu de Guimarães)*

e pelo autor dedicado a:

Alexandre da Costa Rodrigues

*Alto! Pare o zum-zum e toque o sino.
Eis-me aqui, o mensageiro Nicolino!
Eu presido sem estrondo ou bravata
O que disser escarrapacha-se na acta:
Comecei outra vez no Campo da Feira
Angariei firme esta malta porreira
De bombo e baqueta na férrea mão
Demos ritmo ao início do Pregão!*

*Aqui se ergue a "Voz da capa preta"
Que se quilhe o Big Brother e a Xepa.
Cumprirei de Nicolau o mandamento
Ainda que caia chuva ou faça vento!
Recitarei alto até que a voz me doa.
Sou Capitão e será esta a minha proa.
Nicolau será sempre o Padroeiro
Que ilumina este pobre Pregoeiro!*

*Guardei os livros, dei-lhes uma folga
O estudo cansa e a pinha amolga.
Falarei sem medo de ser escutado
Todos temos o telefone desligado.
Envergando minha capa e batina
Orgulhoso sou a "Voz Nicolina".
Sou o Pregoeiro, nem bom nem mau,
Sou único, verdadeiro, de Nicolau!*

*Cale-se o futrica e fedorento
Já me cheira a bafio e a excremento
Com Nicolau tenho um compromisso
Abrirei ao futrica o vil toutiço...
E se ele nos pede uma indemnização!?
Ou, porventura, uma choruda pensão!?
Aí teremos de dizer a esse infeliz:
"Vai ver se há moedas no chafariz!"*

*No programa da Festa não há quem inove.
O Pinheiro foi erguido a Vinte e Nove
No Campo da Feira, no lugar dedicado
Em condigno buraco por nós escavado.
Com gente sem fim se enfeitou o cortejo
Ver o Pinheiro hirto era o seu desejo.
E ninguém foi para casa desgostoso
O Pinheiro era grande e majestoso.*

*Já ontem regressamos ao nosso labor
As Posses correram com o vento a favor.
Um manjar farto que conseguimos a custo
Que rápido se finou num breve Magusto.
Hoje, irmãos, o Pregão está na ementa
A crítica é o mote, a voz ferramenta,
Eu sou mensageiro da nossa Academia
Que me mandou para palrar neste dia.*

*Todas as maçãs amanhã serão maduras
Serão entregues às meninas nas alturas.
Não as entregarei à que estiver "à mão"
Mas á que encanta e guardo no coração.
O Dia de Nicolau é-Vos reservado
Nunca passará sem Festa a Vosso lado,
Se Nicolau manda e das Festas é dono
Iriamos nós contrariar o patrono?*

*E mais á noitinha no festivo programa
Há artistas de elite no palco da fama.
Solte lá a guita não estorva as finanças
Compre já bilhete para a noite das Danças.
Bravas Moinas fizemos em casas amigas
Para que houvesse vinho fizemos figas.
Com comes e bebes lá fomos bem brindados.
Obrigado, amigos. Sejam abençoados!*

*E a Roubalheira? Já estará ela feita?
Sentiu á noitinha sussurrar nossa seita?
Os vasos estão todos? Faltou-lhe um sapato?
O cão ainda ladra? E mia o gato?
Canta o pássaro? Ou falta-lhe a laca?
E gorgoleja o peru? E muge a vaca?
Que sorte a sua! Inscreva-se aqui,
P'ro ano com gosto visitamo-lo a si...*

*Manda Nicolau se organize a Novena
Levantamos cedo pois vale sempre a pena.
E que esta Festa não é só diversão
Também sobra tempo para uma oração.*

*A Sete de Dezembro, a fechar a Festa,
A menina avança com a pernita lesta
O menino descuida e vem pisadela
O Baile é assim: menina e farpela.
A Academia está toda convidada
Venham daí todos e com a vossa amada
Vamos mostrar agora a toda a população
Que o Baile é nosso, e há-de ser uma festaça!*

*Vimaranenses, nobre Povo, meu País
As novidades são mostarda em meu nariz
E o Pregoeiro tem olfacto apurado
Tudo o que vai mal é aqui denunciado.
Assim, aproveitem e leiam o Pregão
Bebam um copinho de vinho carrascão.
E que não mata a iguaria de Deus Baco
Ao contrário do que se diz no tabaco...*

Saibam os que me ouvirem que estou zangado.
Estão-me a dar música, a cantar o fado.
Onde está a estátua ao meu sentimento?
Eu não esqueço do Nicolino Monumento.
Eu bebo uns copitos mas não esqueço nada
É um assunto que traz a malta chateada
Hei-de sempre lembrá-lo neste meu Pregão
Enquanto respirar e bater meu coração!

Quero ver para o ano essa obra feita
Senão vem-me à cabeça notória maleita
Esqueço o projecto que se lixe o IPPAR
E ponho a Academia nela a trabalhar.
Fica a construção no local já destinado
Ao gosto estudantil e cidadão agrado
Pois o monumento não é só da cidade
Há-de ser Património da Humanidade.

Imagine agora meu caro cidadão:
No Domingo vai à missa, é bom Cristão.
E escolhe a Igreja de São Domingos
A meio da missa, na pinha, caem pingos.
Agora imagine que o que conto é verdade
Lá andou a situação uma eternidade
À espera de quem? Dos técnicos do IPPAR,
E é nestes rapazes que hei-de confiar?

Quanto ao resto, malta, a cena do costume.
Na época do turbo a cidade anda a lume.
Não acenda um fósforo ou mesmo isqueiro
Que em guerra aberta está todo o bombeiro.
Que tristes panais colocaste no quartel
Deixai a Direcção que trata de papel
Fazei jus ao nome que na boca o povo traz:
Nossos Bombeiros são os Soldados da Paz.

Que triste imagem deu o nosso Hospital
Cá na cidade e a nível nacional
As mortes das crianças, as questões havidas
Acabam nos Tribunais por ser decididas.
É mais uma página a negro marcada
Por um adenovirus, a luto exarada.
Em nome da Academia deixo neste passo
Para as famílias, força e um abraço.

Saúdo, agora, a nóvel auto-estrada,
A ligação a Braga já inaugurada
Por certo nos livra do trânsito infernal
Que dava cabo do bem-estar matinal.
Mas algo, da boca, me tirou o sorriso
Não foi o traçado nem o estado do piso
Foram os portageiros que armados em maus
Me exigiram duzentos e quarenta paus!

A cultura cidadina levou um abanão
E visto de repente causa confusão.
Vale a pena ver nem que seja p'ra ensaio
À noite aberto o "Alberto Sampaio".
Durante o dia são poucos que podem ir
Mas o Museu está lá para as portas abrir
Se à hora de expediente pouca gente vem
Há que abri-lo sempre e à noite também...

A falta de cinemas há muito é notada
Depois de a porta do Jordão ser encerrada.
O São Mamede ia fazendo figura
Mas não há fome que não dê em fatura.
Naquele Shopping pelo Belmiro gizado
Há bem pouco tempo vi abrir com agrado
Meia dúzia de salas p'rá Sétima Arte
Para eu ver Hollywood até que me farte.

No fim do cinema, já bem pela noitinha
Ainda mal feito daquela historinha
Se vir umas luzes, não está "como o aço"
Faz parte do filme "Odisseia no Espaço".
Em Guimarães entrou nova lei em vigor
Todo o meliante trajará a rigor.
A América usa a obsoleta cadeira
Por aqui ao ladrão damos-lhe uma pulseira.

(Mas às pulseiras iremos mais adiante
É que ainda falta um outro quadrante)

Saúdo o surgimento da "nova freguesia"
E que alguém insano fez extinguir um dia.
Outras lá se foram e mudou-se o limite,
Tu sempre foste nossa. Bemvinda Corvite.

Um dia de manhã eu vi uns rapazinhos
Juntos dois a dois. Sorridentes e limpinhos.
Logo reparei que os trajas eram cinzentos
Perto dos carros tiravam apontamentos.
Ensaivavam ar feroz, usavam apito
E via cidadãos com eles em conflito...
Fui à minha vida pensando desta feita
Se seriam "irmãos" de uma qualquer seita.

Cheguei ao Liceu e os colegas indaguei.
De nada valeu, responderam: "Eu não sei."
Um xiripiti ao "Fernandes" fui tomar
Por lá perguntei: "Quem anda aí a rondar?"
Dona Angelina disse: "Tomaste-te dos copos?"
Então ainda não sabes quem são os cachopos?
São nova autoridade, notícia de jornal
E têm belo nome... Polícia Municipal!"

(Assim, de repente, senti-me "apalrado"
Meti a mão ao bolso fiquei aliviado.
Como não tenho Carta, não me multarão
Andando a pé poupo-lhes um trabalhão.)

Esteve de parabéns, Guimarães, este ano
Mas nem uma festa vi nem sequer um pano.
Há cento e cinquenta anos que somos cidade!
Terão sido os festejos na clandestinidade?
A Academia bem sabe o que já se fez.
Esta bela idade não se faz outra vez.
O Município, da festa, não fez alarde
O ano não acabou... Ainda não vai tarde!

Ano que confirma o erro de palmatória
Que foi "vender" o Estádio ao Vitória.
Tu sabes, caro Presidente Magalhães
Que essa opção foi a pior para Guimarães.
Quando foi preciso pedir o capital
Tudo eram abraços, ninguém se dava mal.
Agora que cumpre o dinheiro receber
De ti se esqueceram e nem querem saber.

Ainda ficou de permeio a triste história
Da aposta do registo na Conservatória
Ficamos a saber que essa ensaboada
Ainda valeu um arroz de cabidela.
Alguém não tinha poderes da Assembleia
Porque ouvir sócios é coisa que chateia.
Agora alguém tem de regressar ao Cartório
Para pôr um fim ao registo provisório.

Definitivo se torna nesta cidade
O fecho das piscinas lá da Unidade.
Há quatro anos que fecharam o portão
De onde a cidade aprendeu natação.
Neste vende p'rá ali e compra p'rá acolá
Chegamos à conclusão que nem dono há
E quem perde é a cidade e o seu povo
Que vê essas piscinas fechadas de novo.

Agora a findar algo que vai mesmo mal.
O que se passa no Canil Municipal?
Os cães são maltratados, mortos à paulada
Toda a gente protesta e não vale de nada.
Talvez a ameaça do criminal processo
Ponha os assassinos de vez em recesso.
Sou cidadão da Guimarães civilizada
Deixem em paz os cães e toda a bicharada.

O País, meu povo, já nem de tanga está
Qualquer que seja a perspectiva é sempre má.
Nova moralidade nas televisões:
Só há notícias de mortes ou agressões.
O desemprego cresce já desenfreado
Manifestações e greves há por todo o lado.
Parece que o País não está nada contente
Toda a gente sofre mas Barroso não sente.

Água já não mete a nau da Educação
E barco afundado sem qualquer salvação
Há dois ministros e dividida a pasta
Multiplicam-se os males até dizer basta.
Um Lynce pensando ser ele mais matreiro
Quis ajudar um seu colega de poleiro.
Acabaram ambos naquele doce sossego
A quem gente maldosa chama desemprego.

Todos os anos milhares licenciados
No fim do curso sabem que estão tramados.
Veja-se a guerra em que anda o professor
E se vale a pena um curso superior...
Aos mini-concursos com fim vaticinado
Esperava suceder-se um concurso regrado
Mas afinal refinou a mesma baralhada
A disputa por emprego faz-se à chapada?

Foi mais um ano com as propinas na berra
O estudante manifesta e o portão encerra.
Deixem para lá o académico luto
Que por cá tudo bem. Temos outro estatuto.
Quanto às demais lutas senti-vos apoiados
Porque nós aqui não nos fazemos rogados
Haja revolução, levantamento geral!
Nós estaremos lá desde que haja espada!

Espada!, disse eu! Não zurrapa estrangeira.
Tinto maduro, verde branco, Macieira.
Não quero a Constituição, nem a jurarei
Sou novo D. Miguel, a Pátria minha lei.
Tanto faz que berrem ou façam referendo
Que digam que é nacionalismo que defendo.
Da Constituição Europeia não vou à missa
Faço o que alguém fez no segredo de justiça.

E cá vamos marchando nesta mui nobre liça
Cantando e obrando no segredo de justiça!

Bem dizia eu que era o Jardim da Celeste
Nossa Justiça nunca esteve tão agreste.
Fala o Procurador, responde o Bastonário
Um fala ao almoço, outro em qualquer horário.
Depois vem a Ministra o "bitaite" mandar
Segue o Presidente, atrás não vai ficar.
Agora só falta dar a Judite à língua
Para de opiniões não morremos à míngua.

E cá vamos marchando nesta mui nobre liça
Cantando e obrando no segredo de justiça!

O rumo que a Justiça parece trilhar
Meus caros amigos é mesmo de assustar
Mostro como será a Justiça futurista
Não serve de nada mas dá muito na vista:

Todo o cidadão é constituído arguido.
Não é criminoso? Bem podia ter sido!
Logo à nascença, na pia baptismal,
Pegar na criança, levá-la a tribunal.
Depois logo se vê pela pinta da criança
Se mete o dedo no nariz ou coça a pança
Se é aplicada medida não detentiva
Ou se crava firme com prisão preventiva.

Se uma criancinha presa não ficar
Não há motivo p'ra festa nem p'ra folgar.
O Estado dá-lhe a sua prenda primeira
Andará uns tempos com uma bela pulseira.
E para este Big Brother por fim ser total,
Para a Justiça se tornar num Carnaval
Estejas tu em casa ou em qualquer lado
Terás sempre uma câmara e serás escutado.

E cá vamos marchando nesta mui nobre liça
Cantando e obrando no segredo de justiça!

Amigos, já estamos perto desse futuro
Na Justiça actual nada de bom auguro.
Os tribunais cheios! Inúteis formulários!
Qualquer dia findam até com os notários!
Seremos julgados por feros jornalistas
Que sem precisarem de suspeitas ou pistas
Ou sequer do Direito fazerem ideia
Nos atirarão toda a vida p'rá cadeia.

E cá vamos marchando nesta mui nobre liça
Cantando e obrando no segredo de justiça!

Passamos o ano a ser bombardeados
Por jornais, revistas e por advogados.
Trazem a última do Caso Casa Pia
Como se fosse isso que o Povo aprecia.
Haja decoro! Acabem isso de vez.
A vida prossegue. Não é o Um, Dois, Três.
Falem do Mundo seja o menu variado
Já é tempo do assunto estar encerrado.

Salve-se do Euro as "inaugurações"
Quase todas feitas este ano e aos repelões.
E a relva que teimava em não se fixar?
E os convites que ficaram por endereçar?
As festas de todos foram muito bonitas
Esperemos que para o ano não haja fitas.
E que o onze português seja a nossa tropa
Para sermos por fim Campeões da Europa.

Agora que viramos o verso para a bola
Falemos do meu clube que me moe a tola.
O nosso Vitória começou a tropeçar
Caindo nos lugares aonde falta o ar.
Onze jornadas passadas com seis derrotas
É coisa que não se faz a quem paga quotas.
Por isso Inácio, esfolem o cabedal
Que dar-nos vitórias não vos fica mal...

Dê-se bom uso ao estádio renovado
Que a relva não sirva para apascentar gado
Seja ele palco de grandes exibições
Que nos catapultem p'rá Liga dos Campeões.
A "inauguração" foi bonita de ver
E o estádio ficou mesmo lindo a valer
Mas o que me restará sempre na memória
É mais um sucesso do nosso Vitória.

Mais um "ano lectivo" passamos em revista
Não venha o jornal que não dou entrevista
A Academia prosseguirá a sua demanda
O Pregão seja acatado ou vem sarabanda.
Preparem-se meninas na janela altaneira
Terão amanhã minha visita prazenteira.
Em troca da maçã - um fruto de eleição
Atrevido espero o vosso coração.

Atenção estudantes, Legião Nicolina!
Darei descanso à minha língua viperina
Retirem ombos e caixas da vil letargia
Anunciemos à cidade a Academia.
Agradeço Nicolau teu apoio e ajuda
Fica sabendo que a devoção não muda
As Festas são só tuas. Tu és o seu dono.
Obrigado, meu santo. Nicolau, meu patrono.

Povo! Em guarda! Aprestem o armamento
Que tenha o cortejo o seu prosseguimento
Na baqueta, de bater, façam-lhe uma aresta
Amanhã o futrica leva maçã na testa.
Façamos ver à cidade e a todo o Mundo
A força da Festa e nosso amor profundo
Partamos soltando um sonoro vendaval
Que se ouça na Europa e à escala Mundial.

IN NOMINAE VIMARANENSIS
ACADEMIAE, IN VINO VERITAS

RUI TEIXEIRA E MELO

COSTA GUERREIRO, Lda.
Artes Gráficas
www.costaguerreiro.com

GUERREIRO&C.LDA.
PASSAMANARIAS - ETIQUETAS
www.guerreiro-ca.pt

gire
Labels



O PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2004

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2004, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*Pedro Manuel Rocha dos Santos Rodrigues
(estudante do 12º ano no liceu de Guimarães)*

e pelo autor dedicado a título póstumo a:

*Maria Adelaide Meira
(sobrinha do escritor de pregões João de Meira
e fervorosa adepta do Pregão)
e a Santos Simões*

*Eu vos saúdo, oh Nicolina Irmandade
Vós que ergueis a Festa a Sua Majestade.
A Festa revive sempre em evolução
Hoje em sobressalto é dia de Pregão.
Silêncio, ouçam este estudante trajado
Que trará novidades daqui, de todo o lado.
Hoje Nicolau reencarna em minha voz
Daqui a uns dias vem puxado em trenós.*

*Pela Academia fui eleito Pregoeiro.
Sou rapaz novo e estudante a tempo inteiro.
Oh Irmãos Nicolinos à escuta vos quero
Reprimam o barulho com um olhar fero.
Vernáculos ditos, maus tratos variados
Para o futrica aqui tenho guardados.
Acabando-se o palrar aqueço a mão
No lombo do futrica! Que satisfação!*

*Académicos amigos, hoje é domingo.
Não há jogo do berlinda, nem jogo do bingo,
Não há jogo da lampa, não há jogo da malha,
Rami, sueca ou outra coisa que o valha.
Não há compras de Natal no shopping a fazer.
Não há nada aberto para vos entreter.
Ninguém trabalha e fico feliz, povão
Por recitar hoje o estudantil Pregão.*

*Oh Guimarães, minha cidade Natal
Berço pátrio de beleza sem igual
No esplendor do Castelo, no belo Paço
Os meus olhos não se quebram de cansaço.
Já nem mil poetas em musas inspirados
Nem mil cantores sussurrando belos fados
Serão capazes de em palavras traduzir
O que te faz vibrar, crescer e reluzir.*

*Nos alvares deste ano que beleza mostravas!
De juventude e alegria transbordavas
No primeiro dia do ano a nossa Praça
Estava linda de morrer, mas que figuraça!
Na Praça de Santiago a festa foi feita
No Carnaval para rir sempre se aproveita.
Que original ideia! Naquele empedrado
Colocar um belo estádio relvado...*

*O delírio chegou já alto Junho ia
O povo se juntou em grande euforia
E mesclando-nos com esses dinamarqueses
Da sua simpatia ficamos fregueses.
A cada lua aquela Praça se encheu
De olhos postos no ecran, no Europeu.
Ai que saudades, oh meu povo, que beleza!
Eu ainda oiço o bradar da "Portuguesa"!*

*Alto se cantava pelas ruas da cidade
Molestaram as buzinas sem piedade,
No Toural banhos houve e as meninas
Alegres se trajaram com as cores das quinas.
Cada avançada, cada passe certo
Crescia o nervoso, havia formigueiro
A área chegavam, vinha o chuto fatal
E irrompiam vozes gritando: Portugal!*

*Muita gente à noite, mas não a multidão.
Tentaram montar a festa no Pavilhão
O povo disperso por toda Guimarães
Dê a mão à palmatória, oh Magalhães.
"Fan Park" e a "Feira" para lá deslocaram
Povo fora de portas. Lá os enxotaram.
Mas saiu-lhe pela culatra esse mau tiro
Pois no fim do jogo p'ra Praça era o giro.*

*De manhã o turista tinha um destino
Era vê-lo lembrar os tempos de menino
Pagava o bilhete em terra segura
E curti a cesta que anda na altura.
Assim, o teleférico umas "massas" deu
Tirando as contas do escuro, do penoso breu.
O Euro-turista na cesta balançando
Ia sorridente, cerveja emborcando.*

*De tarde era o jogo no estádio confuso
Tudo a divertir-se como era antigo uso.
Um vero italiano tentou me entalar
De quem é este estádio? Pôs-se a perguntar.
No meu "italiês" fazendo ar de tonto
Desviei a treta: "Uno cappuccino pronto?"
Tendo insistido puxei pela memória
Disse: "E municipale... anche do Vitória!"*

*Meneando a cabeça foi o transalpino
Julgando que eu já tinha perdido o tino
Mal ele conhecia a enorme zaragata,
Mas eu não lha contei. Nem sequer tive lata.
Tenho minha ideia e possuo um princípio
Nem será do Vitória, nem do Município.
Vendido ou doado, saiba o Mundo inteiro
Se não é de ninguém é cá do Pregoeiro!*

(Ei! Não façam alarde! Já lhes tirei a "tosse".
O "Afonso Henriques" está na minha posse.
Amigos, é verdade! Mentiras não digo
Nem as permite o Pregão, não lhes dá abrigo.
Disse ao Machado: "Fique com o relvado.
Jogadores no recinto e em todo o lado.
Só quero um quadrado de cinco por cinco
A sede da Comissão fica como um brinco.")

Lá buscaram arqueológicos achados
No fim descobriram estarem enganados
Há alguns meses a Mumadona cercada
Já me parecia triste e acabrunhada.
Um grande parque lá vão construir
Subterrâneo, não vá o carro fugir.
Quem foi o autor da ideia aziaga?
Querem pôr Guimarães igualzinha a Braga?

Oh Magalhães, onde puseste a Dona "Muma"?
Que é bom mirá-la e a gente costuma.
Já procurei por todas as eiras e beiras
A Mumadona estará p'ra Felgueiras?

Dessa Senhora confidente me tornei
O que ela já passou só eu mesmo sei
Nô meu ombro chorou triste, amargurada
E em verso me disse emocionada:
"Estudante fiel, vem aí o progresso
Eu cá não percebo, desde já te confesso
Recebi um ofício em papel timbrado
A Câmara quer pôr-me já em outro lado".

Oh Magalhães, onde puseste a Dona "Muma"?
Que é bom mirá-la e a gente costuma.
Mas, o que lhe fizeste? Quem foi do teu staff?
Nossa Mumadona? Puseste-a em Fafe?

Espantado fiquei nessa manhã de Inverno
Por pouco pensei estar nas chamas do Inferno
Quando naquela Praça a pé eu passei
E vi que o progresso ditou a sua lei.
"Onde estás Mumadona? - Soltei alto brado.
"Quem fugiu contigo? Quem foi esse malvado?"
O barulho parou, o céu escureceu
Mas já nem o silêncio me respondeu.

Oh Magalhães, onde puseste a Dona "Muma"?
Que é bom mirá-la e a gente costuma.
Agora, diz-nos lá sem rodeios nem manha
A Mumadona? Levaste-a para Espanha?

Concidadãos: Temos nova rápida via
Que há muito Guimarães já a merecia
Pomposamente lhe chamaram quinta IC
Tem tanta curva e não se sabe o porquê.
Naquela estrada é constante o vil sinistro
Do pézinho no pedal? Lembrou-se o ministro?
Nem o condutor cuida de o pé levantar
Sem que perca o controlo e se vá estampar.

E eu que já tinha cá o pressentimento
O nosso presidente teria o intento
De levar nossa "Muma" de cá de uma vez
E pô-la sentada numa Praça em Cavez...

Há coisas que se vão num passe de magia
E outras que aparecem da noite p'ró dia
E que já estávamos a desesperar
Lá para a Veiga a Escola vai ressuscitar.
Pois bem presidente já não era sem tempo
Porque as promessas já as levou o vento
Chateia os maiores e a Governação
Dá-lhes com força e que não te doa a mão.

Noutros vãos estará Magalhães pensando?
Ele ter-se-á passado em louco desmando
E vendo a Capital com prédios à toa
Terá deslocado a "Muma" p'ra Lisboa?

Repouso se deu à nossa velha Estação
Fez-se uma nova na Euro-ocasião.
Assim se afastou um prédio assaz vetusto
Mas a dada altura não ganhei para o susto.
Tive um pesadelo em noite de tempestade
Estava vagueando aí pela cidade
O povo alto falava mas eu nem ouvia
Cheguei-me mais perto e o que se dizia:

Diziam estar tudo bem e muito bonito
Com bolos, café, jornais até em Sânscrito
Confortáveis assentos, belas bilheteiras
De tudo lá havia menos mijadeiras!!!
Mas se fosse só isso! Pior era o resto.
Logo que entrei naquele comboio lesto
Já apertadinho, quando a gente nem vê
Estava escarrapachado: "Não há WC".

De repente acordei e um suspiro solto
Pôs fim àquele sonho longo e revoltoso
Mas quando virei as costas ao tribunal
Faltava a D. "Muma"... Estava tudo igual...

Mas eu já a vi! Foi na semana passada.
Com um monumento estava de mão dada
Mas esse, amigos, ainda não tinha destino
Sabem que vos falo do nosso Nicolino.
Terá ele de vir encomendado de fora?
O que o entorpece? Porque é que demora?
Esse monumento do papel quer sair
Vamos, Presidente! Ponha tudo a bulir.

E quando estiver pronto, logo aproveite
Ouça o pregoeiro, o bom conselho aceite
Ponha os trabalhadores a fazer Maratona
Tape o buraco e reponha a Mumadona...

Do mundo da bola vem novidade grossa
O Vitória quase desceu, a coisa fez mossa
A revolta cresceu, o pessoal indignado
Viu o Vitória muito mal classificado.
Foi um Deus nos acuda! Foi uma aflição.
Mão divina salvou a queda de divisão.
Pimenta ao ver aquele plantel algo murcho
Decidiu contratar um infalível bruxo.

E o último jogo com a malta animada
Queriam se disputasse à porta fechada...
Revogou-se a decisão, respirou-se fundo
Deixaram actuar as almas do outro Mundo.
Convocadas foram as divindades mestras
P'ra rápido banirem aragens funestas.
Por obra de Deus ou fufense bruxaria
O jogo lá findou... O Vitória não descia...

Ungido que estava com tanta água benta
Já no mês de Maio renunciou Pimenta
Aberta essa porta, abriu-se a sucessão
Parecia Cirilo homem para o cadeirão.
Rapidamente, em subversiva manobra
Aparece Almeida não renegando a obra.
E de Moreira veio para Guimarães
Com Manuel Machado, o Vitor Magalhães.

As eleições chegaram. Tá visto. É fado!
Já tínhamos um e agora é ao quadrado.
Magalhães venceu e no discurso da glória
Prometeu colocar na UFA o Vitória.
Machado alinhou, mas a nau vitoriana
Em vez de navegar afunda ao fim de semana.
Espero eu não ter nosso Santo de invocar
Ou então um bruxo de terras d'além mar...

Para findar temos novas da Capital
Sempre vê a Quinta, mas ninguém leva a mal
Mais vale ver o jet-set em versão agrícola
Que ver a política que é mais ridícula.
Cá na nossa Quinta no nosso Portugal
Do estábulo vem um cheiro pestilencial
Oh meu orvinte não sentes o cheiro dela
Vai tapando o nariz e não mexas mais nela.

A tanga do país cada vez mais mingava
Portugal decadente Barroso governava
Surpreendidos fomos pela novidade
Dita de repente, nem parecia verdade:
Barroso demandaria outras paragens
Deixando o luso povo, as lusas paisagens
O "cherne" era o homem de mão indigitado
P'ra chefe do Europeu Comissariado.

Cedo apareceram vozes da oposição
De todo o Governo pedindo a demissão
Não havendo maiorias legitimadas
Já se reclamavam eleições antecipadas.
Sampaio reuniu o Conselho de Estado
Ponderou, ouviu e depois de matutado
Disse ao seu povo depois de uma semana:
"Povo Português eu vos sirvo o Santana."

Suspirei de alívio não quero eleições
Campeia a baboseira, tudo dá opiniões.
Mas Santana a Primeiro? Seria demais.
Será que o meu povo gosta de madrigais?
Será que vamos ser a sua "nouvelle" Cinha?
Que agora puxa a dura teta da vaquinha!
Entrei em pânico: "Haja quem nos governe!
Desculpa, oh Europa! Quero de volta o cherne."

É Portugal! A rebaldaria costumeira.
É que não há Governo que saia à primeira
Depois de uns meses o meu povo está estafado.
Quer novo Governo ou um remodelado.
As cartas baralhadas, voltem-se a dar.
Ferro, o outro líder que já estava a amuar
Disse: "Oh Jorginho, sou muito teu amigo.
Agora demito-me. Estou triste contigo."

Nessa tarde da posse, tudo perfilado
Iam anunciando secretários de estado
E chegou a hora da pasta da Defesa
Alguém falou no Mar e surgiu a surpresa.
Toda a gente o olhava e Portas basbaque
Pareceu dizer: "Por descuido dei um traque."
Disseram-lhe que parecia surpreendido
Portas respondeu: nada tinha sucedido...

O pesadelo de Portas veio do Mar
Provindo da Holanda cá queria atracar.
A revolução querida pelo Barco do Aborto
Era já finada, já era um nado-morto.
Foi quase um mês e só em milhas falando
Ao largo de Portugal o Barco foi ficando
Tanta foi a espera que a tripulação se enerva
Toca lá a voltar p'rá Holanda fumar erva.

Diverti-me muito vendo em funcionamento
Aquela Assembleia discutindo o orçamento
Sabe-se que o Decreto sempre por lá passa
Nunca é chumbado, mas vê-los lá tem graça.
Discutem pesado e zangam-se os rapazes
Pegam-se os líderes e seus fiéis sequazes.
Saem do edifício e já vai esquecido
Eles se misturam e já não há Partido.

No fim da discussão até vai bem uma sesta
O Primeiro nega, essa ideia contesta.
Tinta nos jornais, gravatas na televisão
Santana discutindo se dormiu ou não.
Certo é que mais tarde estava bem desperto
Demandava a situação olho bem aberto.
Desfilavam meninas na "passerelle" da moda
E durante o espectáculo dormir incomoda.

Mau era o dia em que a insónia atacava
Era ao Domingo quando Marcelo falava.
E vira e torna a virar e nada se dormia
Até Gomes cantava, ninguém adormecia.
Já nem pregava o olho, então, o Pedrito.
E surgiu-lhe uma ideia naquele dia aflito.
Conversou com o Paes: "Põe-lhe uma mordalha!"
"E tu meu fiel Gomes fala e mostra raça."

Nem foi necessário ao bruxedo apelar
Para ao comentário Marcelo renunciar
Bastou da TVI uma "piquena" conversa
Para desaparecer a figura mais adversa.
Pior foi o Gomes e mais o contraditório
Pediram a cabeça, fizeram-lhe o velório.
Abriram-lhe o buraco da sua sepultura.
Mas nunca deixam cair lá quem os segura.

Salve-se do Euro as "inaugurações"
Quase todas feitas este ano e aos repelões.
E a relva que teimava em não se fixar?
E os convites que ficaram por endereçar?
As festas de todos foram muito bonitas
Esperemos que para o ano não haja fitas.
E que o onze português seja a nossa tropa
Para sermos por fim Campeões da Europa.

Agora que viramos o verso para a bola
Falemos do meu clube que me moe a tola.
O nosso Vitória começou a tropeçar
Caindo nos lugares aonde falta o ar.
Onze jornadas passadas com seis derrotas
É coisa que não se faz a quem paga quotas.
Por isso Inácio, esfolem o cabedal
Que dar-nos vitórias não vos fica mal...

Dê-se bom uso ao estádio renovado
Que a relva não sirva para apascentar gado
Seja ele palco de grandes exposições
Que nos catapultem p'rá Liga dos Campeões.
A "inauguração" foi bonita de ver
E o estádio ficou mesmo lindo a valer
Mas o que me restará sempre na memória
É mais um sucesso do nosso Vitória.

Mais um "ano lectivo" passamos em revista
Não venha o jornal que não dou entrevista
A Academia prosseguirá a sua demanda
O Pregão seja acatado ou vem sarabanda.
Preparem-se meninas na janela altaneira
Terão amanhã minha visita prazenteira.
Em troca da maçã - um fruto de eleição
Atrevido espero o vosso coração.

Atenção estudantes, Legião Nicolina!
Darei descanso à minha língua viperina
Retirem bombos e caixas da vil letargia
Anunciemos à cidade a Academia.
Agradeço Nicolau teu apoio e ajuda
Fica sabendo que a devoção não muda
As Festas são só tuas. Tu és o seu dono.
Obrigado, meu santo. Nicolau, meu patrono.

Povo! Em guarda! Aprestem o armamento
Que tenha o cortejo o seu prosseguimento
Na baqueta, de bater, façam-lhe uma aresta
Amanhã o futrica leva maçã na testa.
Façamos ver à cidade e a todo o Mundo
A força da Festa e nosso amor profundo
Partamos soltando um sonoro vendaval
Que se ouça na Europa e à escala Mundial.

IN NOMINAE VIMARANENSIS
ACADEMIAE, IN VINO VERITAS

RUI TEIXEIRA E MELO

COSTA GUERREIRO, Lda.
Artes Gráficas
www.costaguerreiro.com

GUERREIRO & C. LDA.
PASSAMANARIAS - ETIQUETAS
www.guerreiro-ca.pt

aire
Labels



2004



2002



2002



2004



2003



2004

O Pregão de S. Nicolau

2
0
0
5



*Declamado nas ruas e praças de Guimarães,
aos 5 de Dezembro de 2005,*

por

Domingos Garcia Freitas

aluno do 12º ano da

Escola Secundária

Martins Sarmento

Dedicado pelo Autor e pela Academia a

Helder Rocha

e a quantos o acompanharam

na defesa das nossas Tradições.

**Nicolau, Nicolau! Aqui estou de novo
Liberto na palavra, na velha Tradição
De só tua vontade eu vir dizer ao Povo
E trazer na verdade ao Berço da Nação
O alerta vital que faça na mudança
Fugir esta Nação a trágico destino
Mantendo sempre viva a basililar esperança
De reviver no mundo o sestro nicolinol!**

**O sestro de viver a vida no estudo
Que cada vez pior aí se fantasia
Na cabeça solene de quem sabendo tudo
Não sabe ao Povo dar a mínima alegria
Num sinal de futuro e numa luz de Esperança
Um rumo no devir, seguro no trabalho
Um gesto a reverter esta desconfiança
De ser o eleitor apenas um paspalho...**

**Que cesse de uma vez a ganância do voto
Dos que fazem officio na luta do Poder
E que ao alcançá-lo lançam em saco roto
Mentirosas promessas que andaram a fazer
Ficando delas só o eco e o registo
Na triste e amarela folha de um jornal!
Este o descaramento torpe e nunca visto
Que lesa o cidadão, lesando Portugal...**

**Pois o Santo lhes diz: tenham vergonha
E metam em chinelos os pés mansos
Porque o Povo conhece a vossa ronha
E não suporta mais jogo de tansos!
O que resulta destas brincadeiras
Na resposta final de um Povo fino
É vermos a Fatinha em Felgueiras
E às portas de Lisboa o Isaltino!**

**E mais até... até muito melhor
E na prova final do que vai dito
Vermos em Gondomar como o Major
Assopra seu poder por um apito!
E na Madeira aquele gorduchinho
Para quem o poder é brincadeira
Lá continua à frente do bailinho
Bebendo do seu vinho na torneira...**

**Ó Guterres fatal, por que fugiste?
E tu, Durão, também a dar à sola?
Sabemos que na fuga prevenistes
Deixar ao nosso povo a dura esmola
Dum futuro ruína, no engano
Das promessas fatais e deslavadas
Que fizestes ao Povo Lusitano
Em palavras sem nome se faladas!**

**Pois em nome do povo aqui anoto
A pressa que tivestes na partida
E do mau uso feito do seu voto
Numa traição final tão conseguida...
Que fuga do Poder tão sem glória!
O Povo Sentinela assim a vê-los
No registo final que dá a História
A todos os Miguéis de Vasconcelos...**

**E neste não avanço mal parado
Cá vamos ao museu das pátrias mortas
Que foi solenemente inaugurado
Pelo Santana, a Manuela e Portas
Na presença impante de Bagão
Que de tudo ministro, num momento
Levou este país, esta Nação
À penúria fatal do Orçamento!**

**Os frutos aí estão: no desemprego
A juventude vai desamparada
E o reformado em desassossego
Vê a magra reforma amputada...
Vê a saúde a fugir-lhe esquivada...
Vê o Ensino e a Justiça inerte...
Sem esperança sequer de que reviva
Novo Sonho de Abril que o desperte!**

**Aquilo que promessa era descer
Não pára nem descansa na subida!
E a cada dia um nos vem dizer
Quão mais triste será a nossa vida...
E já nova promessa e nova gente
Aproveitando o mote entra na dança
E nos promete a todos de presente
No desemprego...um retomar de esperança!**

**E certo que o dizem por dizer...
Não custa mesmo nada prometer!**

**Cansado de votar na incerteza
A urna transformada em saco roto
Vai o povo da pátria portuguesa
Descrer da validade do seu voto!
E cansado de burlas e promessas
Na desgraça final que já futura
Bem pode decidir pelas avessas
E votar sem querer a ditadura...**

Não obriguem o Santo a decidir
Nem lhe perguntem como votaria
Se neste mau caminho prosseguir
Isto que dizem ser Democracia
Mas deixa o operário sem tear
O ferreiro sem forja, até sem malho:
Um governo se quer a governar
E a proteger de roubos o Trabalho!

Que cesse deste circo a palhaçada
E seja o futebol só um desporto
E não a droga, a droga envenenada
Servida ora a povo mais que morto...
Nada de Otas! Nada de TGVês!
Nem rotundas sequer ou auto-estrada...
Morre de susto o povo português
Na tristeza das obras de fachada!

Que se faça cultura verdadeira:
Não se veja ministro nem doutor
Ao falar português dizer asneira
De cara tão alegre e sem pavor...
Asneira que nos sai depois escrita
Com letrinhas inteiras no jornal
A conspurcar a língua tão bonita
Que outrora se falava em Portugal!

**E não deem as culpas por favor
Ao vosso desgraçado Professor...**

Vai partir o Sampaio sem deixar
Arrumada esta casa: Portugal!
O Alegre se vai candidatar...
Mas o Mário recusa o funeral
E arranca na frente de Cavaco
Contente de fazer mais um tabu...
Todos esperam enfiar no saco
Portugas como eu e como tu!

Guterres, o fradinho, fez-se Unesco...
E não ouvimos já falar Santana...
Durão para Bruxelas foi ao fresco...
Manuela se fez Dona Fulana...
O Portas lá se foi nas enxurradas...
Mas os outros que agora lá estão
De tais peças copiam as pisadas
E não mudam as Leis de D. Bagão!

E neste nome triste aqui me fico
E mais nomes não faço recordados
Dos que fizeram orçamento rico
Sempre à custa dos pobres Reformados...
Do remorso não sentem mordidelas
E do mando se vão bem aviados
Estes novos amantes de Bruxelas
Que em desgraça nos fazem desgraçados!

Tu deixa o tabaquinho! Vai à passa
Que farta no mercado se apresenta
E de tantas famílias na desgraça
Na fortuna de poucos se contenta...
Do vício do tabaco vais curado
E nunca morrerás mais de catarro
Que já não pode um pobre desgraçado
Fumar tantos impostos num cigarro!

E o velhinho privado da chupeta
Perdido na velhice sem remanso
Vai dar-lhe certamente na veneta
O requerer final de seu descanso
Ao ilustre ministro das finanças
Que ao privá-lo assim da nicotina
Está a deferir com falas mansas
Do ancião a morte repentina!

**Não mais eu te verei tão triunfante
Nas longas baforadas dum paivante...**

Mas vou dizer aqui que não lamento
O suicídio destes desgraçados
Que eram salvação dos orçamentos
À sua custa sempre equilibrados!
Agora com reforma nos setenta
Acaba da reforma o despautério:
O velho no trabalho se arrebeta
Ou vai no Desemprego ao cemitério...

**São estas soluções, estas conquistas
O brilho intenso dos economistas!**

E feitas eleições por alto preço
O nosso voto pago a bom valor
Cá regressamos todos ao começo
De um futuro de há muito assustador!
Até que o Povo cansado de doutores
E dos mesmos mentores celebrados
Eleja a governar os lavradores
Que nos mostrem os campos bem lavrados...

Não pode ser assim, não pode não
Este sonho de Abril ser destruído
No nosso Portugal, pobre Nação
Onde o pão que se come é tributado
Para pagar a obra descarada
Dos que fazem progresso de cimento
E abrem com orgulho a auto-estrada
Onde circula um Povo em sofrimento!

Mas não vamos aqui ser o Bandarra...
Desejamos que chova porque a chuva
Vale mais que discursos que dão parra
Quanto mais na promessa mostram uva!
Mas a cada tear que vai parado...
Cada forja que vemos apagada...
Cada barco que vemos í varado...
Cada escola desfeita, abandonada...

Vemos marca terrível do progresso
Na mais treta mentira alicerçado!
O futuro tornado retrocesso
E a lembrar tristezas do Passado...
Só nos falta fazer no Parlamento
No dia que lhes seja mais azado
Demonstração do nosso sofrimento
No sempre repetido e velho fado!

**E convém anotar: nem sempre é boa
A Lei Geral que sopra de Lisboa...**

E veremos então meu Portugal
A eleger de novo um novo Rei
E a trabalhar no duro e na real
Per Deos, pola Lei e pola Grei
Sem futebol, sem fado, sem partidos
Liberto dessa treta dos doutores
E sem mais à Europa submetidos
No galarim maior dos vencedores!

**O Santo assim o quer, o Santo Mor
Da malta Nicolina o protector!**

Agora que à cidade sou chegado
E a tem o Santo bem no coração
Dou nela bem havido e bem provado
O progresso do resto da nação:
Não falta aí cimento levantado...
Caixote, caixotinho e caixotão...
O lixo recolhido com cuidado...
Bem separado o vidro do cartão...

Palácio Vila Flor recuperado
Bem pode ser o Centro da Cultura
Se for aberto ao Povo e ao Povo dado
Como espaço de Ser e de Procura!
Parabenizo aqui Dona Francisca
Que a Cultura faz Municipal...
E veremos agora se ela arrisca
Mudar o panorama cultural!

Do Cosme a obra feita lá na Penha
Só peca no cimento assim à vista
Mas esperamos nós que a hera venha
No retoque da nódoa paisagista...
De resto o que promete o Cosme faz
E vai banir decerto aquela feira
Fazendo regressar a velha paz
Que tinha a nossa Penha verdadeira!

Parece a nosso Santo que ora cabe
Falar-se num apelo comovido
Dum rio português. o Rio Ave
Que nas Taipas se vê tão poluído
A pontos de, se alguém aí nadar
Correr o sério risco de morrer!
Mas vemos a Vimágua lá pescar
A água que cidade anda a beber...

Claro que refeita e que tratada
Aparenta água limpa e com saúde
Mas não passa de droga bem drogada
Segundo investigar eu soube e pude...
E não faço questão de aqui dizer
O que há muito repete o Zé Povinho:
A água p'ra lavar! Que p'ra beber...
Já Baco preferia beber vinho!

**Que a Vimágua nos traga lá do Douro
Um tinto de respeito ao bebedouro...**

Que se passa com Muma na verdade
Tão as costas a dar ao Tribunal?
Quem se atreveu a vir cá à cidade
Roubar o seu antigo pedestal?
E quem a pôs assim numa peanha
Mais própria de uma reles figurinha?
Truncando o monumento que se ganha
Se não a dimensão de cascatinha?

O Dom Afonso, o nosso, o do Castelo
Sabendo do Afonso Cutileiro
Pedi municipal o camartelo
Na implosão de aborto tão foleiro!
Registo aqui do Rei o seu desgosto
E imploro a Magalhães, só como sei
Que em nome da Arte e do Bom Gosto
Salve a Cidade do Pedrulho-Rei...

O outro Magalhães, o do Vitória
Que lá por fora ao menos se aguenta
Terá de sempre sua essa glória
De arrumar de vez o D. Pimenta
Cuja fama se fez naquele alerta
Que o mundo correu em volta inteira:
"A mentira de ontem mais incerta
É amanhã verdade verdadeira!"

**E não digam que o homem não sabia...
Ou que era ele sozinho que mentia!**

Olhai, ó juventude, ó Nicolinos
A quem a Festa pelo Santo é dada:
Fazei-vos no estudo bem ladinos
E usai sempre a capa bem traçada...
A capa e a batina que era dantes
Sem tricórnio ou meia descarada
Pois sempre em Guimarães os estudantes
Fizeram a Ciência bem trajada!

E agora que a nossa Academia
A três Escolas vai já alargada
Usar o velho traje bem seria
Prova definitiva e acertada
Deste nosso querer tão Nicolino
Ao traje nosso, o traje sem idade
Tão diferente do novo e cabotino
Que de Braga chegou cá à Cidade...

**Já nos constou ser obra do Demónio
Esta invenção solerte do tricórnio!**

A Escola de Sarmento reforçada
Na de Santos Simões e na de Holanda
Fará saber de forma bem marcada
O que o Santo em Pregão aqui nos mandal
Por falar nisso...o nosso Monumento
Só vai ganhar no tempo mais sentido
E Magalhães decerto a cem por cento
Fará cumprir o que foi prometido...

E vós de Guimarães as damas minhas
Luzindo como sol em frio Inverno
Colhei de minha lança as maçãzinhas
Que são de nosso Amor o gesto terno...
Entra na dança e vinde à nossa Festa
Que é vosso este querer, este carinho
E a consolação que só nos resta
É trazer-vos a ela em bom caminho...

**Um sorriso que venha feito prenda
Aceso num Amor que bem se entenda!**

Ai ó Malta! A hora vai chegada
De mostrarmos a Bush de uma vez
O que é a maçaneta bem alçada
Na mão do Estudante Português:
Fazei aí estrondo tão ousado
Que no Afeganistão e no Iraque
Suspensos os apoios do Senado
A guerra finalmente dê o traque!

Ao mostrarmos ao Santo a devoção
Que temos pela Vida e pela Paz
Ao tredo capital diremos não
E ao mundo global que ele nos traz
Oporemos a força da Razão
No barulho final que aqui se faz...

**E não nos venha Bush, esse pinoca
Servir o seu arroz, arroz chinocal**

Que no Olimpo os deuses reunidos
No pasmo desta nossa Tradição
Já tiraram a cera dos ouvidos
Para melhor ouvir nosso Pregão!
E já Minerva corre alvoroçada
A fazer tranquilo o próprio Zeus
Garantindo que a nossa zabumbada
É alegria mor dos filhos seus...

Que seja construída em Portugal
Que tantas pátrias novas deu ao mundo
Do Amor e da Paz a capital
Dum Humanismo são e mais profundo!
Por isso aqui vos manda o nosso Santo
Que bem erguida seja essa baqueta
E barulho se faça tanto e tanto
Que do Poder abafe a velha treta!

Zupai-me nessas peles com vigor...
Firmai-me essas caixas bem no lombo...
Que o mundo acorde já do estupor...
E o Demo no inferno dê um tombo!

**É bem de Guimarães a Tradição
Que o Santo faz cumprir neste Pregão!**

*A. Meireles Graça, fecit in su Tebaida de Creixomil.
ad Nicolorum arroubos.
Guimarães, Novembro, 2005*

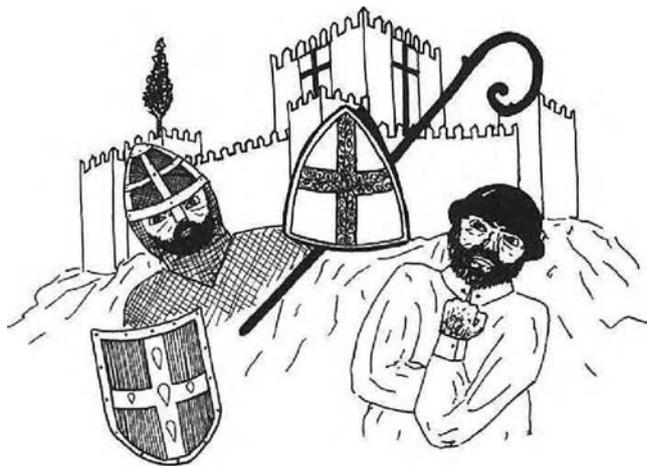


*Eng.º Helder de Lemos Rocha
N-15/11/1916
F-17/01/2005*

*Cá temos nós o Nicolino Mor
Numa foto vulgar em que o topo:
As mesas e cadeiras em redor...
À mão de semear um belo copo!*

*Viveu connosco em grata companhia...
De muitas gerações se fez parceiro...
Contava só os anos que fazia
Ao renascer nas Noites do Pinheiro!*

A.M.G.



PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2006

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2006, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

HÉLDER MIGUEL DA COSTA MENDES
(aluno do 12º ano no liceu de Guimarães)

*Dedicado pelo Autor e Pela Academia
a todos os Nicolinos.*

*Oh vós que por aí erraiñdes
Porque não me escutaiñdes?
Porque não me ouvindes?
Cera no ouvido tindes?
Binde aqui ao Pregoum
Bende com atençoum.
Por lubar os papéis
Nicolinos não seis...*

*Saúda Nicolau a Cidade Primeira
A toque de caixa de baqueta certa
O estudante vai a rua embelezando
Ouvindo o Pregão e com fulgor tocando.
E aí de quem na função louco se intrometa
Seja fero homem ou nado de proveta
Pois avançaremos! Aí em estilo bruto
Para ser cumprido à risca o Estatuto.*

*Nicolau! Gloriosos são estes teus dias.
De folgado, de amores e de tropelias
Valha-nos teu santo e avisado tento
Para que o chumbo aqui não tenha assento.
Iluminai-me em todo o derradeiro teste
Livrai-me dessas horas de ânsia agreste
Para que do estudo eu não seja refém
Por todos esses séculos e séculos, amen.*

*Da Torre dos Almadas, Velhos vão sair
Com cuidado nas escadas para não cair.
À Festa se juntam à nossa alegria
Não sabem dizer não à Velha Academia.
Nem a vil bomba lá na Coreia ensaiada
Nem essa americana desordeira armada
A hoste Nicolina em forma suplanta
De baqueta armados e pintando a manta.*

*Se por aí houver um incauto turista
Ponha Portugal, Guimarães na sua lista
À ONU avise que a guerra do Iraque
Connosco findará mais rápido c'um traque.*

*Cumprindo o programa eu cá vos afianço
Saiu lindo cortejo com bovino manso
Em Novembro, sempre no dia vinte e nove
Pode cair água, mas chover não chove.
Nicolau tu viste. Foi uma animação
Ergui o Pinheiro com grande devoção
Com a bruta força humana e motora
De pás, baquetas... e de retro-escavadora.*

*Com umas belas Posses nos presentearam
Vinhos, queijos frescos tudo nos arranjaram
Em troca de uma seca garganta dorida
De mais um dia Nicolino em nossa vida.
A Roubalheira baterá à vossa porta
Quando o vosso cão ladrar a hora morta
Este ano vai ser chato, será uma seca
Levaremos tudo até vossa cueca.*

*Hoje com orgulho aqui sou vossa voz
Sou o pregoeiro salvador ou algoz
Dos vis e dos fracos eu serei o carrasco
Sereis rilhados como uma "chicla" que masco.
É mesmo assim este escolástico bando
Pregão, é protesto. Estudantil desmando.
De língua eu vou pondo toda a gente rasa
Logo convido-vos! Recito em minha casa...*

*Amanhã, bela, na varanda esperarás
Olhar-te-ei nos olhos, não voltas atrás
A maçã te enviarei na atrevida lança
Com tua beleza meu coração balança.
Como da cruz o diabo, foge futrica
O dia de Nicolau é p'ra quem se aplica
E rai's me parta se não enceto um romance
A cada miúda a quem a maçã lance.*

*E caindo a noite aparece a velhada
Vestida a rigor já depois de uma tainada
Nas Danças impondo o ritmo da ironia
Nos ensaios assim, há muito não me ria.
As Moinas? Um sucesso, uma ímpar festa.
Trouxeram bom vinho e umas dores na testa.
Muito gostamos da nossa gastronomia,
Se nos dão um copo, dizemos "até ia".*

*Durante toda a semana lá pelas sete
Quando alguns sonolentos estão na retrete
Já estava levantado aqui o menino
Na Novena rezando pelo vosso tino.
O Baile vai ser uma forte festarola
Já vou de laço e penso ir de cartola
E quando o último acorde a banda soar
Atrevo-me a tentar teus lábios beijar.*

*Virem para cá o orifício auditivo
Passareis agora pelo nosso certo crivo
Atentos escutai este meu relambório
Sob pena deste esforço poder ser inglório.
Sigo as passadas deste meu cavaleiro
O Vogal da Academia, sempre o primeiro
E tenho uma guarda de honra assaz esbelta
De calça reluzente e cueca celta.*

*Correm dias loucos, mesmo dias insanos
Eu não os via assim há já muitos anos.
Querem trazer à vida, ver de novo a luz
O descansado Afonso lá em Santa Cruz?
Querem conhecer o genético perfil
Do nosso Primeiro Rei de conquistas mil
Cuidado, oh rapazes! Não façam borrada!
Se vos julga mouros. Corre-vos à porrada.*

*Limpar o burgo do passado criminal,
Pensa o chefe do Paço municipal
E ressuscitar a ideia fulminante
De pôr atenta a câmara vigilante.
Mas nem toda a malta é desse vil jaez
Feché lá esse projecto já a pedrês.
O que passou só terá um tratamento:
Dar-lhes na tola, um correcto batimento.*

Quer ver nosso Governo de porta fechada
A nossa cadeia que vai sobrelotada.
"Ao óbvio a família vou votando
Que vão para Custóias que aqui eu mando."
Diz o Ministro, esse poderoso Alberto
Vai pensando que tem aquele poleiro certo
Sorte termos deixado nosso jeito bruto
Senão amandava-lhe um potente chuto.

E havia uns criminosos virtuais
Que terão usado atestados a mais
Tão maus que eram que depois da instrução
Poucos estiveram na chamada do escrivão.
No dia da absolvição e lida a sentença
A notícia esfumou-se, não teve presença.
A Lei mudaram e findou esse escarcéu
Pois aqui o Estado foi verdadeiro Réu.

Ninguém nos tirará daqui a Relação
Ouviu bem, oh Senhor Ministro da Nação?
Ponho o judiciário mapa em pantanas,
Ponho fim à loucura e em poucas semanas.
Guimarães precisa mesmo é de mais gente
Juízes, funcionários! Colocar é urgente.
Senhor Ministro, essa péssima medida
É de quem não pisou um tribunal na vida.

E irão as Varas lá para Creixomil?
Lá terei eu de ver toda a gente febril
Para os arrabaldes em louca correria
Perdendo o tempo que falta lhe fazia?
Porque não fecham tudo? - eu dou a ideia.
As Varas, a Relação, aquela Cadeia,
A PSP, a Republicana Guarda
A Polícia Municipal e toda a esquadra?

O TGV que o edil quer ver a passar
Pela cidade numa bolina a rasgar
Bem podia ter acesso ao Tribunal
Levando os processos a bem ou mal.
Eu aqui não quero ninguém desiludir
Esse combóio tão cedo não há-de vir
Que ainda impera essa triste mensagem
Que o país é Lisboa, o resto paisagem.

E avançamos para nóvel candidatura
Guimarães Capital Europeia da Cultura
Em dois mil e doze! Seis anos vão passar.
Deitemos mãos à obra. Vamos preparar.
Começemos agora nem tarde nem cedo
Não há um concorrente que nos meta medo
À sede do júri iremos em excursão
Aqui em Guimarães há mobilização.

De requitô se avança de bombos e caixas
Levamos a marmita e dizeres em faixas
Formaremos um bloco em forma de cunha
Um panal do Vitória vai de testemunha.
E creia, oh edil na força da vontade
Na Europa da Cultura reina a cidade.
Na vitória estaremos contigo Magalhães
Alto cantando o Hino de Guimarães.

Mas, oh Presidente se isso acontecer
Há certas coisas que eu nem as posso ver
Para essas obras contrato o engenheiro
Mais um arquiteto com um lápis certeiro.
Contrato os artistas. Vamos ao trabalho.
De pá, de picareta e com grosso malho
Senão estou a ver já a aparecer na zona
Um belo Parque igual ao da Mumadona.

Não sei se são melhores aquelas entradas,
Aqueles saídas tão atabalhoadas,
Aqueles paredes cheias de infiltrações
Que para lá entrar tenho de usar calções.
No Paço há queixas, em forma de lamento
Porque vazio vêem esse equipamento
Já engendraram a panaceia p'ró mal
Chamam os rapazes da Guarda Municipal.

Mas outro Parque já veio noticiado
Para o Largo do Toural está projectado
Serão uns meses sem passar naquela artéria
O trânsito será revista do La Féria...
No primeiro mandato o esguicho foi marco
Elege-se agora a abertura do buraco
Pena não termos mar seria mediático
Abrir um novo espaço: um parque aquático!

Obras a andar. Estatuinhas, estatuetas,
É muito o palrar, conversas, mas só tretas.
Nem me importava (vê como as coisas são!)
Que a estátua nicolina tivesse infiltração.
Desde que exista, desde que seja erguida
Ao menos que seja em dias da minha vida.
Salte da gaveta o Nicolino Monumento
Digo-to desta vez e dir-to-ei um cento.

Seja um busto, o Santo num pedestal
Num qualquer largo até nem ficava mal
E tão pouco custa, é só ter a vontade
Vê esta gente - Nicolinos de verdade.
No fim do Pregão, Magalhães virás comigo
Nem que não queiras serás meu novo amigo
Eu daqui não saio sem a promessa tua
De para o ano o monumento estar na rua!

Na Conde Margaride há uma faixa nobre
É como quem quer ter mas nem isso pode
Um dia qualquer eu vou apagar o "BUS"
Para ver se nasce nuns espíritos a luz.
Ou então de verde meu carro vou pintar
Farei uma carreira p'ra qualquer lugar
Para o Toural, Alamêda ou para o Cano
Terei cobrador e serei um Transurbano.

Naquela zona será fácil transitar
E até temos um parque para estacionar
Na zona de Couros muito espaço há
O Shopping vai crescer. Tão pequeno não dá.
Grande então será o distúrbio diário
Salve-se o combóio. Aumente-se o horário.
Aí é que vai ser! P'ra eles não há pai.
Outra faixa teremos: a faixa Sonae.

Talvez seja p'ra isso a tal revisão
Já se vai falando desde o último Verão
Prevejo na Câmara, num lugar sinistro
Alguém a labutar num PDM revisto.
Haja contenção. É pensar antes de agir
Senão para Fafe eu terei de fugir
E se for p'ra isso preferia meter baixa
Isto já entedia, mudamos de faixa?

A ponte é uma passagem p'rá outra margem
Um Pontes foi obreiro de nova viragem
Não nos valeu o Bruxo, nem o da corneta
Nossa faixa é segunda, "fomos para o maneta."
A ganhar ao Benfica os pontos não esticam
Os anéis já se foram, nem os dedos ficam
Agora terminou! Chega de brincadeira!
Quero o Vitória já na Liga Primeira!

Mas vejo a coisa mal, a entornar o caldo
Temos triste jogo e jogadores em saldo
Eu que as quotas pago todos os santos meses
Já só peço uma coisa: Sejam Portugueses!
De te envaidecer não cures, Norton falheiro
Ou sobes o Vitória ou vais p'ra o galheiro.
Se algo correr mal dá-lhes sumo da vide
Com um copito, não há novo Moscovide.

*Ergue o Vitória! Vence toda a disputa.
Estaremos contigo na frente dessa Luta
Joguem em Penselo ou lá na Nigéria
Vitória na Primeira ou é uma miséria...*

*A nível nacional a confusão é magna
Este País não anda, o País estagna
Portugal está em crise e está moribundo
Creiam no meu lamento, ele é profundo.
De cada vez que Sócrates manda filete
Cada vez mais se enterra e se compromete
E seus testas -de- ferro, seus acompanhantes
Mal abrem a boca as falhas são gritantes.*

*Há ordem permanente para encerrar
Maternidades, urgências são p'ra fechar.
Empresas, fabriquetas, tudo na falência
O trabalhador não tem p'rá sobrevivência.
Dum Governo à deriva colhemos o fruto
Têm a maioria, falta-lhes estatuto.
Aos Senhores Ministros sobram os disparates
P'rá remodelação, nem sequer há tomates!*

*Naquela campanha a promessa era linda
Não pagarás portagens, há Scuts ainda
Já está tudo mudado, é grande a lata
É para verem como esta gente nos trata.
Vão dizendo sempre que é a contra-gosto
Mas tem de ser! E vem aumento do imposto.
E qualquer dia em Portugal tributamos
Tudo o que vemos e o ar que respiramos.*

*O Tribunal de Contas deu um safanão
Há aí golpe e desorçamentação.
O nosso Governo lá anda sorridente
Como se nada fosse, como quem não mente.
Não devolvem o IVA, não pagam o que devem
Mas para vir cobrar suas pernas não tremem
Diz bem o João: a República faliu.
Rápido regresse quem do trono saiu.*

*Arram-se em artistas da difícil cobrança
Publicando os nomes com toda a confiança
Se deves às Finanças, o Estado te remete
Para umas listagens que andam na net.
O passo está dado p'ra um futuro risonho
P'ra o éden prometido, Sócrático sonho
Um dia ouviremos nas Finanças aos berros
O devedor, pelo Chefe, marcado a ferros...*

*Saem do Ministério e ouvem insultos
Nós é que sabemos, nós é que somos cultos
O Povo se reduz a um bando de ignorantes
Não têm dinheiro? Procurem cartomantes.
A confusão é tal que o militar aterra
Mas nem mesmo assim eles descem à terra
Saíam desses quartéis, venha de lá a tropa
Sobre o Governo lancem uma hostil OPA.*

*Há anos anunciavam, era paixão
Dos socialistas, a nossa Educação.
A paixão acabou, os ânimos estão mornos
Mas será que a Educação lhes pôs uns adornos?
E não querem ouvir sequer um professor
Então fechem os cursos a todo o vapor.
Não nos dê a ideia, não dê o rebuçado
Para no desemprego ser licenciado.*

*Aulas de substituição! Que grande saída.
Não quer bocelência ser substituída?
Aulas de História, lentes de Tecnológica
Mas afinal terá isto alguma lógica?
Professor/estudante. Muda o tempo verbal
Queira acompanhar-me alteza Ministerial
Só duma coisa parecemos estar seguros
Estudantes hoje, desempregados futuros.*

*Sou candidato às próximas eleições
Já tenho o meu lobby e faço reuniões
Já tenho gabinete, já marco a agenda
Montarei minha sede numa qualquer tenda
Senão já prevejo que no ano que vem
O Governo fornece o programa que tem
Na teoria do fecho não há horas mortas
Portugal encerra, Portugal fecha portas.*

*Na política sobras são oposição
Vêem tudo isto não nos deitam a mão
No hemiciclo vão ganhando seu pataco
É tudo farinha que provém do mesmo saco.
Naquela assembleia, naquele parlamento
Façam uma graça. Coloquem um jumento.
Não é inteligente, é mesmo caturra
Mas quando a fome aperta pelo menos... zurra.*

*Este meus caros é o Estado da Nação
Aqui recitado pela voz da Comissão
A força da Academia foi demonstrada
Neste cortejo nobre, nesta bela Cruzada.
A hora chegou de a âncora levantar
Noutro sítio o Pregão vou anunciar
Levando a mensagem a todo o cidadão
A quem nos queira ouvir, dar sua atenção.*

*O Mundo já sabe que a Festa não se fina
E a sermos duros a Festa nos ensina
E não será vã esta coisa que prometes:
Que o Pregão sai, nem que chovam canivetes.
Do bom ou mau tempo a Festa independe
O Vimaransense a Nicolau se rende
As caixas tocarão, esta seita é maluca.
Bombos tocarão como tiros de bazooka.*

*Ora, venha lá esse toque do Pregão
Mostrem à cidade o Hino de eleição
Mostrem que esta Academia não tem igual
Nem neste País, nem à escala Mundial.
O som Nicolino sature a atmosfera
Façam já tremer a terráquea esfera
Se partir a baqueta usem qualquer remo
Que bana o enxofre e acagace o Demo.*

In nomine Vimaransenis Academiae, in vino veritas,

Rui Teixeira e Melo

XXVIII Novembrii, MMVI





2006



2006



2005



2005



2005



2006



PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2007

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2007, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*JOÃO NUNO JORDÃO SANTOALHA
(aluno do 12º ano no liceu de Guimarães)*

*Dedicado pelo Autor e Pela Academia
a todos os Nicolinos.*

*Bem-vindo patrono, Nicolau meu santo
A terra iluminada a ti aqui se rende
Cumprindo a tradição e sem quebranto
Sem rasgar a capa que o estudante estende.
Não cedo às forças que te tentam abrandar
Terna cidade, tua própria expansão
Sequer temo raios do forte trovejar
Pois tu sempre serás O Berço da Nação.*

*Nestes versos te trago novos ventos
Novo alento e outra história pr'a contar,
Que se roam insanos e ciumentos
Os que lá por Braga ouço a suspirar.
Ostento a Alma e a memória Lusa
Enquanto Baco com vinho me aliciar
E meus caros, que se quilhe a Musa
Que nem se esforça sequer por me inspirar!*

*Os ditos do Pregão são novo mandamento
O décimo primeiro da nossa profecia
Que ordena desde já um bruto batimento
No futrica que vaidoso por aí se anuncia.
Erguemos nesta data este nosso estandarte
Que orgulhosamente elevamos desfraldado
Para que se saiba até no longínquo Marte
Que a Academia tem aqui seu reinado.*

*Toda a verdade será neste acto revelada
E que fique exarado para memória
Que O Berço, esta nossa terra amada,
Não esconde qualquer grotesca história.
O que recito em jeito de desenrasque
É vinho doutra pipa, de nova adega
Quem não gostar se quiser que enfrasque
Que a tourada avança, agora com nova pega...*

*Nesta cidade todos querem projectar
Espaços novos ao trânsito inibidos
Dizem os velhos que estão a architectar
Novos rumos com transportes esquecidos.
Talvez não retirem os bancos do lazer
Donde se vai a sombra necessária
Do sol quente que não pára d'aquecer
Em nova zona ambiental deficitária.*

*Onde vão colocar as árvores majestosas
Tão características do antigo Toural?
Esqueçam de vez essas sebes pirosas
Concebam antes uma praça magistral!
Essa traça recorda um longo deserto
Não temos bossas para tanto aguentar
Queremos visão, um projecto esperto
Um oásis para podermos descansar.*

*A Alameda querem pôr num frangalho
O trânsito daí também vão banir
Nada escapou. As ruas serão retalho
Onde não será possível conduzir!
A Avenida do nosso Afonso Henriques
Querem ver por um túnel trespassada
Oh Magalhães, querido não te estiques
Olha que ele corria mouros à chapada.*

*Será culpa tua Condessa Mumadona?
Que as costas tens viradas à cidade,
P'las andanças ainda perdes a poltrona
Onde se jura falar sempre a verdade.
Qualquer dia também serás mudada
Pois há o novo tribunal de Creixomil
Essa malta do Governo será aí julgada
E p'lo jeito pára o bólido p'ra Vermil.*

*Nessa loucura nossa feira desterraram
Reconhecida e de nobres tradições
Queriam copiar a bíblia e já erraram
Meteram no templo os vendilhões!
Sentirão a malta mais controlada
Por Santa Clara, senhora conventual,
Veremos se a Vereação já animada
Não levará "entulho" para o Natal.*

*As feiras estão em crise. A ASAE culpada
Pôs cobro a outra feira, a Feira do Comer.
Pois então que venha uma feira abençoada
De copo já erguido brindo à Feira do Beber.
E haja quem me ature a beber sem manjar
E queira segurar-me a mim e à "carroça".
Eu que os veja por aí, a ASAE a cirandar
Que, no cortiço, lhes faço uma funda moosa.*

*E o S. Mamede será que vai reabrir?
Ou é da cultura um novo golpe teatral
Eu cá sou teimoso e sei que aí vou curtir
Em dois mil e doze, um grande recital.
E virão tenores, travestis, Zés-Pereira
Para o médico, p'ro juiz ou sapateiro
Vamos puxar pela gaita... E de que maneira
Vamos de papillon ou fato domingueiro.*

*Da revista cara e do jornal de taberna
Virá muita gente, muita malta VIP
Tudo muito feliz, tudo dando à perna
Talvez até curtindo uma enorme trip.
Pregão é Cultura! Da pouca que se faz
Neste nosso burgo que será a Capital
E nem sequer passa pela tola a Satanás
Que o Pregão não tenha lá um pedestal.*

*Mas há outro espectáculo: o novo mercado
Belo, desviado e complicado de chegar
Diz o povo e garante até o mais versado
Que quem tiver artrose vai ter que penar.
Compromete o buraco essa caminhada
Do novo, do velho, do rapaz sem sorte,
Não merecem os ossos sequer tal porrada
Nem os nossos carros lá encontrar a morte!*

*Abundam buracos aqui por todo o lado
Também os recordo nas várias freguesias
Que são numerosas e de amargo fado
Estão cheias de problemas e de arritmias!
São vítimas do Paço, do esquecimento
E crescem ao batuque das empreitadas
Aumentando sempre o nível do cimento
Sem ordem, sem honra vão as desgraçadas...*

*A polícia do burgo foi mais autorizada
Patrulha o concelho de cabeça erguida
Mas de vez em quando a malta animada
Faz-lhes lembrar quão triste é esta vida!
Se tens um tasco aberto sem licença
Porque é muito chata e cara a papeleta
Lá te bate à porta com uma lata imensa
Um senhor de cinzento, usando fardeta.*

*Aperaltem-se beatas na Igreja rezando
Co'a video-vigilância todo santo está seguro
Até no altar santo o padre vai brilhando
E sonha fazer na tv carreira com futuro!
São reflexos do canal que está a nascer
Guimarães vai estar sempre na ribalta,
Estudante fica na escola, ainda te vão conhecer
P'la tv a beber o tintol que te faz falta.*

*Alegra-te Nicolau, Guimarães é teu bazar
E se espaço houver, estaciona tuas renas
Pois certamente tudo cá irás comprar
E se vieres cedo nem perdes as Novenas!
Compras em Azurém, Urgezes ou Silvares
Ou vai até Brito que já não ficas mal
Agora são outros ventos, novos ares
Foi posto um fim ao comércio tradicional.*

*Novo orçamento! São mais de cem milhões
São tantos os zeros que nem imaginas
Pudéssemos nós usar d'alguns tostões
E todo o santo dia seriam Nicolinas.
E dizem ainda que nada há para gastar
À massa o que fazem se é tanta assim?
Eu cá ando pobre, a energia é cavalhar,
Se der para um Porsche, dêem-mo a mim.*

*Preparado o lugar para o Monumento
Do Nicolino que é bem do seu agrado
À beira do Pinheiro terá seu assento
Que bem ficarão juntos, lado a lado.
Falta colocá-lo. Nisso sou como Tomé
Preciso de tocar nele para acreditar
Diga, Magalhães, em si tenho alguma fé,
Quando o teremos pronto a inaugurar?*

*De volta à primeira, bem-vindo Vitória
Adeus ó segunda, até nunca mais
Para pesadelo já chega a memória
De bonitas terras e ignotos locais!
De longe, veio então, um senhor "C'ajuda"
P'la mão do povo veio "Milo" Macedo
Até parece que nos saiu a taluda
Venha quem vier, ninguém mete medo.*

*Na descida que nem tudo se perdeu
A cidade uniu-se! Mostrou seu fervor
A união faz a força e o Vitória cresceu,
E com ele a fé do adepto sofredor.
Agora que aprendemos tão grande lição,
Vamos lá mostrar ao Mundo a cidade
Calem-se assobios e toda a vil expressão
Qu'aquele segunda não deixa saudade!*

*Vira o mote e também a disposição
Porque assim também eu Governo
Nos impostos sentimos dura mão
Neste quente e antecipado Inferno.
O Vermelho já alastra na bandeira
É símbolo de satânico progresso
Nossa Economia é má, é falheira
E não sei sequer se tem regresso.*

*Aumentam as filas de desempregados
Culpa de dolosos gerentes que encenam
Num Estado desigual que apoia abonados
Só uma velocidade (p'ra trás) engrenam.
Mas emprego e trabalho confundem a gente
Por isso, nas filas, muitos fogem do labor
No Centro de Emprego o inscrito mente
Porque na aldrabice é sempre bom actor.*

*Nossa criançada continua fustigada
Por um ensino que teima em lhe fugir
Culpa da ministra que é só de fachada
E ninguém se interessa em substituir.
Entretanto vai sendo manipulado o putro
Sem educação e sem aulas decentes
O Ensino lá vai de enegrecido luto
Nem os professores se quedam contentes.*

*Coitado do "prof" se for levado às juntas
Levadas por suprema, alta raça animal
Leccionarão em pouco tempo até defuntas
Pela mão de uma qualquer junta bestial
O tempo está a mudar, é bem verdade
O professor já nem precisa de estar são
Não temam o futuro ou sintam saudade
Professores só se perdem os que já lá vão!*

*A nossa justiça dá sempre que falar
Da Casa Pia ainda não vemos solução
Casos curtos não servem! Há que prolongar!
Em longevidade, quem será campeão?
São muitos candidatos. Papel às pilhas
Corredores com pó matando o oficial
Leiam os Governantes por outras cartilhas
Ouçam alto o Procurador de Portugal.*

*Que "jeitoso" é o novo processo penal
Que liberta os criminosos culpados,
A justiça precisava de limpeza geral
Agora só talvez se forem amnistiados
Podemos prevaricar sem preocupação
Falsificar ou mudar de identidade
A justiça é cega e não garante solução
À vítima que demanda a busca da verdade!*

*Atenção estudantada! Há olhos para ver
Mas não para certos ditos "jornaleiros"
Que na ânsia de falar, na ânsia de vender
Criam a notícia tornando-se... parteiros.
Pena não se dar já o uso de outrora
A certos jornais que deviam estar de molho
Pois podem crer que muitos a esta hora
Estariam a ser vistos... mas por outro olho!*

*Lá vamos navegando, ao leme o engenheiro,
Cujo diploma foi alvo de sindicância
'Viu-se "à rasca" com todo aquele basqueiro,
Mas o M.P. pôs fim à implicância
O "papel" é legal, mas feito ao domingo
Elaborado até no fim da eucaristia
Vinou-se a polémica sem qualquer respingo
Mas sempre ficando um pouco de azia.*

*É um admirável, respeitável Mundo Novo
Em que já não há sequer o curso médio
Somos todos nobres, não há gente do povo
O que gera sempre, entre nós, algum tédio.
Vivemos na ilusão, num terreal paraíso
E os papás anseiam quando o filho for maior
Ser rapaz cordato e munido de juízo,
Até na culinária se forma um doutor.*

*Quase que se ia o comboio Europeu
O Felipão, salvaste a grande entrascada
O Perestrelo diria "qué qué isso ó meu?"
Se visse a substituição feita para nada.
Sorte a tua: os finlandeses falharam
E até tiveram mesmo algum azar
Mas ainda bem que não te chatearam
Senão outro gajo terias de esmurrar.*

*Agora sobre os bombos vossas forças soltem
De vossas caixas saia um poderoso rufar
Que os velhos ouçam e assim voltem
Que esta tradição é para preservar
A constante revolta seja hoje ouvida
Através do Nicolino sempre consciente
Pelas ruas da cidade terna e querida
Tomado por Baco que é omnipresente.*

*Levantemos bem nossas baquetas no ar
As Festas prosseguem agora bem sabemos
Rufem bem forte, não vale abrandar,
Nessas peles damos tudo o que temos
Amanhã será dia de novo madrigal
Preparada está já a minha lança
A maçã é fruto do amor, é o seu sinal
E só esse pomo meu coração amansa.*

*Rebentemos a pele dos bombos poderosos
Manchados pelo sangue nosso derramado
Porque estes dias são sempre gloriosos
São Dias Nicolinos já bem afamados.
Siga o cortejo com grande barulheira
Vamos embora já meus queridos manos
Estas baquetadas não serão as derradeiras
Firmes estaremos aqui todos os anos!*

Guimarães, 30 de Novembro de 30/11/07

In Traditione Nomine et Urbe Corde.

Carlos Barroso Machado

costa guerreiro
artes gráficas
www.costaguerreiro.com
GUERREIRO & C. LDA. L. A. B. I. L.
PASSAMANARIAS - ETIQUETAS



PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2008

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2008, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*JOSÉ DIOGO FERREIRA MAGALHÃES DA SILVA
(aluno do 12º ano da escola Secundária Francisco de Holanda)*

*Dedicado pelo Autor e Pela Academia
a todos os Nicolinos.*

*Minha cidade ínclita e venturosa,
Aqui em cumprimento do Estatuto
Eu risco, por hoje, a sábia prosa
Faço uma trivela e dou-lhe um chute.
É esta minha honrosa incumbência
Atribuída que me foi esta função
Que cesse de Baco a ingerência
Pois este ano só há este Pregão.*

*O Pregão é para gente silente
Futrica, o bedelho aqui não metes
Nicolau tua presença não consente
Nem que te limites a lavar retretes.
Lá (cá) em cima do coche ou à janela
Faço cumprir o rito habitual
"Botarei inté" lume p'la goela.
P'ra falar deste nosso Portugal.*

*Só verdadinhas direi! Nada mais!
E não é esse tinto que me incita
As verdades já não vêm nos jornais,
Antes no que o Pregoeiro recita.
Calem-se já o "Velhos do Restelo"
Que afirmam que a Festa é decadente
As Nicolinas têm nosso sêlo
Não são os anos trinta. É evidente!*

*Por esta altura forte ataca o frio
E até sabe bem estar à lareira
Mas para o Nicolino é sempre estio
Seguro nos ramos da macieira.
Esta barba que vêm por fazer
E que me faz igual ao meu irmão
É vontade, desejo de pertencer
À Hoste Nicolina, à Comissão.*

*Daqui do alto agora proclamo
O nosso Vitória foi assaltado
Foi crime o que se passou este ano
Foi crime! E não foi investigado!
Ao liner vesgo nada aconteceu.
Pelo fora-de-jogo inexistente.
A malta daqui até estremeceu
Ao ver os Suíços seguir em frente.*

*Os milhões da Champions diluídos
P'rá Taça UEFA fomos desterrados
Mas também ficamos desiludidos
Mesmo com dois golos já marcados.
Segue avante Cajuda companheiro
Firmes em ti nós sempre confiamos
Para a UEFA refaz nosso roteiro
Sentimos gosto em dizer: "Ganhamos!"*

*Ao domingo não dou sequer um passo
Nesse shopping que a cidade tem
Ao domingo ao shopping irei de laço
Se construírem outros dois além.
A massa não sobra, não há pataco
Neste velho panorama de crise
Não há sequer dinheiro p'ra tabaco
Ou p'rá menina fazer uma mise.*

*As Festas Gualterianas nas Hortas?
Foi uma excelente invenção
Por ali não sobraram horas mortas
Para a fartura, nem para o rojão.
Recebemos os nossos emigrantes
Sempre com muito orgulho e carinho
Mas para o ano, oh meus visitantes
Bebam mais juízo e menos vinho.*

*Ali pelo Parque da Mumadona
As obras finalmente terminaram
Pensei que havia "gato" nessa zona
Tais foram os males que se passaram.
Mas toda a bela tem o seu senão
O Parque da Mumadona não falha
Já caíram umas pedras ao chão
Mas enfim... esse Siza que nos valha.*

*E naquele que foi nosso mercado
O que por lá nos irá aparecer?
Uma estátua do Afonso amado?
Ainda não consegui perceber.
Assim como na Praça do Toural
O projecto que vi desapareceu
Nem percebi o que estava mal
O que se passou? Que aconteceu?*

*Serviço Público? Televisão?
Deixem-me rir antes que me esqueça
Servem-nos um Goucha e um Baião
Acordem-me! Antes que adormeça!
E à noitinha bota uma novela
À tardinha mais uma novela bota
Os putos nada aprendem com ela
Mas ao menos cultivam a catota.*

*Informar é hoje mais uma ilusão
E dizem-se o suporte do sistema
São mestres a lançar confusão
Outras pessoas, o mesmo esquema.
Tudo vive da social condição
E duma fajuta necessidade
De muito se aparecer na televisão
E ser-se famoso na sociedade.*

*Muito antes daquela "Morangada"
Havia Nicolinos na cidade
Não precisamos de mais essa "burrada"
Para sermos jovens de verdade.
O batuque é diferente. Já sei.
Não queremos meninas com botox
Aqui o Morango não é Lei
E para quem for que encoste à box,*

*A ASAE... A PIDE de hoje em dia
Tem-se fartado de trabalhar
O vinho tinto querem botar p'la pia,
E com a malga querem acabar.
Fumar tabaco já é ilegal,
E tão ilegal como fumar droga!
Ponham-nos já, a bem de Portugal,
Descendo o Couros de piroga.*

*O Governo está periclitante
E estraga a vida familiar
Pois se damos com ovos ao tratante
Não teremos mais ovos para o jantar.
Dizem que virá aí magna obra
Que leva muitos anos a pensar
TGV's, Metros? É banha da cobra.
Vêm aí!!! Já os escuito a chegar.*

*Então? Como é? Ninguém cacareja?
Contra o "bolo" mal distribuído
Para o nosso povo só a fava sobeija,
A prenda vai p'rá aquele Partido.
E nascem lá, esses tristes "jotinhas"
Futuros Ministros de Portugal
Já pequenos nascem umas florzinhas
Falam muito e cheiram muito mal.*

*Os "Magalhães" já estão nas escolas
Mas ainda só dão para jogar
Talvez substituam as sacolas
É um peso grande p'ra libertar.
Pena é não se poder ver tudo
Aquilo que nos dá na meloa
Eu fico de semblante sisudo
Quando não vejo uma gaja boa!*

*A Ministra que diz tudo ter lógica
Outra profissão deveria ter
Poderia ser a Maga Patalójiķa
E fazer o Estatuto desaparecer.
Seus sequazes corridos a tomates
Pois aos ovos já estão habituados
Podiam prosseguir seus disparates
Sendo governantes lá p'ra os Barbados!*

*A Chefa quis o povo serenar
Ainda tentou a mudança de toque
Quando a horta começou a voar
Na escola surge bófia de choque.
Mas sairemos todos para a rua
Dando à palavra forma de protesto.
Música! Cada um terá a sua,
Mas daremos o corpo ao manifesto!*

*Guimarães é uma bela cidade
Esquecida por quem não vive nela.
Mas cada vimaranense sabe
A história de cada viela.
Essas grandes muralhas erguidas
Esses frondosos muros do passado
São memória de antigas vidas
Do Mouro que de cá foi escoraçado.*

*Amigos: Este Pregão é cultura
Muito me custou pô-lo a rimar
Lembrem-se que nossa Festa perdura
Muito além do Pinheiro elevar.
Esse Pinheiro que lá está erguido
Ao som do bombo, caixas a rufar
É nosso! Mas só faz algum sentido
Se o resto soubermos aproveitar:*

*Amanhã são mais umas Maçãzinhas
Preparem-se meninas. Que aflição!
Monto os carros de bois e carrinhas
P'ra vir cá oferecer meu coração.
É grande o amor do estudante
Mas rapidamente ele se esvai
Se na varanda não te vejo brilhante
Ao Baile outra comigo vai.*

*Para os braços da UNESCO! É a hora!
Vais-nos atribuir o galardão
Brilharemos por esse Mundo fora
Recitando este nobre Pregão.
Venham lá, oh senhores comissários
Vejam como trabalha a Academia
Temos capas e os números vários
Far-vos-ão rejubilar de alegria.*

*Filhos de Minerva! Estudantada!
Levantem a baqueta num instante
E mostrem à nossa cidade amada
Daquilo que é feito um estudante.
Quero um toque rápido e certinho
Como ouvi antes nos nossos ensaios
Esta Festa é para nós, velhinhos,
Pois que não somos já nenhuns catraios.*

*São Nicolau, patrono! Estás à escuta?
O Teu Santo Telemóvel tem rede?
Bota Tua benção nesta nossa luta,
Nesta dura cruzada que dá sede.
E que nenhum insano se intrometa
Se atravessa à frente do meu coche
Daqui comando a Nau Catrineta
Siga a marinha! Vamos fazer mosh!*

João Manuel Teixeira e Melo

25 de Novembro de 2008





2007



2008



2007



2007



2008



2008



2008



2007



PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2009

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2009, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*Francisco José Fernandes Viamonte Figueira de Sousa
(Escola Secundária Francisco de Holanda 11º ano)*

*Dedicado pelo Autor e Pela Academia
a todos os Nicolinos.*

*Meus irmãos! Atenção! Muito respeito
Por São Nicolau da Academia!
Por ele encho meu cabeludo peito,
Para dizer o que me faz "azia".
Inspirador profeta Nicolau,
Dá-me alento e voz p'ra recitar!
Faz com que não tenha um dia mau
P'ra transmitir o que me 'tás a ditar.*

*Represento toda a "estudantina",
No qu'eu digo hoje não há stress!
Trajo longa capa e uso batina
Que as balas atiradas amortece
Ouviremos já, aqui, e agora
A verdade clara do que se passa,
Deste burgo e dos de lá de fora
Pois ninguém me porá uma mordança!*

*Abram, então, esse vosso ouvido
Pois vou falar desta nossa cidade
Não quero ouvir o mínimo zumbido
Senão cairá o Carmo e a Trindade.
Quando eu conheço um novo amigo
Que este belo burgo desconhece
Sou cicerone e até desligo
Das falhas que a cidade embrutece.*

*Daquilo que os livros me mostraram,
Já pouco ou mesmo nada lá existe.
Novas linhas e rumos inventaram
Mas, a traça triunfante lá persiste.
Pois então caro senhor Presidente,
Agora os chafarizes vão mudar?
O futrica já está impaciente
Sem saber em que lago aterrar.*

*Dali do Multiusos foi mudada
A grande feira do artesanato
A Alameda foi então ocupada
Com muita confusão e aparato.
Capital europeia da cultura
Em dois mil e doze como previsto
Vaticinam o fim para essa altura
Será que pensaram a sério nisto?*

*Segundo aquela Maia profecia,
Não nos deixarão terminar a obra...
Os Maias, Nicolau desconhecia,
E esse a Capital "inteira" cobra.
Mas prenúncios desse fim do mundo
Não faltam por aqui, pois certamente
Não é primeiro, nem sequer segundo
Que cá se viu, neste tempo recente!*

*Mudando agora p'ra nobre assunto
Ouçam todos os que aqui estão,
Fiquem atentos, eu vos pergunto
Quem quer da minha famosa poção?
As belas donzelas que me escutam
Eu pergunto, com "aquele" jeitinho
Será que me ignoram e chutam
Se eu vos pedir um molhado beijinho...*

*Falarei agora do meu orgulho
Que todos os anos vem ao de cima!
Quando te vejo só faço barulho,
Pois tenho-te só amor e estima!
Mandei outra vez calar o Trajano
Pois seria crime deixar de falar
Do nosso querido Vitória este ano,
E do que se anda pr'ai a "cantar".*

*Os "mouros" amargaram outra vez
Para nossa grande felicidade
No estádio da Luz, escuro se fez
Meu povo, mas que grande crueldade!
Estamos sempre presentes Vitória
Prontos para tudo o que há-de vir
Depois de uma má jornada sem glória
O triunfo dos brancos vai surgir!*

Cajuda sai na época brilhante,
Pois com o “chefe” ele se “dava bem”,
Vingada chegou sem nada obstande,
Mas sem brilho já retirou também.
Lá de Estremoz, da zona marmórea
Veio Paulo Sérgio, o fresco treinador
Esperemos que ele leve o Vitória
Ao ceptro da Liga, conquistador.

Uns “Ronaldinhos”, porque não trouxeram?
Que causem interesse em ver jogar,
Com o seguro que lhe fizeram,
Essa gripe não há-de lá chegar...
Tanto dela se fala e cá não chega
Cheira-me a um golpe publicitário
A vida para todos está bem negra
A menos que se seja boticário.

Água, nem sempre foi o seu forte
Dos Vitorianos bons dirigentes
Reabram as piscinas! É o Norte.
O pólo merece! Ficam sorridentes.
Ânimo! Alguém tem que trabalhar
Nesta bela terra adormecida!
Vamos lá! Rápido! Toca a acordar!
As amadoras ganham nova vida.

Desperta inocente, limpa a remela!
Pára de contar a rigor as notas!
Põe silicone como a Manuela,
Faz um branqueamento com'o Portas!
Políticos com dinheiro p'ra dar
Esbanjam nosso “papel” nas campanhas,
Andamos aqui nós a estudar
E eles lá nas suas artimanhas...

Os bancos têm os cofres furados,
Trocós guardo debaixo do colchão,
Os meus bens pessoais não são furtados,
Se me perguntares sei onde estão...
Os fundos que o BPN tinha,
Põem-me verdadeiramente confuso,
Mas onde pára o “guito” da vizinha
Para lhe poder dar um outro uso?

Vejo os mealheiros rebentar
De uma enorme e fácil maneira,
Falcatruas são feitas sem parar
O ladrão goza à sua maneira
Como o roubo na ourivesaria
No centro da cidade de Viana
Por erro no processo, quem diria,
Não passam na “prisá” uma semana!

Será que a Justiça anda cega
E foi tratada no Santa Maria?
Povinho, é preciso dizer chega
À ineptidão do dia a dia!!!
Ser-se sério é “intravenoso”,
Assim tenho orgulho em viver!
Coisas destas põem-me nervoso
Não foi assim que aprendi a ser!

Para ter sucesso, vou estudar
Não tenciono ser um desleixado,
Como o Michael não me irei “drunfar”
Para acabar num funeral deitado
Uma cura espero que encontrem
Os governantes do país estático!
Anda lento como um velho trem
Esqueçam o TGV, não é prático!

O costume varreu-se do País...
E dar voz não é nossa tradição?
A Júlia até me sai do nariz
Hoje já não se faz televisão...
Fazem perguntas e dão as respostas,
Em fantoches transformam entrevistados
É este o jornalismo que tu gostas?
Já vês porque eles são mal-amados?

Até a nossa pobre Manuela,
Que tudo e todos leva à sua frente
Lá tem os argumentos que são dela,
E quem disser que já não os tem mente.
Mesmo assim tendo tantas qualidades,
Não foi capaz de tanto aguentar.
O Jornal que dizia “das liberdades”
Alguém rápido o mandou calar

Alguns dizem que foi obra da pressão
Feita por alguém do executivo,
Mas a verdade direi eu no pregão,
Foi feita promessa ao santo votivo!
Depois de tanta entrevista a rasgar,
Ao falado da Ordem Bastonário,
Teve mesmo de finalmente deixar
A malta em paz, já era necessário

Estou mais calmo, mas enferrujado
Dai-me força grande Baco Sagrado
Hoje parece-me estar abafado
Não me digam que estou engripado.
Mas como ainda minha mãe não chamou
P'ra casa com a família eu jantar,
Vou só molhar a voz pois quase secou,
E 'inda tenho muito p'ra tagarelar!

No antigo governo de Portugal
José Engenheiro perdeu o Norte,
Os pés p'las mãos foram seu grande mal
No afamado caso do Freeport...
Quatro anos deste fraco Governo
Com escândalos para animar!
A crise trouxe-nos este inferno.
Pai Natal! Que me irás ofertar?

A educação esteve mal criada
Com uma tal ministra intocável
A senhora de “Lourdes”, a sagrada
Diz ser isto tudo intolerável!
Pois já nem o Magalhães, o PC,
Anima as crianças estudantes
Tem lá erros que a gente bem vê
Que só os jumentos os davam antes!

*Neste novo conjunto de ministros
Formado p'ra apagar a palermice
Espero não ver mais casos sinistros,
Seja Freeport, ou outra aldrabice!
Dos velhinhos ficaram só os duros,
Ou os que lá mais competentes eram
Os outros pensavam estar seguros,
Mas "vazar" foi o melhor que fizeram!!!*

*Deputados da nova assembleia
Sem medo, nem receio eu vos digo
Se nada fizerdes sereis "fritados"
Com'Afonso fritava o inimigo!
Agora estais na capital do reino,
Eu bem o sei, essa vida é perdição!
Mas vê lá se angarias dinheiro,
Para os custos desta nobre Comissão!*

*Não consigo compreender como é,
Que muita gente ainda não o saiba
Mas p'ra votar é preciso pôr-s'em pé
Faça sol, chuva, granizo ou saraiva!
E vós, ó votante estudantada,
Deixem essa garrafa lá no leito
Mesmo c'uma política cagada
Vota sempre. Ou figado desfeito!*

*Ao Pregão do Bando Escolástico
Pelo menos, já não falta cá gente!
Dos modernos aos bota d'elástico
Todos o ouvem respeitosamente!
E como te tenho por bom ouvinte
Mas minha voz se me vai falseando,
Molharei minha goela com requinte
Que melhor qu'um genérico, vai tratando!*

*Os meus grandes amigos de hoje em dia
Já não querem saber de qualquer rima...
Fico espantado com esta mania,
A fazer versos já ninguém anima
Fumas umas coisas que eu não entendo
Beb'antes esta boa Macieira
Porque se não, ainda te estendo
Aqui na calçada de focinheira!*

*Lá as grandes caves do Bombarral
Nós empolgados fomos visitar
A bebida lá nem nos caiu mal
Bebemos da pipa ainda a curar...
Serviu para aquecermos o motor
Lembrar velhos tempos de Comissão
Áureos e vividos com fervor
Pois ainda hoje assim o são!*

*Este ano, temos umas Maçãzinhas
Com uma antiga participação
Serão mais lanças e mais meninas
Nas janelas a arderem de paixão
Onde todos os velhos estudantes
Terão o grande prazer de lembrar
Aquela força das lanças pujantes
Com fitas e maçãs a ofertar...*

*Hoje é dia de grande festividade
Amanhã é o dia da menina
Há que dar boa continuidade
A esta Academia Nicolina!
O que é que nisto não vos motiva?
Festas cada dia da semana
Há que manter a chama mui viva
Com enorme força sobre-humana!*

*Mas o nicolino muito trabalha...
Pois sem rodas a carroça não anda!
No fim não importa a vil medalha,
Pois o meu coração assim o manda.
Cumprimos bem esta velha tradição
Com muitas ideias inovadoras,
Mas cuidado sem qualquer distorção
E com muito respeito p'las senhoras.*

*Juventude! Quero a trovoada!!!
Ai daquele que se achar bombista!
Malhem nessa caixa bem afinada!
Bombo! Marca o andar do artista!
Força louca que provém da paixão!
Todo o dia em que sou nicolino
Bate-me forte este meu coração
Façam alto soar o nosso hino!!!*

*Por São Nicolau, toda a gente torça
Como fazem p'la nossa Selecção
Mostrem agora toda a vossa força,
Que estremeça Neptuno e Plutão!!!*

João Manuel Santoalha Teixeira e Melo

Tiago Filipe Bragança Borges

02 de Dezembro de 2009





PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2010

*Recitado aos 5 de Dezembro
de 2010, nas ruas e praças
da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*Sebastião André Lima Capela da Silva
(11º ano Liceu de Guimarães)*

*Pelos autores e pela Academia dedicado à
memória da Senhora Aninhas, madrinha dos
estudantes, na passagem dos 150 anos do seu
nascimento e a Domingos Vieira de Freitas.*

*Guimarães! A primeira da nação!
Início do mui antigo pregão!
Nobre povo faz parte com vontade
Das festas mais antigas da cidade!
E que se acabe todo o barulho!
Que ninguém fale, ou encha o bandulho!
A quem o fizer será aplicada
Pena boa: "arraial de paulada"!*

*Ouvi este pregão d' Academia
Que vos dá tudo, menos alergia!
Em muitos sítios informarei
Direi verdade sem fugir à lei!
Pois que assim determina meu Santo
É sua palavra que eu canto!
Por Nicolau nos manteremos firmes,
Nos caminhos planos ou nos íngremes!*

*Sou bom rapaz, pois eu até estudo...
E durante as festas eu, pouco mudo.
Apenas ficam de lado os cadernos,
É que estudar dá dores dos infernos...
Aos estudantes e colegiais,
Guiados por Baco e outros tais
Amantes do que dá sabedoria
Aos que fazem duma pinga alegria*

*Nós que tardiamente nos deitamos
Devido ao muito estudo que manjamos...
No "new MacGordo" vamos ceiar,
As insónias vão dar que falar.
Nem só de pinga vive o estudante
Pois até temos vida desgastante...
Nos últimos meses muito andámos,
P'rás nossas festas bem que trabalhámos!*

*Depois do Pinheiro já lá no alto,
É nas Posses que eu sempre mais salto!
As festas cada vez serão melhores,
Nem que vamos às contas OFF-SHORES.
Amanhã acordo de madrugada
Para a tarde ter a lança aprumada!
Pois quero que a vejas minha donzela,
Que te vou dar algo, na ponta dela!*

*À noitinha no Centro vos aguardo
Minha ânsia é tão grande, quase que ardo...
Que recebam Óscar é o que quero!
Ou pelo menos, assim o espero
Em Hollywood há uma Academia
Aqui só representam nesse dia,
Mas p'ra todos as danças assim são
O melhor espectáculo de diversão!*

*Último dia? É festa à noitinha!
Estou na tua casa à tardinha...
E assim os dois iremos para o Baile,
Eu de gravata e tu com um xaile
E com as roubalheiras não se macem,
No Toural as coisas lá aparecem
Vós ouvireis o nosso "burburi"...
Não deveis temer pela lingerie.*

Declamo com alento e por graça
Sou eu que me faço ouvir na praça
Por entre d'uras muralhas erguidas
Por grandes vitórias conseguidas
Pelo D. Afonso Conquistador
Pelo S. Nicolau meu seguidor
Com a força e alma eu recito
Com algum estilo e gabarito

Agora falemos de ti, ó linda!
Todos queremos saber da Gracinda,
Quer dela, quer da nossa cidade
Pois queremos ver a idealidade!
Este ano está tudo diferente,
Com 2012 'inda na mente...
E, agora, temos que conviver
Com tudo o que esta a acontecer!

Vou falar agora, de um grande mal,
Desta cidade p'ra todos Natal...
Sim! Eles "andem" aí sempre aos magotes
A beberem finos, e alguns "shots"
Por isso não falem caros presentes
E ouçam agora as notícias quentes
Vamos estar atentos neste texto
Pois este Canto não vai ser o sexto

O putto fica de uma maneira
C'a escola Doutor João de Meira
Parece um centro comercial
Todo de vermelho para o Natal
Já na escola Francisco de Holanda
O carro do "profe" não mais anda
A servir de assento lá estavam
Aos povos que por lá se encontravam

Para último ficou o Liceu
Que as remodelações começou
As salas são uns brancos monoblocos
No futuro têm os olhos postos.
Quanto ao ensino está tudo dito!
Isso nesta cidade é mito...
São sempre boas coisas triviais
Para encobrir cenas paranormais!

E assim se constroem edifícios...
Mais um shop para se matarem vícios
"Mirabolástico" e espacial!
Vítreo e com Anjos por sinal!
De lá para cá andam autocarros,
Para meter idosos e chaparros...
Parece o método do PS,
Meter em autocarros quem merece

Assim sempre andamos "de bolina"
Sem ligar ao preço da gasolina
Temos eléctrica mobilidade
Com abastecimento na cidade
Alguns postos irão ser instalados
Junto da câmara já são usados
São as mudanças normais do futuro
E outros andam a saltar o muro

O Padre da vila de S. Torcato
Foi para Fafe trocando de facto
Idêntico ao que aconteceu
O povo na rua apareceu.
Em alvoroço e contestação
Na vila juntou-se a multidão.
O Arcebispo de Braga falou
E o assunto por ali ficou.

P'rá Póvoa é moda emigrar
Para o capacete ir abanar
Montam em Covas outro comum HIT
Tudo ao molho p'ra curtirem o beat!
"Aton sava?" e mudo de desenho,
Para quem está em bom desempenho
Com a forte alma de conquistador,
Garra e público devastador.

O nosso vitorinha estimado
No último jogo, ano passado
Desmaiou, deitou tudo a perder
Mas este ano sei que vai prometer
Temos o Manuel a comandar
Aquela forte equipa a marcar!
Como o Bebe também acreditou
E com o Manchester ele assinou

Na altura do mundial deste ano
De vuvuzela andava o fulano
Barulho infernal não suportado
Na África do Sul foi sediado
A Selecção ficou pelos oitavos
A Federação fez de nós uns parvos
Com os jogadores a resmungar,
Com o caso Queiroz para acabar

Com o falado gay casamento
Estavam na porta do parlamento
Tanta beijoqueira e uns amaços
Abafavam e trocavam os passos
Em Trás-os-Montes, Torre Dona Chama,
Olha a prof! Toda a gente a chama,
Pois para a Playboy decidiu posar,
Pena dos que não pode ensinar

A ortografia vão alterar
Como a brasileira vai ficar
Espetadores vão passar a ver:
"Oi! Tudo jóia?" que lindo vai ser...
Mudasti que grande aberração
Vou fazer um dicionário então!
Com as calinadas que também digo!
Para os exames, esse vai comigo!

Na Madeira azar é preciso ter,
Este ano, foi para esquecer!
Que passe bem rápido o ruim
Deseja Alberto João Jardim!
No comício PSD passado
O povo, que estava cansado,
Numa palmeira todo se apoiou!
Redonda caiu, a todos assustou...

Na TVI a Manéla não fala
Mas ao Marcelo esse ninguém cala!
O negócio PT deu censura
E essa história já satura!
Quando há políticos na t'levisão
Dá curto-circuito e apagão!
Morangos doces já ninguém comenta
Agora é cosquice, mas com pimenta!

TV da Igreja p'ra isso deu
Os segredos em casa nos meteu!
O novo ídolo é João Manzarra
Lá está ele pronto para a farra
E no "Achas que não sabes nadar?"
O Abrunhosa ao fundo foi dar!
Um ano de granel e aparato
Antevéspera do fim do teatro...

Orçamento de estado está falido
Eu por cá fico na mesma cozido...
Em Janeiro gasto algum a mais
Povo! Atenção que de casa sais...
Olha que Sócrates foi ilibado,
Mas p'ra ele roubar não é pecado!
Para o ano esconde a carteira
Debaixo da pia ou da traveseira...

Mas não se fale só em dinheiro
Nem do nosso, nem do estrangeiro!
Pois cá a República fez cem anos,
As varandas encheram-se de panos.
Algum do povo quis ver mais de perto
Dom Duarte percorrendo o deserto.
Agora estão aí as eleições,
Querem um rei, até aos tropeções.

Rei havia no tempo da saudosa
Senhora Aninhas, madrinha zelosa!
A quem hoje prestamos homenagem
P'la dedicação e camaradagem!
Há cento e cinquenta anos nascia
Alma que os estudantes protegia!
Hoje a nossa geração não esquece,
Velha tradição que não esmorece!

Assim ficou bem claro nesta urbe:
Não há nada que à Comissão perturbe!
Pro ano estaremos novamente.
Trazendo novas a tod'esta gente!
Hoje as Festas estão pela metade
E começa já a surgir saudade...
Amanhã inda te verei na festa
Só precisas de dois dedos de testa!

Agora agarrem-se ao instrumento!
Mostrem a todos o seu portento!
Toquem vós, ou peçam-lhes amparo!
Do bombo elas gostam, eu bem reparo...
Daqui vamos em cortejo alado,
Pois o "serviço" está acabado!
Para a frente seguimos com mui força
Nem qu'o pau se parta ou a pele torça!

É pois então o fim anunciado...
São Nicolau seja sempre louvado!
Dai agora a última batucada,
Para por todos ser bem escutada!

Legati constituiti per sanctum Nicholaum,

João Manuel Santoalha Teixeira e Melo
Tiago F. Bragança Borges

Algures neste rectângulo, Novembro de 2010





2009



2009



2010



2010



2010



2009



PREGÃO DA ACADEMIA VIMARANENSE 2011 EM HONRA A S. NICOLAU

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2011,
nas ruas e praças da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*André Filipe Lemos Mendes
(11º ano Francisco de Holanda)*

*Pelos autores e pela academia dedicado à memória
de Jaime Manuel Santos da Costa Sampaio,
juiz da Irmandade de S. Nicolau,
Pregoeiro em 1955, grande homem
e grande Nicolino.*

*Acordai já, ó milenares vultos!
Ó Guimarães! Berço duma nação
Tu que és cidade de homens cultos
Escuta hoje o antigo Pregão!
Estas palavras honrosas do Santo,
Eu sou apenas o seu emitente
Anuncio aqui com o meu canto
A voz do estudante bem ciente*

*Pois é o próprio São Nicolau
O pretexto do nosso festival
Que nos dá força no bom e no mau
Dia, cada um é especial.
Até quando declamo à varanda
Rodeado deste sublime paço,
Fantástico. A alegria manda
E com ela ando nisto que faço.*

*Que ninguém zombe deste estudante
Quem com dolo fale será julgado,
Enquanto pregoo é importante
Tudo mudo e assunto falado
Se não ao tanque de cabeça vais
Que nem te apercebes desse mergulho
Amigo tenta ser um pouco mais
Deixa de lado esse teu orgulho*

*Deus Baco nos concederá o dom
Ao Olimpo pedimos nossa graça
Cá em baixo não está de bom tom
Que monte uma nuvem e venha á praça
Alegrar este conquistador povo
Que ruma, no leme a incerteza
Ainda assim dotados como um corvo
E com fúria da mãe natureza*

*Aos deuses peço todo o meu amparo
Para cumprir minha nobre missão!
Pois tudo terá de sair bem claro,
P'ra tal gastarei o meu vozeirão.
Sintonizem-se, liguem a antena
Que todos me ouçam, com respeitinho
A prosa literária moderna,
Que vai iniciar num instantinho!*

*Começarei por vós, as minhas belas,
Sentido das festas e desta vida,
Vagueio por uns becos e ruelas
Em vossa procura, minha bebida
Matais-me à sede, até à fome
'Té o corpo muda quando vos vejo
E todo o medo logo se some!
Assim cresceu por ti o meu desejo*

*Para vós, ó delicadas meninas,
É que se faz esta celebração
Chamem-se binas, ninas, até quinas
Tereis como sempre a minha atenção
Já no alto está meu lindo mastro
As posses e o magusto já fiz
Hoje aqui no Pregão eu sou o astro
E nas Maçãzinhas vou ser feliz*

*No mesmo dia, já pela noitinha,
Vão ter lugar as desejadas danças
Dia sete no baile serás minha
Não me acabes com as esperanças...
Nas roubalheiras essas p'la calada
Pegamos nas coisas sem qualquer mal
Já de manhã é galhofa pegada
A rirmo-nos daquele estendal.*

*Passarei por agora a divulgar,
Notícias boas e más da urbe.
Ao país e mundo irei chegar,
Não existe nada que me perturbe!
Tal como disse o alegre poeta
E relato: "A mim ninguém me cala!"
Mas pelo andar da camioneta
Tenho de ir afinar esta fala...*

*Magalhães, vais devolver a reforma,
Que ao teu salário acumulaste
Do tribunal a sentença retorna
É hora de entregar o que levaste!
Sabes que ao político não perdoa
Essa reforma cá faz falta ao povo
A Cristina leva-nos soma boa
Ao do Serra temeste ver de novo.*

*Nesta fundação com nomes mui nobres
Houve mudanças lá de presidente
O que nos vale é que não somos pobres
Constrói-se para trás e para a frente
E agora a música será nova?!
Ou é vira o disco e toca a mesma?
Ganhar e não fazer nem uma ova
Faz da nossa cidade uma lesma*

*Se depressa não anda, vou á serra
E vê-de lá, porque já vou azedo!
Não gosto que gozem cá com a terra
Para ir á fuça não tenho medo
Agora, andarão todos na linha
Pois vos hei-de estar sempre a acompanhar
Quem por uma vez fez nada nadinha
Força pois que trabalhem a dobrar!*

*Mas da nossa europeia capital
Não há só más notícias meu povo
Um exemplo é o nosso Toural
Que já começa a aparentar a novo
Á Alameda agora cheira a bosques
Terei medo de lá ir pela noite
Quando por lá passares dá de frosques
Pois se te apanham levas um açoite*

*Porém temos uma nova calçada
Em alguns sítios do nosso berço
A rua estava engarrafada
Encontram-se melhores vos confesso
Ficarás de cara limpa, cidade!
Tu que tens muito de bela e de linda,
De casas com rústica qualidade
Ruas que pedem renovada vinda*

*Os turistas cá nos vão visitando
Com os "mptrezes" nos ouvidos
Do centro ao castelo vão caminhando
Não conseguem passar despercebidos
Deliciada fica a maioria
Aparecem numa cidade nova
Mais arejada, com categoria
Resultado de nos porem á prova*

*Dois novos hotéis vão aparecer
Para o visitante pernoitar
E, assim como, fizeram crescer
Para duas vias a circular.
No Clube Industrial houve tiro
Em Pevidém atirou-se ao pombo
A estrada levou um novo giro
O campeonato serviu de rombo*

*A Conceição recente foi pintada
Com estrelas, nuvens e corações
Decorada pela Ágatha Prada
Uns gostam outros não, opiniões...
As Secundárias estão mudadas
P'ra melhor, com novas instalações
As crianças ficaram animadas
Para subirem os seus escalões.*

*Neste ano fecharam seis escolas
Primárias eram, mas com alunos!
Que agora carregam umas sacolas
Nas viagens nos "buses" nocturnos...
Já os livros, esses que tanto custam
Ao colega do ano que passou
Peçam-lhe. O papá já não assustam
Com a conta que por eles pagou*

*A família junta uns trocados
Na horta arranjam um terrenozinho
Para ir plantando aos bocados
As hortaliças para o jantarzinho
As sextas poderão passar na feira
Bem arranjada junta do mercado
Ficaram os dois lá mesmo á beira
Olhem, para mim, foi bem apostado*

*Do Campo de São Mamede saíram,
Onde duas mil e doze crianças
Um logótipo humano completaram
Um coração cheio de esperanças
De parabéns está o nosso Rei
Pois novecentos anos comemora
Aqui nasceu Portugal, eu bem sei
Pegou nas armas e rumou sul fora*

*O percurso da marcha avançou
Por ruas diferentes do passado
Com dez carros este ano começou
Bem decorados, tudo animado.
Cá o jazz festeja vinte anos
Em Guimarães Capital Europeia
Vamos ver boa música meus manos
Será a nossa boa panaceaia*

*Ó meu Vitórinha, meu grande amado
O passado? Já se foi, deixa lá!
Um bom futuro é-te esperado
No D. Afonso ninguém passará!
Só em ti estamos esperanchados
Pois, essencial é ter muita calma
Na liga Europa fomos arrumados
Mas tu sempre estarás na nossa alma.*

*Machado resolveu-se ir embora
Pois já estava debaixo de fogo
De Paços veio outro sem demora
Ó Rui! Vitória em cada jogo!
No primeiro treino teve azar
Tanta paixão que deu em pancada
Um abanão era preciso dar
Agora vençam a cada jornada.*

*Há quem diga: "é sempre para o ano".
Começamos cheios de ambição
Vemos o Vitória por um cano
Pois o que estraga é esta gestão
A nós ninguém nos tenta enganar
Para mim não percebem nada disto
Andam lá a ver o tempo passar
Mas o clube é nosso, não desisto!*

*A galope ando pela cidade
Na companhia de S. Nicolau.
Rezo o Pregão já desde a antiguidade
Do tempo que Salazar fora mau
Acabou-se a Socrática catástrofe
Com seu ar de fingida juventude.
Sonsice era dele a cada estrofe
Vamos esperar que agora mude.*

*Avulte alguém sério e sem sarno
Que honre o seu estado, corajoso!
Com o Coelho agora no governo
Rezo só que não ande lá por gozo.
Foi Sócrates do lugar timoneiro
Enquanto afundava nosso barco,
Temos troiça a fazer de torpedeiro
Não duvidem: cá estamos no charco!*

*Nas finanças dinheiro fez sumiço
E hora de apurar os responsáveis.
O povo a ficar sem o cortiço,
Pra saciar uns tais incensuráveis
Condenaram a nova geração!
Com dolo andaram a dirigir
E renegaram pública missão
Da República secular servir.*

*É do regime o velho costume
Crer inesgotável a caldeirada
E seguir neste maldito cardume
A comer o povo de cebolada
Que segue calado e sem queixume,
Das eleições a vontade ditada!
Mandaram o nobre país às lonas
Precisamos da ajuda da troikada.*

*O FMI veio a Portugal
Agora o credor está á espreita.
Esperemos que nada corra mal
É ver se a Europa se endireita!
A Grécia pr'a férias mudada
Vai o alemão mandar para Mykonos,
Um sonho de quem em dinheiro nada:
Ir à sul colónia banhar os cornos!*

*Ao domingo o shopping está pejado
Mas só lá vão se for em digressão
Actualmente gastar é tramado
Muita gente vive sob pressão
O cinto não nos pára de apertar
Agora deixarão de existir pontes,
O teu salário vão aparar,
Cuidado! É bom que te aguentes.*

*Já lá vai do santo o feriado,
Em escalada é o desemprego
Acabou Natal subsidiado
Vem acelerado o desassossego
Há quem vá pr'a cama sem ter jantado
Das mãos foram-se pesados anéis
Por esta corrupção infectado
Apontam-nos pelo dedo das leis*

*Não se vai lá mais com este sistema
Que roubou às classes mediania
O regabofe deixou a celeuma,
Substitui-a "partidocracia"
Foi sonho a União Europeia
Da esperança apagou-se a chama
É sina, a austera epopeia
É por alívio que esta voz clama!*

*O estrangeiro ajusta o calote
E nós cá nos vamos aguentando
O governo manda com mão de forte
Em apuros seguimos caminhando
A nossa nação, sei que é valente!
Nobre povo, somos heróis do mar!
Há que levar essa ideia avante
Com força de quem só tem a ganhar*

*Que não se culpe a primavera Árabe,
Os mercados da actual conjuntura
O futuro o que trará ninguém sabe.
Cá aguentamos a sinacura
Da crise vendida como remédio
Capital Europeia da Cultura
Epopeia para acabar o tédio
Será bala que nosso saco fura*

*Na Líbia houve a revolução
Foi assim que o sistema cedeu
Lá, festejam com os tiros que dão
O poderoso Kadhafi morreu
Quis financiar nos anos noventa
A independência dos Açores
Era lindo um tabefe na benta
Sairia de lá com os calores*

*À Madeira a crise lá aportou
Para poder avançar com a obra,
No entanto Jardim continuou
Mas a dívida virou uma sogra
É o país que temos. Solução?
É aguentar até estourar
Nós vamos cumprindo a tradição
Que ainda muito tem para dar*

*É a academia quem hoje manda
E para que outros possam ouvir
A mensagem que canto á varanda
Para outras bandas vamos seguir
Empurrem esse coche, vamos! Siga!
Levantem a baqueta ao meu sinal
Continuando esta festa antiga
Ajam direito o toque magistral*

*Façam entoar essas maçanetas
Deixem esses vossos hábitos bambos
Ergam subido as vossas baquetas
Zurzamos bem alto: nós não pagamos!
Prefiro investir em outros ramos
Como pr'a esta festa se manter
E para aquilo que mais desejamos
Vinho que a muitos dá de comer*

*Dessas caixas e bombos à mistura
Com alegria sentida nas gentes
À Europa mostrem a nossa altura
Com força somos grandes, possantes!
Por Nicolau e em santo festejo
Que o mundo ouça o nosso som
Mas com toque certinho no cortejo
Rufem nas peles das caixas "atom"!*

*Venha o trovão e a tempestade
Serão aparados pelas baquetas
Deste toque ireis sentir saudade
Tal como do traçar das capas pretas
O caminho do tempo tudo leva
Não tarda, agarrados às sebentas,
Lembrareis os amigos desta seiva.
Agora abalroai às arreventas!*

*E tu aí ó jovem Nicolino...
Açoita nessas peles! Zás trás pás!
Mostra-me aquilo de que és capaz.
Façam da bravura nosso destino,
Siga o Pregão em total desatino!*

Legatul constituit lanctum Nicholaum,

*João Manuel Santoalha Teixeira e Melo
Tiago Bragança Borges
Tiago Vieira Laranjeiro*

Algures neste rectângulo, Novembro de 2011





**PREGÃO DA ACADEMIA
VIMARANENSE 2012
EM HONRA A S. NICOLAU**

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2012,
nas ruas e praças da cidade de Guimarães
pelo Jovem Nicolino:*

*Francisco Luis Capela Guise
(12º ano Francisco de Holanda)*

*Dedicado pelos autores e pela academia, aos
350 anos de festa e a todos os nicolinos.*

* * * * *

*Ó Guimarães! Cidade da Cultura.
Capital Europeia memorável,
A teus pés, ontem reis em curvatura
Hoje tua fama é incontornável!
A fama que ultrapassa fronteiras,
E aperta o coração dos teus filhos,
Quando cá, ou em terras estrangeiras,
Em seu pensamento só estão teus trilhios!*

*O Vimaranense sente a paixão
E o costume que é titular,
Vamos honrar mui nobre tradição
Como estas festas pra memorar.
Agora quero-vos silenciosos!
Não quero escutar um único som!
Pois os meus versos são sentenciosos,
A verdade, de São Nicolau é dom!*

*Ó Zé Povinho, traz mais desse vinho
Para poder fazer a minha festa,
O grande Deus Baco é meu vizinho,
Os três juntos, damos conta da besta.
Com a força dos Deuses e dos Santos
Canto o nosso Pregão dos estudantes,
Em honra à cidade são estes cantos
E a todos os intervenientes.*

*Mas só o Santo Nicolau inspira
Este actual bando escolástico.
Futricas, tenho-vos na minha mira,
Não estraguem este dia fantástico.
Porque hoje eu ataco caixeiros
Que ousem meter-se nas festas nossas;
São dos estudantes, ponham-se finos
Porque ao chafariz vão e são só mossas.*

*Tanto nas festas como nos estudos
Tenho orgulho em ser estudante.
Sei que caminhamos para graúdos
Com um grupo de livros na estante,
Uma equipa de amigas nas ramas
Para poder recitar meus poemas,
Galanteios e gracejos às damas
Com meu amor para dar às centenas.*

*A cerimónia inaugural,
Está no levantamento do mastro
Ou bandeira das festas natural,
É o Pinheiro com grande canastro.
Seguindo as Posses e o Magusto,
E, mantendo o nome original
O Pregão que não é nada vetusto,
João Sarmento foi primordial.*

*Também vos espero nas Maçazinhas
Com as minhas maçãs rubicundas,
Ou pomos d'amor, minhas princesinhas
Para vos ofertar com umas prendas,
Uns bolos e lourejantes castanhas
No cortejo mais antigo das festas,
Efectivá-las, são nossas façanhas,
E a deste ano é nossa, é esta!*

*Mas o mais antigo é o das Danças
Já vem desde o século dezassete,
Comédias, folias e festanças.
Disseram-me que este ano promete.
Mas tudo com as Novenas começa
Naquela ermida realizada,
Antigamente era feita a peça
Pelos clérigos da Colegiada.*

*Dantes as tabuletas raptavam
Nas Roubalheiras sem um dia certo,
Que as imprensas locais condenavam,
Foi ao longo destes anos incerto.
As festas com Danças encerrarão,
Mas só por enquanto, meus camaradas,
Para o ano em força voltarão
Prontos para mais umas garraíadas.*

*Vou caminhando pela nossa urbe,
Nesta herdade de vimaranenses,
Com a hospedagem que nos incumbe,
Com belos e históricos pertences.
Nas lutas pela independência,
Temos um Castelo que ajudou
Que D. Muma fundou com clemência.
Cujo mosteiro também protegeu,*

*De vila a cidade foi erguida
Pela Rainha Maria Segunda,
Como Boa Mãe era conhecida.
Em época de mudança profunda
Tempos em que o pouco era tudo
E que mudaram a sociedade.
Mas hoje as pessoas orgulham-se
Desta bela urbe que habitamos.*

* * * * *

Foi inaugurada a Capital,
Em Janeiro com a Fura Del Baus,
Atestado estava o Tournal
Cheio de surpresas foi o sarau.
Também o Cavaco e o Barroso
Estiveram nas nossas funçanatas,
Acompanhada pelo animoso
Grupo teatral de marionetas.

Foram emitidas meio milhão
De moedas da Capital este ano,
Do Centro Histórico também farão
Pra espalhar além do oceano.
Como o amor que temos p'la cidade,
Em pôr cadeados no varandim
Tournal antigo só deixa saudade,
Vendo obra de arte de São Valentim...

O chafariz pró Tournal foi mudado
Está de volta ao local antigo
N'Alameda está o outro situado
Da "Rosinha", Magalhães foi amigo.
A eleição da Comissão presente
Este ano já foi lá realizada,
Com um número impressionante,
Veio em peso a estudantada.

No Mercado puseram a cultura,
A máxima obra da Capital,
Ganhou um prémio de arquitectura
E Plataforma dos dons afinal...
Igualmente, a Casa da Memória
Vamos ter o prazer de visitar
É preciso dar valor á história
Para mais tarde a podermos contar.

Assim como o Teatro Jordão
Um curso teatral abrirá
Vão ser só artistas aqui então
Que esta Capital descobrirá.
Foi reabilitado o ribeirinho
Da Costa, ou melhor, Zona de Couros,
Da Serra da Penha faz o caminho
Onde passam os desaguadouros.

Os chafarizes tinham esplanadas
Para o povo se poder refrescar
Não há vento norte às rajadas
Mas há sol e papo para o ar.
No "trás trás" onde eu trocava o passo
Surge igreja espiritual
Ou eu bebo ou rezo o que faço?
Saímos á rua em ritual.

A tradição e a modernidade
Estiveram nas Gualterianas,
E para o povo comer à vontade
Vieram as Feiras "Afonšanas".
Apareceram farturas no Paço,
Para criar impacto, mas fingido,
Contudo lá ficou bem o espaço
Fica aquilo menos aborrecido.

Algumas ruas nestas freguesias
Ficaram sem iluminação pública
E também perderam categorias
Com o mapa cor-de-rosa em prática,
Foi ver como elas foram reduzidas.
Tal como o orçamento do Vitória,
Mas estamos de cabeças erguidas
Lembrando que temos uma história!

O Pevidém tem lá nova escola
Com campo sintético como novo,
O Milan emprestou a camisola
E eles suam-na a cada jogo.
O Moreirense vai de vento em popa
Temos duas equipas na primeira.
Cá no futebol é que ninguém poupa
É preciso uma fortuna Feteira,

Os sócios ajudam com as verbas
Numa equipa em parte renovada,
Agora tem lá calma, nem tanto fervas,
Temos é que incentivar a cambada.
Também homenageou os atletas
Que foram campeões nacionais
Mas pretendam sempre melhores metas
Aos outros não queremos ser iguais.

A Dulce Felix ganhou o ouro
Nos dez mil metros em atletismo,
No campeonato suou o couro
Isto sim são actos de heroísmo.
A "sport city" vai aparecer,
Em cujo terreno irá pagar
Quatro vezes mais do que ia ser,
Com novos eventos para agendar.

* * * * *

A bandeira esteve ao contrario,
Ou somos nós? É preciso pensar!
O país precisa de um fraldário
Parece que estamos a minuar.
É preciso acabar com clichés,
Um ponto final neste mecanismo,
Acabar com carrões aos pontapés
Deixem de pensar no materialismo!

A nossa seleção vai jogar fora
E instalam-se nos melhores hotéis.
O povo é que paga... então bora...
Tórceer até ao fim, sempre fiéis!
Depois não têm décimo terceiro
É muito mês para pouco sustento,
Com o mínimo só um feiticeiro
E aumenta o crime violento!

Ó Rei D. Afonso, anda ver isto!
Tu o Primeiro que fundaste o Reino
Está muito doente, com um quisto,
Este país, serventia de treino
Da senhora Merkel e desta Troika
Impõem austeridade, impostos,
E cortes nesta vida já estóica,
Não acaba bem! Tamos indispostos!

As letras nas muralhas do Tournal
Espero nunca ver, mesmo a sério,
Porem: "aqui existiu Portugal",
Seria pois o fim do hemisfério.
Promessas são para as calendas gregas
Mas o povo é sempre quem ordena
Só não ponham isto em lavaredas
Perde-se razão sem mente serena...

Por cá existem dois tipos de crimes
Colarinho branco e criminosos
Estes são os que não saem impunes
Os outros são os tais de poderosos.
Como o Duarte e a companhia
Com a fraude multimilionária
Que do BPN desaparecia
Ficou somente em domiciliária.

Mas o governo aos bancos opta dar
Em vez de ser ao povo quem granjeia
Quem trabalhou para o país andar
Arriscam e tentam um pé-de-meia.
Já o Sócrates desapareceu
Foi viver pra França com a família,
E o TGV onde está? Morreu?!...
Mandou-o pagar sem qualquer quezília.

O ministro Relvas com apressada
E serôdia licenciatura,
A academia era maçada
Tendo abreviado a tortura.
Pra quê aprender o que já sabia?
Eu tenho profs que me avaliam!
Mas ele de tudo já percebia
Tinha professores que nem o viam.

Mas uma pergunta quero fazer:
Porque é que não podem os políticos
Ter uma reforma normal de ser,
Com a mesma idade destes civicos?
É tempo de acabar com esses luxos
Carrinho para este e para aquele,
Motura e ordenados chorudos
Até o povinho ficar sem ele...

Com o Governo consta que está
Franco-maçonaria de mão dada,
Políticos e assessores lá
Nas secretas para dar a banhada.
Mas Passos no "face" está calado,
O Cavaco é campeão dos "gostos",
O Francisco Louçã passa o fado
Para outro combater os opositos.

A EDP por chineses comprada,
É a porta da China pro planeta,
Mas cá já detinham uma morada
Olhem as lojas em cada praca.
A luz está com os olhos em bico
Estamos atentos ao crescimento,
Já fomos invadidos é verídico
Vamos trabalhar para o orçamento.

O canal público foi limitado
Pois existe quem não possa pagar
Por um serviço que seria dado
O TDT tivemos que comprar,
E não chega a todo o nosso país.
Com o canal dois queriam findar
Isto tem sentido, alguém me diz?
E o um para concessionar...

Está bem... Agora que acabou
A saga morango-brutalidade
Vieram segredos, ninguém mudou,
Com mais propostas que na faculdade.
Ainda vamos à lua um dia,
Já partiu o primeiro foguetão,
Privativo, se alguém o diria,
Como isto anda siga então.

Eu não quero pagar pelo injusto,
Hoje a vida é uma incerteza,
Qualquer dia pra respirar tem custo,
Se não, reparem em nossa proeza:
Nós que conquistamos e descobrimos
Os mares nunca antes navegados,
Acabar com tudo, nós conseguimos,
Agora só restam os naufragados.

Cedemos um país desiludido
E a pátria desmoralizada,
A um poder alemão corroído,
Estamos enfiados numa ulhada.
Nós conquistamos, agora governem;
Esta Europa consta malfadada,
Agora peço que não arruinem
Mais do que esta grande chamuscada.

Mas dos fracos não reza a história
E tristezas não irão pagar dívidas,
O povo português, sei que tem glória,
E não precisa dum toque de midas.
Há muito lobo com pele de cordeiro
Neste país que é uma nação,
Há de chegar o dia derradeiro
De mandar esta tropa pra Plutão.

* * * * *
Estudantes tomem vossos escudos!
Armas em punho, prontas, ao ataque!
Quero mesmo ainda que ouçam os surdos,
Este compasso marcado p'lo baque.
Partamos então em nobre cortejo,
Levando ao mundo o nosso Pregão,
Pois é de São Nicolau o desejo
Que não falhe a força nem a devoção!

Caí na pele! Deixem rebentar!
Já que o fim do mundo está à porta,
A todo o universo fazei soar,
Que Guimarães não é cidade morta!
Quero agora peles em ferimento,
Bombos que vibram com o coração,
Que o som se afaste bem barulhento,
Capaz de fazer a ressurreição!

* * * * *
"Vós, carcaças, cozinheiras, etcetra,
Tomai esta lembrança ao pé da letra:
Queremos que folgueis a vosso modo;
Queremos ver folgar o mundo todo;
Que, quando Guimarães ri prazenteiro,
Sorrir deve também o Orbe inteiro."
F. Martins Sarmiento, 1854.

In nomine Divinae Academiae,
Regatul constituit Sanctum Nicholaum.

João Manuel Santoalha Teixeira e Melo,
Tiago Bragança Borges.

V de Dezembro de MMXII.
"A um passo do fim do mundo."





2011



2012



2011



2012



2012



PREGÃO DE S. NICOLAU DA ACADEMIA VIMARANENSE

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2013,
pelo estudante:*

Pedro Manuel Aarão Leite

(12º ano Liceu de Guimarães)

*Dedicado pelos autores e pela academia,
a toda a comunidade Nicolina*

* * * * *

*Nobre nação! Insigne Guimarães!
Berço pátrio, capital do mundo,
De teu ventre guerreiros, suas mães
Tiveram sempre valor mais profundo!
Hoje, neste dia santificado!
Ouça-se pelas ruas e nas praças,
A palavra do Santo consagrado
Em estudantis virtudes e graças!*

*Nobre nação! Insigne Guimarães!
Acorda agora e abre o ouvido!
Recito o que vedes nesses papéis
Aqui neste pregão não há segredo!
Honro São Nicolau e a cidade,
E invoco os Deuses lá em cima
Para me darem a virilidade
Nesta calcorreada Nicolina.*

*O Pregão está na praça do burgo
Ao termo de mil curiosidades
Em anseios abafados, divulgo
Todas as diabruras e maldades,
Todas as subtilezas políticas,
Sob uma tensão e uns arrepios
Contarei crónicas extragalácticas,
Algumas histórias e delírios,*

*A todos estes espectadores,
Porque espetadores cá não há,
Nem choricas, maricas ou piores,
Futricas, não vos quero ver por cá!
Quero ver o povo vimaranense
E os estudantes num bom cortejo,
Esta festa à cidade pertence
Mas chegará além do Alentejo.*

*Rapaziada, a lei Nicolau
Vulgariza hoje e neste dia,
Sentença pesada como um calhau
Ao estudante amigo da folia,
Nesta Vimara Peres que é única,
Pois tem muito mais valor Guimarães
Com esta nossa fortaleza lávica,
Do que esses tais intrusos alemães.*

*Um dia recitarei do castelo
As boas novas da nossa cidade,
Que com a robustez de um cutelo
Traz toda aquela terrível verdade,
Como se por cima de nós pairasse
Uma grande lâmina em moção
Gingando de tombar que num impasse,
Nos deixaria sem respiração.*

*Vigorosas muralhas que se erguem
Com este castelo que nos protege,
São os conquistadores que nos seguem,
É este condado que o povo elege,
É Vimaranes, a Cidade Berço,
Centro Portucalense do Condado,
Com Dom Afonso Primeiro expeço
Conquistador! Primeiro coroador!*

*Uma forte muralha foi montada,
Neste burgo que dá gosto ser filho
Guimarães, nunca foste derrotada,
Entre bastante história e milho.
Para sempre serei teu companheiro
Vê em mim um amigo para a vida,
Sim! És conhecida no mundo inteiro,
Daqui não verás a minha partida,*

*Porque em cada rua, e na vielas
Sente-se o nosso rústico bairrismo,
Desta maneira que estou à janela
Preparado pra provocar um sismo!
Faço destas rimas baquetas, caixas,
Bombos, bombas que estremecem o chão,
Façam uma fogueira, tragam achas
Porque hoje, é o dia do Pregão!*

*Santo Nicolau, peço tua bênção
Nesta nossa jornada de Novenas,
Hoje é para ti a minha atenção
E para as meninas, minhas pequenas,
Gosto de vos ver por cá, sempre lindas,
Enquanto vou cantando poesias,
Inabalável o toque de midas
Numas persistentes sinestésias.*

* * * * *

*"Allez" Vitória, és grande e único
Desde vinte e dois a fazer história,
Fundado por um grupo académico
Conquistamos a taça e a glória,
Tanto no futebol como no basquete
E no vôlei chegamos à final,
Este ano promete outro banquete
Deste nosso grémio sem igual!*

Emblema inspirado neste Rei
Fundador do Reino de Portugal,
Dom Afonso Henriques, eu bem sei,
É o atributo primordial,
Com as cores, branca e preta só,
Claro... É um clube sem semelhança,
Os nossos cachecóis não têm pó,
Em todo o lado fazemos festança.

Assim como o tenista João Sousa
Após vitória no ATP,
Em Kuala Lumpur suou sua blusa
E sem quaisquer apoios, mas porquê?
Depois da cultura, veio o desporto,
Dois anos de capitais europeias,
A primeira ia dando pró torto,
No recente logo não teve ameias.

Porém foi como a melhor distinguida
A Cidade Europeia do Desporto,
Pela Federação atribuída
Condecoração pra nosso conforto.
Em concorrência com outras nove
Cidades que também detêm o título,
Mas nós é que ganhamos o que houve
Com desporto pra todos no currículo.

Já o PS com ou sem um programa
Lá ganhou outra vez com maioria,
Mas não façam drama, já tinha a fama,
Que a Coligação nunca teria.
Contudo ninguém esteve acabrunhado
Na luta pela nossa capital,
Agora o ex-edil foi nomeado
Prese da assembleia municipal.

* * * * *

Cuidado! Há yankees à escuta,
Espiam governos da orbe inteira,
Somos arremessados para a luta
Para que a verdade seja a primeira.
Com o Snowden a denunciar
As escutas americanas,
Onde é que isto vai parar?
No meio de tantas chicanas.

Chegaram à Síria as armas químicas
Matam em massa e tudo veloz,
Sustentam as potências económicas
Com bombas esmeradas entre nós.
Inventaram o fim da nossa espécie,
É a guerra por outros meios tosco,
Um comércio... Quase me esqueci,
Obama: não há química conosco.

Agora a Merkel e esse Draghi
Estipulam o nosso orçamento,
Quero-vos longe e fora daqui,
Nem adianta ter um argumento
Do "shôr" Portas ou mesmo de Seguro,
Pois a estratégia alemã
É aguentar o euro bem duro
E a plutocracia de amanhã.

Não vos darei palmadinhas nas costas,
Em vós irei pintar um bigodinho,
Digo-vos que são todos umas roscas, (bostas)
Não sigo mais esse vosso caminho.
Estou farto da nossa pequenez,
Farto de que mandem no meu país,
Desta política de mesquinhez
E que aqui metam o vosso nariz.

Depois de Relvas e Vítor Gaspar
Deste vigente Governo saírem,
Portas também planeava zarpar
Pra um fim e uma queda advirem.
Mas a demissão durou pouco tempo
Pois cedo decidiu voltar à carga,
Ao fim de três tretas entrou em campo
Cum ponto final em toda a intriga.

Passos não me acredites distraído,
Estou só a analisar a questão...
Mas quando estiver esclarecido,
Não passará único aldrabão!
Agora atenta no que vou dizer,
Pois quando eu falo represento o povo,
Que está já farto de ter de escolher
Se ficar cá ou imigrar de novo!

Sabiam que Paulo Portas falou
Com o Woody Allen para fazer
Um filme? Pois não se realizou,
Faltava cacau para acontecer...
Em territórios de Portugal?
Bom de mais pra verdade poder ser.
Toda a gente faz filmes no geral
Para o fim do mês conseguirem ver.

Sua primeira película foi:
"Take the Money and run", à letra
Pega na gaita e corre, é "caubói",
Mas por estas terras isso é treta...
Com estes consecutivos aumentos
Disto e daquilo que se consome,
Só amplia o cabo dos tormentos,
O materialismo que nos come.

Este governo e oposição
São duas metades do mesmo zero,
Ao povo só levam desilusão
E até os feriados ao clero.
Só vêm buscar o que nunca foi teu...
Como há impostos mesmo pra tudo,
Tanta oblação e um lugar no céu?
Respostas?! Vejo-as por um canudo!

Tudo se resvalou no sorvedouro
Da eternidade, jovens e velhos,
Mulheres e homens suam o couro
Substituídos por aparelhos.
Todos detêm um limite até
Onde resiste pobre coração,
Mantem-te sempre firme e de pé,
Encontra a solução na distinção.

Alguns dizem não há crise, não eu,
Declaro não à crise meus amigos,
Os jovens querem andar no laréu,
Nem leem os títulos nem os livros.
Fazem manifestos por aí fora,
Em vez disso podiam fazer filhos,
Subia a demografia na hora
E seriam traçados novos trilhos.

Aumentavam os profs contratados
Porque os alunos são cada vez menos,
Os pais podiam ser estimulados
Para porem cá fora mais pequenos.
Até o recente Papa Francisco
Abençoava as jovens criaturas,
Cum chuveisco que fazia corisco
Para fazerem novas diabruras.

Pô-los a aprender inglês na primária
Nuno Crato tornou inevitável,
Pois agora, é uma lotaria
Quem detém um diploma descartável.
O grau de bacharel, poucos atinge.
Já na função pública aumentaram
As quarenta horas que o povo tinge,
Igal ao privado eles ficaram. . .

Mas inda ninguém pode despedir
E com eles não existe patrão,
Nos guichets são poucos a bulir
Só lhes falta o cadeirão então.
Pois têm mais regalias que os privados
Aumentam cinco horas e milhões
Diz o Estado que serão poupados,
Tudo pelos zeros e uns cifrões.

* * * * *

Efebos, avante! Siga a passada,
Trilhai esta estrada com ardor,
Pelos anos de festança pesada
E plo dia do apregoador. . .
Espadas fazem forma de baqueta
Irão ditar o compasso certinho,
Afiadas como uma baioneta,
Vamos então seguir nosso caminho.

Caixas como armas à vossa cinta,
Vistam as blindas e varas em punho,
Nesta preclara tarde, nesta quinta,
Não pode existir nenhum gatafunho.
Já foi lançada há muito a fogueta
E o Pinheiro no ar bem erguido,
Dando o início à nossa festa
Toquem bem para sentir o ruído.

Ficou tudo de pernas para o ar
Hoje não há benesses nem pó talco,
Santidades caíram do altar
Quando me ouviram falar mais alto.
Porra! São as Nicolinas carago!
Tudo rebenta numa explosão
À minha passagem tudo estrago,
Para fazer das tripas coração.

Que venham então os Deuses à terra
Ver este nosso soberbo espectáculo,
Preparem-se pois agora pra guerra
E prás chapadas com o meu tentáculo.
Hoje sai daqui a voz da nação
O discurso é meu sou eu quem manda,
Fustigo com a força de um trovão
Porque no fim da festa ninguém anda.

Soldados de Minerva estão prontos?
Deixem os instrumentos sem restauro,
Entrem em acção pois somos milhentos
Com a força bruta de um centauro.
Façamos tanto barulho que vai
Aparentar aqui mesmo o inferno,
O chão assola-se e o céu cai
Porque hoje não irá haver governo,

O céu nunca nos irá limitar,
Com a força que trago nos pulmões
Estou uma fera pra recitar,
Mesmo estando cercado por leões.
Minha linguagem não é arábica
Canto só com a alma Nicolina,
Grande como uma avalanche bélica
Enquanto tremem como gelatina.

Deito abaixo quem se atravessar
E quem me impedir este meu caminho,
O Pregão cá está pra abalar
E nesta luta não ando sozinho,
Sei que tenho os meus Deuses lá em cima
Que me dão o vigor quando esbombardeio,
Já nem nos interessa mais o clima
Hoje por nada serei eu calado!

Irá chegar à Olímpica terra,
Irá entoar em todo o ouvido,
É garra de Guimarães, até ferra!
Que o Pregão nunca seja esquecido!

Legatus constituit Sanctum Nicholaum,

**João Manuel Santoalha Teixeira e Melo
Tiago Bragança Borges**

December MMXIII

"À D'antes"





**PREGÃO DE S. NICOLAU
DA ACADEMIA VIMARANENSE**

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2014
pelo estudante:*

*Pedro Jorge Novais Almeida
(12º ano Liceu de Guimarães)*

*Dedicado pelos autores a Frei Diogo de Murça, difusor
do culto a S. Nicolau junto da comunidade estudantil.*

* * * * *

*Ó Chão Sagrado, Ó Pátria Minha,
Com renovados olhos Te vejo;
Continuas a ser a única, Rainha,
Que rima com saudade e com desejo;
Se eu sou a brasa, Tu és a sardinha,
Se eu sou a boca, Tu és o Beijo;
Amada Guimarães, Terra de Sonho,
Por Ti esta Máscara eu ponho.*

*Voltaí para cá o holofote
Que se vai dar início ao Sermão
Não é este (como) o do Pelote
É outro o "Luís"; é outro o "João";
Na língua trago bravo chicote
Capaz de provocar grave aleijão;
Abre-me a porta, Velho Azedo!
Sei-o bem: quem tem cú tem grande medo!*

*Nicolinos, quero o rufar parado,
Há ainda tempo para mais cagaçal;
Silêncio, que se vai cantar o "fado",
Atentai no que chora este "jogral";
Quero a cidade de bico calado,
Escuta-me, Ó Mãe de Portugal!
Ouve, agora, com paciência,
Meu cantar: é canto "de excelência".*

*Velho cultor da causa Nicolina,
Na velha cidade deixaste lição;
Teu legado a todos fascina,
Tua herança transformou-se em paixão;
E a ti, por vontade sibilina,
Entrego este humilde Pregão;
Foste origem, alma e fogo,
Minha vénia aceita, Frei Diogo.*

*Atenção! Chegou a alvorada,
Sou estudante à Guimarães trajado
Como quem traz armadura montada;
Faço sentir o fogo em meu brado,
De baqueta em mão e capa traçada
A Nicolau me apresento soldado:
Um sentinela do alto Respeito,
Estudante até ao eterno leito.*

*Ó minha amada, minha querida,
Quão cintilante é tua graça;
Viva Brilhas, assim renascida,
Em cada rua e a cada Praça;
Só o teu amor nos traz à vida
E de nós faz a mais pura "raça";
Eterna Guimarães, ó Grandiosa
Minha vida é, por ti, orgulhosa.*

*Majestosa, Casa original,
Sou teu filho e teu guerreiro,
O desejo é, por ti, quase carnal;
Sou vimarano rebento verdadeiro,
Terra-Mãe, como Tu não há igual
Em todo o lugar do mundo inteiro;
Calem a boca e abram os ouvidos
Não é tempo de entorpecidos!*

*No alto da encosta se monta
Monumento tal de pedras cansadas;
A um passado milenar remonta
Um eco de batalhas escudadas;
Tão firme, nem o tempo o tomba,
Na mais Santa das Cobinas Sagradas
Se ergue a glória do Tempo belo:
Ó Façanhas do nosso Castelo!*

*Olhai, vejam bem em vossa volta,
Eterna morada do meu coração:
Cidade, terra de amor e de revolta
Do guerreiro feroz, de um leão!
Quem aqui vem, é certo que cá volta:
Faça vento, sol, chuva ou trovão;
Apaixonante és, Pérola do Minho,
Aqui vem ter todo o caminho!*

*Teus caminhos praças e lugares
São jardim de arte pedral;
Trazes cá gente aos milhares
Para ver tua glória monumental,
Ouvir contos de gentes singulares
Movidas por uma força sem igual;
Nova potência, sem narcisismo,
És o novo Centro do Turismo.*

*Já se fala, já se ouve e se canta
A gente gosta do bailar na festa;
Uma alegria que ninguém espanta
O nascimento da nossa Orquestra;
Novo fulgor em som que encanta
Merecedora de teu nome é, Maestra;
Vá! Os instrumentos, em unidade;
Faça-se ouvir o Hino da Cidade!*

Estas pedras milenares nos contam
Da velha Araduca o passado;
Agora nos ouvem e nos mandam
Cumprir o destino já marcado;
Troarei então para que façam
Da Festa de São Nicolau um Reinado;
Avança hoje, hoste Nicolina,
Cumprir o que do estudante é sina!

Já se vê o cajado ao alto
Como haste do Nicolino emblema;
Com a euforia da Posse salto
Levo à gente o Santo esquema;
Ah! Que ninguém diga: hoje falto!
Isto é compromisso, não é dilema!
A estudantada tem de perceber
Que não é só borge, é também dever!

* * * * *

Ora... eu, Escolástico Campeão,
Ao caixeirinho quero deixar recado:
Está a Bica Agora à mão,
Vem, e logo serás empurrado;
Faz parte da Antiga Tradição
Andares molhado... bem habituado;
Tem medo, ó Futrica, tem muito medo,
Aqui não mora o teu folgado!

Ouve os teus, Ó Santo Vetusto,
Dedica-lhes tempo de teu Amor;
Os anos passam e não há fruto,
Quem lhes escutará, de vez, o clamor?
Quando lhes aprovarão o estatuto?
Intercederás junto do Director?
Causa que dura é aquela que medra
Na Voz, na Mente, no Papel, na Pedra!

Mais de um par de anos já se passou
Desde o reboço Cultural;
Tanta obra (e moeda) se avançou
Muito se trocou o bem pelo mal;
Tanta coisa que nem a mosca habitou
(Será que houve mudança substancial?)
Quem andar pelas instalações
Que perceba sua função e intenções!

Ó dos Reis, não estremeças na tumba,
Parece que atacar monumentos é banal,
Tão comum como tocar o zabumba;
Pendurar-se na espada Senhorial?
Já me filiei, toca a andar... pumba!
Quero alto cargo Presidencial;
Não somos do Mário nem do "chaimite",
Não cedemos à partidárite.

Caminha o País todo marado
Já vai funda a sepultura que cava;
Quem terá o cérebro cagado?
Dar um "honoris causa" ao Bava?
Bem, já haviam dado ao Salgado;
Cuidado: anda por aí um novo Trava!
Ajeita a espada, Nohre Afonso,
Vai Crato, vai todo e qualquer sonso!

(É o Barroso, condecorado??
... Maldito pensamento borrado!)

Que mundo é este onde eu vivo?
Fala-se de Banco, de Submarino...
E do Orçamento Participativo...
Se cá estivesse o poder Afonsino
Não se livrariam de um correctivo;
Com tanta mama, posso ser inquilino?
Falta agora, solene, sentenciar:
Mas quem será? Quem se há-de culpar?

Gostava de assistir à exibição,
Mas está mau, há muito azedume;
Queria bilhete, mas... sem razão,
A distribuição cheira a estrume;
Os estudantes não têm participação
Na Magna Festa que é SEU costume;
Somos um só, sem mais... sim, iguais,
Acabem-se as guerras territoriais.

Sim! Escutaram bem! Nem que imigre!
Não vou deixar o povo ao galifão
Nem A Muralha, nem a ACIG,
Serão motivo de excepção;
Esta terra é de quem aqui vive
Não há que dar sempre milho ao capão;
Baixai a crista, ou será cortada...
Ou no Velho Chafariz afogada!

E uma visita ao novel Presidente?
Pedir-lhe-ei, sem ser com jeitinho,
Que tenha a ideia bem presente
De escoar o trânsito rapidinho;
De carro, no centro, só o valente,
O doído, o tolo ou o maluquinho!
Quem o cabelo tiver em boa conta
O carro esqueça à hora de ponta.

(Passou já, mas é favor não esquecer:
Venha nova ligação à Vila Termal;
Os famosos sabonetes quero eu ter,
Imagino-me cheiroso pelo Toural;
E, se a vida para tanto der,
Um salto darei, longe de Portugal;
Irei visitar, mas não agora,
As casas de Guimarães (Europa Fora!)

Só pelo Vitória, Povo amado,
Tolero qualquer engarrafamento;
Com o Jamor sonho acordado,
Vivo ainda naquele momento:
O símbolo, ao peito bordado,
Erguendo bem alto a Taça ao vento;
Quem o viveu jamais poderá esquecer
A Bancada Norte a estremecer.

Que mal que a época terminara
Para os comandados do Vitória;
Quanta vez o assobio sobrava,
Quase se perdera a memória;
Aquele que o Vitória guiara
Deixara escapar a História?
Está bem que não é de aluquer,
Mas Jamor... é quando um Homem quiser.

Novo ano, Renovada Vida,
Com toda a força, a todo o gás;
Até ao topo abriu-se avenida,
A poeira fica para quem vem atrás;
Ah Vitória, que épica corrida,
Depressa fugiste às horas más;
Porque é já grande a euforia:
Sonho ao som de campeã melodia.

* * * * *

Saudade, Quão grande é a Saudade
Que num fôlego invade o peito;
Vive-se nesta Festa a Verdade
A que tanto foi também sujeito;
A folga, o riso, a amizade,
A falta de tão remoto leito;
Quiseram Minerva, mas também Orfeu
Naquele velho tempo do Liceu!

Musa, e como há por cá tanta,
Humildemente te peço inspiração,
Concede também a este que canta
Força e voz para a restante missão;
Que não se me engasgue a garganta
No dizer de um qualquer palavrão;
Porque também tu és Venerada
Nesta folga antiga e sublimada.

Vê, Avó, tanta "fermosa" neta
Que nesta terra tua se faz passear,
Não me tomes por tolo profeta:
Uma ou outra hei-d'eu cortejar,
Coração que ache minha seta
Muito há-de sorrir (Oh...e chorar);
Triste de quem desfez a Torre dos Cães,
De lá cantaria à Moça de Guimarães.

Mais Bela Flor do mais pulcro Jardim
Que viu, em certo dia, Portugal Brotar,
És o princípio, o meio e o fim,
És pétala que nunca pôde murchar;
Espera-te no alto do varandim
O Trono de onde costumás reinar;
E, bem lá no cimo, já amanhã,
Do cavaleiro receberás a Maçã.

Pegai na cana, afiai a lança
Amanhã é dia muy especial;
Não há repouso, ninguém descansa
Há que encontrar a dama ideal;
Que olhares doces ela me lança...
Já lh'imagino o calor corporal;
Por ti, roubava o fogo a Prometeu,
Meu Santo patrono: o dia é teu!

Santa Madrinha, todo o Pregão é teu
E toda a festa é também tua;
Crê, quando olho o estrelado céu
É teu o rosto desenhado na lua;
És Mãe que o Nicolau Santo me deu,
Mãe em casa, na escola e na rua;
Aninhas, Senhora do meu Coração,
Por Ti meus lábios sempre chamarão!

Trago já dorida a gengiva
E a garganta não me deixa já cantar;
Antes que acabe como o (Pedro) Oliva
Melhor será não mais continuar;
Estudantes, reúna-se a comitiva,
É chegado o momento de retirar...
Mas, antes de me juntar a Nicolau,
Peço-vos: castigai (as) peles, força no Pau!

Ó Pregoeiros anteriores a mim,
Ó Nicolinos de outra Era,
Escutai este vosso Delfim:
Sois convocados para esta esfera;
Juntai-vos agora ao Supremo Chínfrim,
Tanto barulho abrirá Cratera!
Fazei soar o Colossal Trovão;
Quero sacudir o Mundo de abanão!

Por todo monte, montanha ou serra,
Por tudo o que é ou não selvagem;
Onde quer que faça paz ou guerra,
Ouça-se o grito daqui da menagem;
Ó fim do mundo, ó confins da terra,
Até vós vai singular mensagem:
Nada podeis contra este desatino,
Nada pára o truar d'um Nicolino!

Pasmai a Terra com esta gala
Que faz tremer o piso e as emoções;
Travaremos bomba e toda a bala
Elevando a voz às constelações;
Por estas palavras, Nicolau fala,
Remetendo a vós a maior das missões;
De no fim dos tempos ainda se ouvir
O Som Nicolino a explodir!

Esta batalha está já ganha;
Ó Chão que sentiu Portugal a nascer,
Abre-te até à última entranha,
Solta esse Berro, fá-lo erguer!
Quero escutar barulheira tamanha,
Estudantes, começai vosso mester!
Acordai Mortos, é chegado o fim,
O Mundo poderia acabar assim!

Legatus constituit Sanctum Nicholaum,

Manuel José Pinto Machado

Paulo César Gonçalves

December MMXIV





2013



2013



2014



2013



2013



2014



PREGÃO DE S. NICOLAU DA ACADEMIA VIMARANENSE

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2015,
pelo estudante:*

Afonso Vilhena Roque Coelho Lima
(12º ano Esc. Secundária Martins Sarmento)

*Dedicado pela Academia e pelos autores ao
Saudoso Nicolino Rui Miguel Dias de Castro
Vieira, 1. vogal da Academia em 1993, Presid.
da Acad. em 1994 e em 1995, Pregoeiro em
1993 e em 1994.*

*Dedicado pelo pregoeiro a:
Albano Guimarães Coelho Lima*

*Salvé Guimarães, Ó Terra Prometida;
Escuta a voz deste emissário;
Ó Musas, dai fala a esta mordida
Para que este Pregão seja lendário;
E Vós, dai descanso à pele (já) dorida,
Escutai o que há de (mais) precário;
Minha garganta causará tanto dano,
Ouvir-se-á um som sobrehumano.*

*Parai, ó guerras, fome, miséria;
Termine já a discussão temerosa;
Fará calor, até na Sibéria,
Minha Voz é Arma Poderosa;
Estremecerão os pilares da Ibéria
Por ser esta festa tão grandiosa!
Lembre-se o resto da humanidade
Que nada escapa ao falar da Verdade.*

*Quero silêncio sepulcral neste seio
Como o do alto da Atouguia,
Que de balelas ando eu cheio;
Quero ouvir os Nicolinos d'outro dia:
O sussurro, no ouvido, de anseio,
De um dia poder voltar à folia;
Intervém, Ó Santo! Quero posição
junto do Roriz, do Rui, do Bráulio, do João.*

*Do alto nos vigias as façanhas,
(e mesmo com esse tal "rapanço")
Continuas a mais bela das Montanhas;
Ó Penha, lugar do meu descanso
E de tantas "namoradelas" ganhas;
Quando te vejo, ao longe, logo amanso:
É o regresso às minhas entranhas;
Desmoronada? Só quando o Pio cantar...
Nem no fim dos tempos tal dia irá chegar.*

*Possa este Canto apregoado
fazer jus à Cidade, ser-lhe leal;
Entre o Presente e o Passado,
Entre o tido por Mito (ou por Real),
É a Muralha tua que tem guardado
o Verdadeiro Sangue de Portugal;
A Alma e a Mente são do Mundo,
mas meu corpo é deste Chão Fecundo!*

* * * * *

*Ó Menina dos olhos meus: que teia;
Não me digas, há "homens-aranha"?
Seres, em 2020, Capital Verde Europeia?
De cobra? Não, é de sardão essa banha;
O Ave, o trânsito, e, ouve, Ó Plateia:
a EcoIberia...seria façanha...
Não vejas isto como um ataque,
mas...o patrocínio é da Robbialac?*

*(Rio de Couros, serás cais de embarque
da via (verde) para o "Avepark")*

*Ou será a "Barbot" a fazê-lo?
Há tinta verde para todo o tom;
Pinte-se tudo: do Toural a Lordelo,
o resultado há-de ser muito bom;
Depois, com sorte, figurará em sêlo;
Para ser Capital tens especial Dom;
Escuta estas palavras "profundas":
hás-de ser Capital das Rotundas.*

(Porque...)

*Já há outra, grande e agreste,
na mítica "Volta do Pedroso";
Que ninguém diga que não se investe,
dará azo a assunto "caloroso".
Tu, Ó Estudante, já lá estiveste?
Aquele chão é (mesmo) "fabuloso";
As rotundas são pedido (pouco) secreto
para PSP e GNR "roubarem" por decreto.*

*Senhor Machado, traga a comida
antes que eles a levem embora;
Está difícil a nossa vida,
querem-nos (a todos) daqui para fora;
Digo-vos, com raiva incontida:
Quero um novo "Tratado de Zamora";
São os mercados e é a "troika",
mais a classe política paranóica.*

*E a "Rainha" Alemanha diz
e toda a Europa vai atrás:
"Ai, ela é senhora do seu nariz
e...sabe muito bem aquilo que faz";
Tretas! Atiremo-la ao nosso Chafariz,
estou farto de tão ignóbil capataz;
E da Volkswagen o escândalo...
Era Português (ou Grego) o vândalo?*

O coelho e o "irrevogável",
mais o pobre do cavaco, coitadinho,
tratam os bancos de forma amável,
o salgado, por exemplo, é um santinho;
Achais este comportamento aceitável?
Valê tudo só pelo dinheirinho?
PAF! Parece que houve eleição...
(Indiana Jones, o costa é teu irmão?)

(Ó prisioneiro quarenta e quatro:
Que tal, estás a gostar deste teatro?)

Ai, Vitória, lá se foi para Lisboa
o Rui, teu homónimo treinador,
e tu, "impreparado", ficaste à toa,
arranjaram(-te), à pressa, um sucessor;
Andou sem "direcção" tua proa,
ao sabor dum vento "evangelizador";
Mal havia começado a "partida"
e já a UEFA fôra à vida.

Metia água (e dó) a frágil Nau,
parecia o naufrágio iminente;
"É, ó pá, não vais comer o bacalhau",
disse ao Armando o Presidente;
Chegou o Conceição (que feitiço mau!),
nem todo o sócio ficou contente;
E foi-se a Liga, e voou a Taça;
Se a confiança já era escassa...

* * * * *

Olha "ele", o Dois Mil, a Nova Gera;
Que cara linda. A barba, onde mora?
Será do telemóvel (logo que nascera)?
Ou da falta de sol (de não andar cá fora)?
Bem, não sei... mas que tristeza me gera:
preferir o "Insta" à Natureza sedutora;
Que importa se amanhã já é tarde?
"É que eu sou do pessoal do hard."

Calças largas... para guardar o almoço,
O teu pai não te "apresenta" o cinto?
De Homem vejo só leve esboço,
temo que venha a ser extinto;
O que tens na cabeça, (além do "cap") ó moço?
É assim que te julgas distinto?
Descobre, vai ler, muda de "atitude";
"Mentalidade" é (bem) mais que ser rude.

E Vós, Ó Meninas, que da beleza
o mais nobre bastião procurais ser:
isso não vai lá com ligeireza,
muito trabalho tereis de verter;
Pose, elegância...e subtilidade
não se adquirem só pelo lazer;
É o "swag" e o "kizomba"...da "SIC",
a foto à comida...e o "selfie stick";

E vossas citações muy lamechosas,
um pouco por todo o "Facebook",
são fruto de leituras xaroposas
impingidas por um qualquer "duque";
Por que raio andais (Vós) tão melosas?
Fará isso parte de um qualquer truque?
Quereis falhar? Não precisais de prometer;
Hã tanto mais (Oh, se há!) que podeis ler.

Mas...é esta festa, por direito, Vossa,
e sê-lo-á pelo tempo adiante;
Cometeria asneira, e da grossa,
se o negasse; Ó coisa ignorante;
Chega! Moças, ouvi a Palavra Nossa:
Apesar do que disse, estou confiante
de que vosso futuro será risonho;
Qual de Vós será minha Mulher de Sonho?

* * * * *

Alumiai agora sua alma:
Ó Senhora, Mãe dos Estudantes,
Faz com que nunca perca a calma
Nas buscas por ti, tão constantes;
Por teu rosto passaria minha palma,
com carinho, nas horas (mais) fatigantes;
És inspiração, força e anseio,
Para o regresso do santo devaneio.

Esteve Nosso Chafariz apinhado,
Caótica fila, uma multidão;
Que dia esse, O do mais Votado,
Fez-se da regra tremenda confusão;
"Equívoco Legal" com o eleitorado,
Nas urnas mais violadas da Nação;
Antes que, de ordem, a festa caduque,
Para o ano candidato-me... via Facebook,

Da Nossa Festa houve Convenção,
e muito importante é reflectir:
Saberão as escolas da Tradição?
Saberão tamanho Património gerir?
A resposta é, ao que parece, "Não";
Quererão a festa, de morte, ferir?
Dizes-te Mãe, mas...assim, nem tia;
Que honra houve naquela cadeira vazia?

(Viva! A trégua foi declarada,
Houve, finalmente, boa discussão;
A separação, por momentos, estagnada;
Foi positivo assistir à lição
Na "muy nobre" Plataforma escutada;
Ouvidos - sem a "Mãe" - em união,
Falaram todos: do velho ao garoto,
que não caia é tudo em saco roto.)

(Senhor Vereador, nada o impede,
cumpra a Promessa: dê-nos uma sede.)

De Minerva sou bravo Cultor,
Estudante, como outros, Nicolino;
À Causa dedico o meu Amor,
em verso o faço, Alexandrino;
Não procuro fama nem louvor,
basta-me poder escutar Nosso Hino;
A Nicolau, e a outros antes de mim
que convocaram o Vimarano Chinfrim!

*Está a Verde Árvore erguida
e parte da Novena escutada;
Foi a Posse ontem recolhida,
ao Magusto dando mesa recheada;
Hoje canto, com voz alta e sentida,
por deste dia ser essa a jornada;
Ó Festa que passa num arrepio:
partes mas voltas, tal e qual um rio!*

*Amanhã, Dia Santo para a Velhada!
Meu São Nicolau, sou teu herdeiro,
Novos: fitas alçadas na espada,
(Vamos lutar o futrica "Nicolheiro")
Tão alto, quanto a Posse dada;
Que se ouça por aí, no mundo inteiro:
Festa há muita, por toda a parte,
Mas como esta? Nem no mundo... nem em Marte!*

*Meninas, Damas, Sonhos, Esperanças,
Flores, Amigas, Amantes, Companheiras,
Seguidoras de minhas +ernas andanças:
Fazei de nossos corações vossas bandeiras,
desta existência só levarei lembranças
De vós, Moças; Emoções verdadeiras.
Flor, por ti luto, com punho de aço,
Hoje não me poupo ao embaraço.*

*Doces rostos de feminino traço,
Delicadas, ao meu toque, bonecas:
Que Vontade ardente por vosso regaço,
Deixai para lá as discotecas,
Qu' esta é festa vossa! Por vós a faço!
(Ou ficarei pendurado pelas cuecas)
No Baile, nas Maçazinhas, na Vida:
Jamais vos deixarei sem despedida.*

* * * * *

*Alerta, que perto está a meta,
são as últimas palavras, coragem!
Força, ao alto essa maçaneta,
que aqui, hoje, se prestou homenagem
ao orgulho pela nossa capa preta;
O tempo recordará esta linhagem!
Tocai todos juntos, em repique,
O som potente (sem nenhum tique)!*

*(Ah, por evocada a Negra Capa
que aninhada jaz sobre a batina
lembro: outro lugar não há no mapa
só mesmo cá, na Sagrada Colina,
o Traje se cola, como vera Lapa,
ao estudantil corpo, em rotina;
Honra à Farda, por ser, de Natureza,
a da Velha Academia Portuguesa!)*

*Ao Alto a Bandeira! – Vogal, tem mão na haste.
Vamos tomar este Mundo de assalto
contigo Afonso, na Pátria que forjaste;
Somos a grande Nação que exalto,
as pedras das ruas que cruzaste
são o Tesouro que hoje esmalto;
Guimarães, por ti, doa o que doer
contigo: "Antes quebrar, que torcer"!*

*A Nós Te tiraram, "Velhinho",
e é já tanta a Saudade,
interrompeu-se o Teu Caminho,
não creio, ainda, que seja Verdade;
De tantos dos Nossos foste Padrinho,
Um Catedrático da Amizade;
Diz a Marte, Senhor da Guerra,
que apenas o Corpo ganhou a terra;*

*Porque Tua Alma vive em Nós,
Invicta, em cada um, no Peito;
Não há no mundo carrasco (ou algoz)
capaz de privar-nos desse Direito;
Ó Chinês, junta à minha a Tua Voz,
concede-me o Final Perfeito:
Guimarães, assinala o fim deste Pregão
entregando às peles o Teu Coração.*

*Ó Imenso Céu, Abre tuas Portas,
Manda-me os Nicolinos do Passado;
Quero-os aqui, Almas jamais mortas,
Quero-os cá, rufando a meu lado!*

Pela Graça de São Nicolau dos Estudantes

**Os Autores:
Manuel José Pinto Machado
Paulo César Gonçalves**

December MMXV





PREGÃO DE S. NICOLAU DA ACADEMIA VIMARANENSE

*Recitado aos 5 de Dezembro de 2016,
pelo estudante:
Tiago Oliveira*

(12º ano Esc. Secundária Martins Sarmento)

*Este texto é dedicado ao Saudoso e inesquecível
Francisco da Cunha Oliveira Ribeiro, 2. Vogal
de Festas da Comissão de Festas Nicolinas de
1975, Tesoureiro da Comissão de Festas
Nicolinas de 1976, Tesoureiro e Pregoeiro da
Comissão de Festas Nicolinas de 1977;*

*Dedicado pelo pregoeiro a:
Comissão de Festas Nicolinas Vigente.*

*Mundo: dá-me silêncio, só neste dia,
Escuta meu canto da Verdade;
Caixas e bombos: mostrastes harmonia
aclamando as Festas da Mocidade;
Mas, agora, Fale-se desta Academia,
da Vida (que é Vida) e da Saudade;
Escutai bem quem daqui do Alto vos fala:
Toda a palavra será tiro de bala.*

(Portanto...)

*Caluda, populacho...Hoje falo eu,
E ai de quem perguntar de onde venho;
Da Tradição sou a voz (que o Tempo me deu);
Nada me escapará (nunca me contenho);
Da corrupção, à maldade que mais doeu,
falarei com "Mor Nicolino" empenho;
E direi, sem qualquer tipo de mordaza,
o que de mais podre "habita" esta Praça.*

*Começa aqui, à hora, a "peixeirada",
mas com nobreza, e elevação;
Não quero (Oh não) qualquer "borrada",
nem "frase feita", nem sequer "chavão";
De "cliché" e "lugar comum", nada,
que a palavra merece atenção:
Escutai, com esmero, a ladainha,
a minha história da Carochinha.*

*Ó Terra da Força e da Bravura,
Ó Chão do mais fero combatente:
quero ter voz que se ouça (em altura),
no passado, no futuro: no Presente!
E mesmo que haja (por aí) brandura,
(ela) não extinguirá este amor ardente;
Quem por cá nasce (vive e morre)
Sabe o sangue que pelas veias lhe corre.*

*Solo orgulhoso de pedra antiga
onde começou a caminhar Portugal:
Tuas praças e muros são dura viga
do fervor da Aurora Nacional;
Teu rosto, Tua face amiga,
são, deste Lugar, o brilho especial;
Lembraí-vos: É esta a Terra da Nação
que nunca renderá seu coração!*

*(Em Guimarães, a gente é de garra:
Não se "vende" ao "barulho" da "fanfarra")*

* * * * *

*Velha Guimarães, quero atitude
de milenar glória incontida,
mas, lembra-te: és feita de juventude;
(nunca "morta", jamais "esquecida");
É qual a Tua grande virtude:
recordar a Festa, ou dela seres a vida?
Quando, um dia, eu tiver de chegar ao fim,
que o ser Estudante seja lembrado assim.*

*(E porque o "discurso" se quer todo,
Passemos, pois então, à parte do lódo);*

*O trânsito soluçando (que barafunda!)
por entre obras...não: "estaleiros"!
Nosso chafariz já serve de rotunda;
(os novos semáforos serão candeeiros?)
Continuando assim, ficarei corcunda,
olhando o chão (para não cair aos "bueiros");
Poderíamos optar pelo barco,
se o Rio de Couros não fosse um charco...*

*(e a Polícia (não) encheria o papo
autuando o sardão, a rã e o sapo...)*

*Ó Cidade, estive (muito) calor,
neste Verão do nosso (des)contentamento;
aquele ar-condicionado de grande valor
é que nos teria dado bom alento;
mas estive desligado (fizei clamor!)
passará, certamente, a "monumento";
(E livrou-nos o Santo de miséria
ao despachar o "cheiro" a EcoIbéria);*

*(Só ficou o do churro e o da fartura,
junto ao poiso da Árvore "dura")*

*As Gualterianas foram para a Costa
(é, bem o sabeis, ideia peregrina)
e, se procurardes por uma resposta,
(ela) surgir-vos-á, quase repentina:
A Festa da Cidade, agora proposta,
é aquela feira...a Afonsina;
mas "Afonso Henriques", em Guimarães,
só há o (Zé Maria) Magalhães.*

*(Mais cinco anos e estarão no Pio Nonno;
e pronto: muda-se-lhes o Patrono)*

E a Torre da Alfândega, como vai ser?
Aquele I.M.I, quem é que o vai pagar?
Deve ser barato (até deve doer),
com (todá) aquela vista de encantar...
(Vê-se o Sol à espera de nascer
e a Lua com vontade de reinar);
Estudantada, ouve minha opinião:
seria uma boa sede para a Comissão.

(Ó Câmara, e uma definitiva?
Uma que não seja "primitiva"...)

Porque se fosse para a "VÉME",
Vi, era certinho, 'piava logo fino';
(medalha da Cidade para 'o do leme'
e para o outro que se acha 'divino')
Se uma é o 'leite', a outra é o 'creme',
Amor meloso (e 'marroquino');
Um dia, virá sentença pouco "cara":
Traje "tricornio" em Santa Clara.

(Fita verde, ou a fugir para o vermelho;
ou castanha, da côr do Ave...ou do Selho)

E o (Rio) Vizela, que tonalidade,
que espanto de odor e de "limpeza";
Houvesse no mundo resto de "dignidade",
e, ganharia, com toda a certeza,
o campeonato da salubridade,
com confortável margem de justeza;
Prometa-se já, de forma incisiva:
Vizela, Capital Verde...radioactiva!

(O curioso nesta "barracada"
é ser Guimarães a verdadeira piada)

Houve eleição Presidencial no País
do "sôdoutor" e do "s'ingenheiro";
(não há licenciaturas de raiz:
só a troco de (muito) dinheiro);
O "Sê Professor" fez o que bem quis;
(a "lente" da TVI preparou-lhe o poleiro)
E ninguém mais soube do Nóvoa...
(deve estar de férias na Póvoa)

Tenho de ter (mesmo!) muito cuidado,
agora (que) o piropo é crime;
Há confusão à farta (por todo o lado):
cursos, escolas e "rankings" (sem "regime");
É o público contra o privado;
(ou o pouco e o nada sublime)
Agora que a média não é a mais alta,
será Medicina a "vocação" da malta?

(Para quem de Nós desdenha - "Liceu e "Xico"
- escolhei entre um pote e um penico.)

Neste ano de desgosto incontido
e de alguma revolta (são quase iguais),
Foi, na Ilha, o incêndio desmedido,
ceifando a esperança aos demais;
Foi como nos Estados do País (des)unido;
(com aquelas eleições presidenciais)
É Direita, é Esquerda: a malta manda...
mas continua igual o som da banda.

(E o Dias fez um "brexit" à Palito;
Sabês, Polícia, mereces um "manguito"!)

* * * * *

Ó Vitória, mas que grande pujança,
que grande poder de concretização;
Esta época, estás a encher a pança,
Queres lutar pelo fino de campeão
que em Basileia se ouviu? (ai, lembrança,
tira-me da cabeça aquele ladrão!)
Isto promete, assim até dá gosto,
Futebol com novíssimo rosto!

(Põe aqui os olhinhos, Ó Conceição:
Trabalho, talento e dedicação.)

E os adeptos? Que enorme campanha,
já triunfam (e de goleada!);
É enorme a sua façanha,
nada se lhes compara: mesmo nada!
Aviso: Marega, cuidado com a manha,
ou levas uma valente bengalada.
(que a espada está de convalescença
desde que o outro lhe fez sentença)

(Há-de ficar boa para, mais uma vez,
aquecer o rabo - como fez o Éder - ao francês!)

Visto - à Portuguesa - com Amor,
Armadura do Corpo e da Mente;
(como usava Afonso, "O Conquistador",
para dos perigos ser repeleto);
Assim é o Nicolino o curador
de um Traje companheiro (e presente)
que lhe cobre a Carne e a Alma;
(em tempo de guerra e em tempo de calma).

(O que eu gostava que fosse...)

Mesmo sem a falta de romaria,
um pouco por todo o (nosso) Portugal,
Vens infiltrado, senhor da tropelia;
(feio, sujo...e a cheirar bem mal!)
Nem penses que escapas à água fria,
à sentença do banho no Toural;
Foge, Futrica, fuge enquanto podes,
Bendito o dia em que te afogues.

(Mas a dura realidade é esta)

No reino futrica é grave a crise,
agora, todá a gente estuda;
Lá se foram os rivais; Ó Banda dos Guise:
é como tocar para gente surda (e muda);
Já não há banho; Sim, há quem pise,
mas não há quem pisar; Quero ajuda!
Teremos de encontrar novo rival
para dar uso ao Chafariz do Toural.

(é certo que andaram lá uns de "collants"...
uns...ou umas? Nem sei...noviços...ou "irmãs"?)

Mas, onde param mesmo os "fiéis",
neste ano de Festas à semana?
Se é para todos, como mandam as leis,
Por que raio ficam tantos na cama?
Na hora da foto todos são "Reis";
(como na "disco", ao fim-de-semana)
Assim revelas o cu, Ó Nicoleiro,
As Tuas Nicolinas são (só) o Pinheiro.

(Ó "Jota Éne", és de meter dó:
Comissão de Festas de um número só?)

Faça-se luz para esta lembrança,
é tempo de, solenemente, enaltecer,
a obra daqueles que, como herança,
deixaram exemplo, honra e saber;
Ser Nicolino é ter olhos de Criança
num mundo que não pára de envelhecer;
A Hélder Rocha, nosso "Nicolino-Mor":
Consigo, este "sítio" foi melhor.

(A Ele e a Faria Martins, Senhor:
Dois nomes para (duas) Ruas, por favor.)

* * * * *

E quando o amar era dar a mão?
Ouve lá: o que é feito da cortesia?
Eu sei, os tempos das cartas já lá vão,
mas não pode ser só tecnologia;
(Porque na hora de entrar em acção
é preciso fazê-lo com poesia;)
Vai-te daqui, ó gente caótica,
(amanhã) não há maçãs por fibra óptica!

(Para onde vais, ó mocidade?
Deixaste de ter habilidade?)

Ó (tostada) Rainha do Solário:
"tá tranquilo, tá favorável", é isso?
Com tulicreme na cara, e diário,
tens estranha parecença com um chouriço;
Até rapazes...(não digas o contrário),
andais todos no mesmo compromisso;
(^{RP} de profissão, no ginásio fez o curso,
com direito a lanche...e a "recurso")

E é cada frase mais choramingona
a enfeitar vossos feed e mural;
uns com um problema de testosterona,
outras com distúrbio sentimental;
Um conselho: pegai numa esfregona
e lavai-vos bem (cheirais muito mal!);
Ah! E escutai música harmoniosa,
a que ouvís é (sei lá) pirosa.

(Alto lá, que também sei elogiar;
escutai a minha arte de "emendar")

Mas Tu, Menina, da Folga a mais fina Flôr,
Não há no Mundo outra mais formosa,
(O que seria do Mundo sem Tua Côr?)
Escuta minha palavra, sempre respeitosa,
Abre Teu Peito ao (meu) canto em Teu Louvor:
Não importa se verso, se quadra, se Glosa;
se soneto, se Ode, se prosa, se Pregão;
Nenhum(a) te faz Justiça: És Coração!

Esperarás por mim lá no teu palanque,
Amanhã, pela tarde (já tardinha)?
Aparecerei no meu carro (ou tanque),
Procurar-te-ei, Ó Donzela Minha;
Carregarei a Lança, a pé (nem que manque!),
entregar-te-ei a Maçã mais coradinha;
Dos Presentes, guarda-me o mais sábio:
Um doce beijo em cada lábio.

(Avançarei, firme, em "linha recta",
que, ao longe, já vislumbro a Meta!)

* * * * *

Xico do Jesualdo, ergue-te do assento,
acha frincha de onde possas escutar
(aí no Paraíso) este meu lamento
que Tua Memória pretende exaltar;
Ouve a Palavra levada pelo Vento,
Ao Mundo quero Teu Nome recordar;
Ganhe minha Voz Poder Divino
para poder cantar-Te, Nobre Nicolino!

E este Som que em meu peito ribomba
é desta Terra a Banda-sonora;
"Vão-Mestre", esconda a grave tromba,
zarpe daqui, xô, (rápido!), embora!
Filhos de Nicolau, largai a bomba,
chamai o Barulho, chegou a Hora!
Chefe, vá, ajeita a Boneca,
Este Trovão ouvir-se-á em Meca!

Às Peles, Juventude, ao Trabalho,
 façamos o Mundo estremecer;
Que o medo não sirva de agasalho,
Maçanetas ao alto, toca a erguer;
Minha garganta já acusa o orvalho,
Vamos, agora, não há tempo a perder;
Soltai a Ira, Vertei a explosão,
Quero escutar-vos em plena União!

Fazei abanar os Pilares da Terra,
desviai os astros da órbita habitual;
Dizei ao Universo (como Alma que berra):
Aqui, por Guimarães, corre o Sangue de Portugal!

AUCTOR

**Relegaberis Nicolinum scriptor:
Gonsalvus filium P. Caesar;
Philosophus (in dies Martis);**

(cum Securis M. amicorum auxilio)



www.costaguerreiro.com



2015



2015



2015



2016



2016



2015



(REPRODUÇÃO DA CAPA DO PREGÃO DE 1902)

Recitado aos 5 de Dezembro de 2017

*Dedicado pelos autores aos Bombeiros de
Guimarães e da resta de Portugal que
todos os dias dão a vida para nos servir.*

*Dedicado pela Comissão a todos os
escritores de pregões das últimas 200 anos.*

*Dedicado pelo pregoeiro a todos os que
lutam pela causa nicolina.*

* * * * *

*Eis agora Terra Mãe: um Novo Ano.
Amansai o pau, não quero ouvir ruídos
Força na Alma e na Voz, sem engano,
Evocando os Nicolinos, no céu reunidos
Para mais uma vez em feroz união
Dizer aquilo que gira neste seio
Procurando destruir em forte explosão
Qualquer trapaceiro que não tenha receio.*

*Hoje o sentimento é profundo
Vos saúdo com fraternidade
São as Nicolinas, meu mundo
As festas dos estudantes da cidade
Deste burgo que tanto tem para dar
Somos todos nós quem o ama
São vocês quem as festas fazem andar
Nunca dando muito valor à fama.*

*À minha nobre Academia,
Peço que me deixeis recitar
Aí em baixo ninguém pia
Cá de cima o caixeiro faço calar!
Temos tarefas bem definidas,
Não quero sequer um estremunhar!
Nesta cidade tão conhecida
Por suas Festas de encantar.*

*Às meninas, as mais belas do Mundo!
Troquemos uns olhares, mais p'ró final
Senão ainda bato no fundo
E isso não seria nada bom sinal
Parai! Iluminai-me o caminho,
Para mais um pregão de arrasar
Sem vós eu sinto-me sozinho,
Não consigo sequer respirar!*

*São Nicolau, meu santo consagrado
Teu nome é sinónimo de Virtuoso
A ti peço um pregão imaculado
Que o cante em tom mui gracioso.
Tuas lendas assolam os quatro extremos
Deste mundo, sem olhar a crença
Em tua honra esta festa fazemos
Que seja louvada tua nobre sentença!*

*A ti Afonso destino o meu recital
Desta mui nobre pátria que criaste
Ergueste muros de forma colossal
Ao Mouro a entrada barraste!
Transmite-me tuas forças de rompante
Para este pregão ao céu chegar
Diz aos Velhos que a Comissão é possante,
E que as Festas serão para relembrar!*

*Não mostrarei qualquer piedade,
Para vos dizer o que me angustia
Sou bravo, traço capa de vontade,
Fui escolhido pela Academia
Minha Batina é de gratidão
Minha máscara é Liberdade
Tenho orgulho na tradição
Vai continuar para a eternidade!*

*Aqui está a Vimarana Academia
Em ano de eleitoral promessa
Como costume, veio logo profecia:
"Este ano ides ter sede depressa"
Bragança ficou bem lá na frente
E até festejou de janela aberta
A ver seus apoiantes sorridente
Mingos, mentir não é coisa certa!*

*São anos e anos sempre a lutar
Por um local com mínimas condições
Qualquer dia a bolha vai rebentar
Vão ter de levar com as ex-Comissões
Os Velhinhos estão (sempre) ao nosso lado
Estão fartos deste erro frequente
Também sofreram do nosso fado:
De não terem uma sede decente!*

*Chegou! Foi mais um ano de Eleições
Promessas, bandeiras no ar e cartazes...
Ainda com pó de tantas construções
À luta do voto, lá foram os rapazes.
Sem stress e qualquer indignação
Túneis, alguns parques e ecovias
Obras e estudos de edificação
Cumpridos daqui a três anos (e uns dias).*

Agora temos à disposição
Alguns eco-pontas e papa-chiclas
Se quiseres ser um bom cidadão
Então acorda! Vê lá se reciclas
É preciso educar a população,
Se quisermos alcançar o progresso
Porque é de geração em geração
Que se passa a fórmula p'ró sucesso.

E quando o Rei por aqui passou
Fundou nossa cidade materna,
Mas com certeza nunca sonhou
Que fosse ser metrópole moderna.
Novas vias em planeamento
E novos contornos desenhados,
Até a Caldeiroa vai ser estacionamento
E as Hortas são República noutros lados.

Nas Taipas na zona do Rio Ave
Mesmo junto, rebentou uma tampa
De saneamento! Isto é grave!
Digo-vos: lá na zona cheira a trampa
Agora digam lá, qual é a mozza?
Desde Agosto e em plena campanha
Grandes quantidades de esgoto, de fossa
Nenhum partido fala? É artimanha?

A população quer esta coisa acabada
Mãos à obra! Há muito a fazer!
Pois recentemente foi aprovada
A renovação da zona de lazer.
Então não querem a Verde Capital?
O nosso Burgo tem cor mui viva
Chamar-lhe Praia Seca não está mal
Limpem-na de uma vez definitiva!

Mas nem tudo é mau nesta Cidade,
Não é só de falhanços que vou falar
Desta vez é vitória de verdade
Sinto um orgulho que não posso controlar
Por fim venceu-se a contrariedade
O Estudante já pode aproveitar
São muitos anos de negatividade
Mas o Estatuto já está No Ar!

Todos vocês são Nicolinos,
Protegidos por oficial estatuto
As Festas são vossas, meus meninos,
Haja ou não alguém mais astuto.
Defendam-nas com vontade feroz,
Não deixem esta linda tradição
Pois se há alguém nesta urbe com voz
É o Nicolino que sente esta emoção.

Se para os adeptos a chuva é sol
Para o Júlio o dinheiro é tudo
Se a nós interessa o futebol
A ele interessa vender, sobretudo
Tantos anos a falar de passivo
E tanta, mas tanta transferência...
Nestes dois mandatos no activo
Sempre houve zero de transparência.

Então presidente, e o Benfica?
Lá vai mais uma final perdida...
Mas que mal ao Vitória fica,
Ser sempre a virgem ofendida!
Ouço o mesmo coro foleiro
Da diferença de orçamento,
Mas não interessa só o dinheiro,
É preciso suar o equipamento!

Pouco importa se ficas em primeiro
É verdade, mas não façam confusão
Queremos sempre o lugar cimeiro
Nosso sonho é ver-te campeão
Mas independentemente do resultado
Quer nos sorria ou não a sorte
Estaremos juntos, lado a lado
Sempre contigo até á morte!

* * * * *

Se de boas intenções for para falar
Chamem esses ricos senhores marqueses
Sócrates, Salgado e Bava vão narrar
Os feitos dos grandes (ladrões) portugueses,
E se de uma epopeia se tratar
Um TGV, um Freeport, uma Herdade
A nobre arte de bem saber pilhar
Faz de nós os maiores da humanidade.

O Bataglia bazou p'ra Angola
Já outro voltou ao local do crime,
Com esse Sócrates ninguém vai à bola,
Haja mão pesada contra o regime!
Lá se foram as off-shores ó banana
Deu para o torto, vai abrir tudo o bico
O primo, ex-mulheres, a fulana!
Ninguém te salva, vais levar o mico.

Portugal já nem de tanga está
Como as garinas, anda destapado
A justiça descobriu: foi o Satã.
Ninguém se safou de ser escutado,
Vai tudo a eito na operação
Peculato nunca mais! Nunca mais!
Criminosos deitaram-vos a mão
Agora aguentem, nem respirais!

Tocando agora em quente assunto:
A Lusa terra esteve a arder,
Por isso agora eu vos pergunto:
E a culpa, de quem há-de ser?
No dia em que houve mais mata ardida
O Costa não estava a sentir
Na hora de meter o dedo na ferida,
Disse: "Ó Senhora, não me faça rir!".

Também a dona da Administração
Cometeu um terrível deslize,
Enquanto centenas perdiam a habitação
Queria férias em tempo de crise!
Deste e também outros Portugalismos,
Temos tido aqui ao desbarato,
Até parece que o povo faz racismo
Contra os senhores que vestem de fato.

*Nas mãos do fogo, Portugal padece,
Ano após ano, a destruição aumenta.
Uma angústia que ninguém merece,
Um sofrimento que mal se aguenta!
Digam, de quem é a culpa afinal?
Um SIRESP, um homem, um partido?
A culpa morre sempre órfã, é normal,
E Bombeiros pagos, faria sentido?*

*Gente que por todos nós dá a vida
(muitas vezes) sem reconhecimento.
Já é altura mais que devida,
De ser profissão com vencimento!
Mantenham-se firmes soldados,
Nesses momentos bravos de alvoroço ,
Em breve terão de haver ordenados
Para compensar o vosso grande esforço.*

*Calou! Um tiro roçou-me no ouvido
Foi minha voz ou outra arma qualquer?
Se for de Tancos é garantido
Que “pode nem ter existido” sequer!
Acabou por aparecer porém,
E veio mais do que foi roubado,
Devia estar no bolso de alguém
Ou num qualquer cofre do estado!*

*Agora os nossos animaizinhos,
Podem entrar num estabelecimento.
Mas então os nossos politiquinhos
Já não entram no Parlamento?
Estão lá sempre a inventar leis
E a criar novos impostos,
Para roubar os nossos merréis
E manterem seguros seus postos.*

*Aquelas moças da Esquerdalha,
Andam sempre a criar alvoroços,
Devem ter perdido algo em canalha,
Que as fez deixar de ser moços!
Quando fizerem cartão de cidadania
Vão com o amiguinho Jerónimo
Mas quanto ao género, todavia
Vão ter de colocar: Anónimo!*

*Orçamento de estado é matéria
Mui cuidadosa meus queridos!
É para ter em conta a miséria
De quem viu os seus bens perdidos.
Esse cálculo tem que englobar
Toda a região de Portugal,
Não é só Lisboa a aumentar
E os outros a viver num lamaçal.*

* * * * *

*Sentimo-nos muito abandonados
Por todos aqueles que nos governam
Daqui a pouco somos vetados,
Como “nuestros hermanos” fizeram.
Numa nação Catalã indeferida,
Houve cacetada com fatura.
Quiseram tanto mudar de vida,
Sair d’um país, que sem eles não fatura.*

*Está a Catalunha a bater no fundo
E o Brexit ainda em decisões...
Um pouco por todo este mundo,
Há sempre destas confusões.
Será deste século uma profecia?
Tanta crise de Nacionalidade?
Encarem a vida com Alegria,
Viva a União e a Liberdade*

*E umas bombas? Eu conheço gente
Um tal Trump que faz soar a sirene
Da Síria à Rússia, há falta de mente,
Até na Coreia há um Rocketman!
Ameaça ali, ameaça aqui,
Trocam palavras, tipo acendalha...
No twitter são o Muhammad Ali
Esses aí, são pior que a canalha!*

*E se o mundo acabar dizimado,
Por caírem bombas em chuveirada
Que sobre o nosso Portugal amado
E pelo menos Guimarães imaculada!*

* * * * *

*Estudantada, o fim está anunciado
Ao alto a artilharia de pele esticada!
Fazei deste toque o mais refinado,
Erguei as baquetas com a mão pesada!
Mostrem raça a brotar desses peitos
Honrem nossa cidade tão querida...
Por Guimarães, terra de grandes feitos
Cantem alto o “teu progresso, tua vida”!*

*Essas caixas e bombos à mistura
Com alegria sentida nas gentes
À Europa mostrem a nossa altura
Com força somos grandes e valentes!
Firam as peles com as maçanetas
Como se de um inimigo se tratasse!
Mostrem força nessas canetas
Como se a vida amanhã acabasse!*

*Zurzirão peles em’stridente ribombo,
Que perpetuarão este histórico festival.
Os Deuses irão tremer com o estrondo,
Desta magnânima, festa colossal!
Dai-lhe com toda a força, esgaçai o tambor,
Rebentai as peles com golpes de baqueta!
P’ra que um dia se recorde este louvor,
Por todas as nações deste planeta.*

*Nicolau abençoa-me neste final,
Dá força à minha fala viperina!
Mostra que nada à escala global,
É maior do que a festa Nicolina!*

*Ad vos homines qui venistis populare in Vimaranes et ad
illos qui ibi habitare volerint.*

*Manuel José Pinto Machado
Vitor Hugo Fernandes Araújo
João Manuel Santoalha Teixeira e Melo
José Eduardo Freitas da Rocha Henrique*

Guimarães, Dezembro de 2017



Índice dos Pregões

- 17 1997
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],1997.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor à Madre Teresa de Calcutá.
Recitado por **Luís Miguel Batista Rocha**
- 22 1998
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Luís Miguel Batista Rocha, José Manuel Fernandes Ribeiro e Rui Miguel Dias Ferreira. Guimarães:[CFN],1998.-[1]f.desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelos autores a todos os que lutam pela causa Nicolina.
Recitado por **Bruno Moura**
- 26 1999
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],1999.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado a José Miguel Ribeiro e a todos os Mártires Timorenses.
Recitado por **Rui Miguel Dias Ferreira**
- 29 2000
O Pregão de S. Nicolau/A. Meireles Graça. Guimarães:CFN,2000(imp. Ideal-Artes Gráficas).-[1] f. desdobrável;39X33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor aos trabalhadores do Vale do Ave.
Recitado por **Filipe Manuel Freitas Guimarães**
- 34 2001
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2001.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a André Almeida Freitas e a António Maria de Sousa Vaz Vieira.
Recitado por **Antero Manuel Crespo Marques Dias**
- 37 2002
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2002.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a Edgar Guimarães e ao Prof. Óscar Machado.
Recitado por **Fernando Daniel Paredes de Freitas Almeida**
- 40 2003
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2003.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a Alexandre da Costa Rodrigues.
Recitado por **Jorge Alexandre Pires Marques**
- 43 2004
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2004.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a Maria Adelaide Meira e a Santos Simões.
Recitado por **Pedro Manuel Rocha dos Santos Rodrigues**
- 47 2005
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/A. Meireles Graça. Guimarães:[CFN],2005.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a Hélder Rocha.
Recitado por **Domingos Garcia Peixoto Freitas**
- 50 2006
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Rui Manuel Rodrigues Marques Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2006.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo autor a todos os Nicolinos.
Recitado por **Hélder Miguel da Costa Mendes**
- 54 2007
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/Carlos Barroso Machado. Guimarães:[CFN],2007.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo Autor e pela Academia a todos os Nicolinos.
Recitado por **João Nuno Jordão Santoalha**
- 57 2008
O Pregão de S. Nicolau [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo. Guimarães:[CFN],2008.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo Autor e pela Academia a todos os Nicolinos.
Recitado por **José Diogo Ferreira Magalhães da Silva**
- 61 2009
Pregão da Academia Vimaranesense [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo e Tiago José Bragança Borges. Guimarães:[CFN],2009.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo Autor e pela Academia a todos os Nicolinos.
Recitado por **Francisco José Fernandes Viamonte Figueira de Sousa**

- 64 **2010**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo e Tiago José Bragança Borges. Guimarães:[CFN],2010.-[1] f. desdobrável 39x33 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelo Autor e pela Academia à memória da Senhora Aninhas, madrinha dos estudantes na passagem dos 150 anos do seu nascimento e a Domingos Vieira de Freitas.
Recitado por Sebastião André Lima Capela da Silva
- 68 **2011**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo, Tiago Vieira Laranjeiro e Tiago Bragança Borges. Guimarães:[CFN],2011.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelos Autores e pela Academia à memória de Jaime Manuel Santos da Costa Sampaio, juiz da Irmandade de S.Nicolau. Pregoeiro em 1955, grande homem e grande Nicolino.
Recitado por André Filipe Lemos Mendes
- 71 **2012**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo e Tiago Bragança Borges. Guimarães:[CFN],2012.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelos Autores e pela Academia aos 350 anos de festa e a todos os nicolinos.
Recitado por Francisco Luís Capela Guise
- 75 **2013**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo e Tiago Bragança Borges. Guimarães:[CFN],2013.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelos Autores e pela Academia a todos a comunidade nicolina.
Recitado por Pedro Manuel Aarão Leite
- 78 **2014**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/Manuel José Pinto Machado e Paulo César Gonçalves. Guimarães: [CFN],2014.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pelos Autores a Frei Diogo de Murça, difusor do culto de S.Nicolau junto da comunidade estudantil
Recitado por Pedro Jorge Novais de Almeida
- 82 **2015**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/Manuel José Pinto Machado e Paulo César Gonçalves. Guimarães:[CFN],2015.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Dedicado pela Academia a Rui Miguel Dias de Castro Vieira 1º vogal da Academia de 1993, Presidente da Academia de 1994 e 1995, Pregoeiro em 1993 e 1994. Dedicado pelo Pregoeiro a Albano Guimarães Coelho Lima.
Recitado por Afonso Vilhena Roque Coelho Lima
- 85 **2016**
 Pregão da Academia Vimaranesse [Impresso]/Paulo César Gonçalves. Guimarães:[CFN],2016.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Este texto é dedicado ao saudoso e inesquecível Francisco da Cunha Oliveira Ribeiro. Dedicado pelo pregoeiro a: Comissão de Festas Nicolinas Vigentes.
Recitado por Tiago Oliveira
- 89 **2017**
 O S. Nicolau em Guimarães [Impresso]/Manuel José Pinto Machado/Vitor Hugo Fernandes Araújo/João Manuel Santoalha Teixeira e Melo/José Eduardo Freitas da Rocha Henrique. Guimarães: [CFN],2017.-[1] f. desdobrável 34,5x30,5 cm. Impresso s/ papel branco. Este texto é dedicado pelos autores aos Bombeiros de Guimarães e do resto de Portugal que todos os dias dão a vida para nos servir. Dedicado pela Comissão a todos os escritores de pregões dos últimos 200 anos. Dedicado pelo pregoeiro a todos os que lutam pela causa nicolina.
Recitado por Hugo Correia Fernandes



Agradecimentos

- Joana Meneses, José Caldeira e demais fotógrafos anónimos cuja identidade não nos foi possível apurar.
- A.C.F.N. - Associação de Comissões de Festas Nicolinas

TÍTULO
PREGÕES DE SÃO NICOLAU
II VOLUME

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos · 2017
Torre dos Almadas - 4800 GUIMARÃES

N.º EXEMPLARES

500 exemplares numerados

PESQUISA / ORGANIZAÇÃO

Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos

MAQUETIZAÇÃO

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Popvantagem - Indústria Gráfica, Lda.

Rua Monte de Toriz - Lote 9B

4805-622 PONTE GMR

Depósito legal: 434556/17





During its history from the [The century of the Festa de S. Nicolau, the [St. Nicholas Festival] is a typical celebration held by the students of Guimarães and known by the students as *festas-nicolas*.

The St. Nicholas Festival, one of the oldest academic traditions in Portugal (second only to the tradition of Coimbra) has unique features and involves the participation of scholars, old-to-old with the young, this generation and generations of Nicolinos. The celebration of St. Nicholas goes regular in Guimarães from the 24th of November to the 6th of December.

Another name for this festival is *Drum Nicolinos* [Nicolino Drumbeat]. The Nicolinos have been shaped by the local folklore and traditions, the influence of Classicism and Romanticism and satirical intervention in public and social events. These festivities are the reason for celebration, amusement and peculiar pranks of youth. There is always a characteristic background sound: drums thumping the traditional rhythmic patterns known as *batas Nicolinos* [Nicolino Drumbeat].

The festival is, in fact, a series of events:

Novenas [Novenas]: religious ceremonies held at the Assunção chapel in honor of the Immaculate Conception of Our Lady. These ceremonies are attended by the students who have previously called the people - always playing drums - to take part in them.

Ceias [Suppers]: every restaurant is literally crowded with Nicolinos, who enjoy themselves before the great *Pubeiros* parade.

Pubeiros [Pine tree]: a great nightly parade along the streets of Guimarães. The Nicolinos look for the tallest pine tree of the district of Guimarães. The pine tree is then paraded on ox-carts escorted by thousands of Nicolinos playing their drums exultantly. At the end of the parade the pine is 'brected' (or 'buried') on the ground. This must announces the beginning of the festivities.

Passos [Foures]: these are offers (mainly chestnuts and wine) which have been gathered by students all over the town. At night the Nicolinos start a bonfire by the *Pubeiros* to bake the chestnuts and drink the wine at the *Alguetas* and everyone is welcome to take part in the *Alguetas*.

Roubalhoiras [Thefts]: in the following morning all sort of objects, missed by roguish students during the night, appear by the *Pubeiros*.

Prelo [Proclamation]: Nicolino herald cries out a satirical and rhetorical text in verse praising local and national symbols, evoking the Classics, extolling maidens and making sharp criticism on social happenings.

Maçanilhas [small apples]: the Nicolinos ride through the town, holding long wooden sticks, which ramble spears, decorated with colorful ribbons. The *Maçanilhas* are picked from the tip of the spears by the maidens, who leave small gifts in return.

Danças [Dances]: they are, in a broad sense, short plays, gags and songs to amuse and criticize customs and personalities. Nowadays the *Danças* are staged at the theatres, although they used to be performed on the streets or even in private houses. The 'Scholastic Anthem' is sung at the end of the dances. This is the closing event of the Festival.

Over the recent decades a Ball has been held which gathers together young and old Nicolinos extending the *Festas* into a socializing and friendly repast followed by musical performance.

This book brings together all the *Preloes* (or Scholastic Band) written, printed, and proclaimed from 1997 to 2017, in a facsimile edition. Having different formats and literary approaches they are a testimony of the archaic *Festas Nicolinas* and of the historical and social atmosphere of Guimarães and his people over the last two decades, succeeding the previous volume that combined *Preloes Nicolinos* from 1817 to 1996.

This second volume of the collection will sure prove to be, as the previous one, an invaluable reference document for those who are interested in this Academic Portuguese Phenomenon.

Guimarães, 2017



*Associação
dos
Antigos Estudantes
do
Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos*